

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL

**A PRESENÇA DA CHINA NA AMÉRICA LATINA NO  
SÉCULO XXI – SUAS ESTRATÉGIAS E O IMPACTO  
DESSA RELAÇÃO PARA PAÍSES E SETORES  
ESPECÍFICOS**

MARIA RITA VITAL PAGANINI CINTRA

Rio de Janeiro

2013

MARIA RITA VITAL PAGANINI CINTRA

**A PRESENÇA DA CHINA NA AMÉRICA LATINA NO  
SÉCULO XXI – SUAS ESTRATÉGIAS E O IMPACTO  
DESSA RELAÇÃO PARA PAÍSES E SETORES  
ESPECÍFICOS**

Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Economia Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aguiar de Medeiros

Rio de Janeiro

2013

MARIA RITA VITAL PAGANINI CINTRA

**A PRESENÇA DA CHINA NA AMÉRICA LATINA NO  
SÉCULO XXI – SUAS ESTRATÉGIAS E O IMPACTO  
DESSA RELAÇÃO PARA PAÍSES E SETORES  
ESPECÍFICOS**

Dissertação apresentada ao Corpo Docente do  
Instituto de Economia da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do Título de MESTRE  
em Economia Política Internacional.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr.: Carlos Aguiar de Medeiros (Orientador)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: Eduardo Costa Pinto

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: Raphael Padula

Assinatura: \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro

Abril de 2013

Aos grandes homens de ontem, de hoje e do futuro: Bielo, Túlio, Victor e Arthur.  
A uma grande mulher, de todos os tempos: Helena.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Carlos Aguiar de Medeiros por ter aceitado me orientar nesse trabalho. Ao entrar para a UFRJ eu já o havia “eleito” como meu orientador e teria sido muito difícil dar continuidade aos meus estudos sem suas precisas colocações.

Agradeço a Roberto Dias, por seu pragmatismo contagiante em relação à China, por nossas poucas mas longas e ricas conversas e por todas as dicas e contribuições como participação em palestras e acesso a materiais importantes, contribuindo enormemente com importantes conclusões aqui tiradas.

Agradeço a Severino Cabral, que mesmo antes de eu pensar em começar um mestrado, fez crescer em mim uma curiosidade ainda maior sobre esse país tão instigante que é a China.

Por fim, agradeço a Túlio, Victor e Arthur. O primeiro, por suas *eternas* perguntas desafiadoras que me tomavam dias em busca de respostas e argumentos bem fundamentados. O segundo e terceiro, meus filhos, por sua enorme paciência, pois a palavra “China” foi dita e repetida incontáveis vezes nesses últimos meses!

## RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo analisar a presença da China e a influência de seu recente crescimento econômico em países selecionados da América Latina, a partir do século XXI. O gigantesco processo de industrialização e urbanização pelo qual a China tem passado desde 1978 contribuiu para que no seu 10º. Plano Quinquenal fosse lançada sua estratégia de *going global* com o intuito principal de assegurar o fornecimento das matérias-primas que tanto necessita para dar continuidade ao seu crescimento econômico. A região latino-americana, importante produtora de *commodities*, assume uma posição de destaque como fornecedora de recursos minerais e energéticos e alimentos para a China, além de tornar-se um importante mercado para os produtos chineses que viram seus mercados tradicionais, EUA e Europa, contraírem com a crise de 2008. A dissertação debruça-se, assim, nos diferentes interesses chineses pela América Latina, na análise do fluxo comercial chinês com países selecionados, na influência chinesa na alta global dos preços das *commodities* e nos investimentos e empréstimos da China para a região, com o intuito de esclarecer quais são os países e setores latino-americanos que mais ganham ou perdem com a presença cada vez maior da China na América Latina.

## **ABSTRACT**

This thesis aims to analyze the presence of China and the influence of its recent economic growth in selected countries in Latin America in the twenty-first century. The enormous industrialization and urbanization processes by which China has gone through since 1978 contributed to the Asian country to launch, in its Tenth Five Year Plan, its strategy of “going global” in order to ensure the natural resources it needed to continue its economic growth. The Latin America region, a major producer of commodities, assumes an important role as a supplier of mineral and energy resources, as well as food to China, also becoming an important market for Chinese products whose traditional markets, USA and Europe, contracted with the 2008 financial crises. The thesis focuses, thus, in different Chinese interests for Latin America, in the Chinese trade flow analysis with selected countries, in the influence China has had on the commodity global price increase, and in Chinese investments and loans to the region, in order to clarify which Latin American countries and sectors benefit or lose with the increasing presence of China in Latin America.

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: Petróleo: Produção e Consumo na China (em milhares de barris/dia)	21
Gráfico 2: Principais fornecedores de Petróleo da China (em milhares de barris/dia)	21
Gráfico 3: Índice de Preço das Commodities	24
Gráfico 4: Exportações Totais de Países Seleccionados da América Latina para a China, em milhões de dólares	25
Gráfico 5: Participação (%) dos países seleccionados da América Latina nas exportações e importações globais da China	31
Gráfico 6: Comércio Global da China: Participação (%) da América Latina (exportação e importação)	32
Gráficos 7 e 8: Petróleo: Consumo e Importação dos principais países	33
Gráficos 9, 10, 11 e 12: Exportações de países seleccionados para a China: 2002 – 2011	35
Gráfico 13: China e América Latina - Relação Comercial entre as duas regiões entre 2002 e 2011 (em milhões de dólares)	53
Gráfico 14: Participação (%) da China no total exportado e importado pela América Latina	54
Gráficos 15 e 16: Principais compradores e fornecedores do Brasil de 2002 a 2012	56
Gráfico 17: Soja: Exportação brasileira para a China	57
Gráfico 18: Petróleo: Exportação brasileira para a China de 2004 a 2011 (milhares de barris/dia)	59
Gráfico 19: Total exportações e importações brasileiras para a China (em milhões de US dólares)	61
Gráfico 20: Participação (%) da China nas exportações e importações globais do Brasil para o período de 2002 a 2012	62
Gráfico 21: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pela Argentina para o Período de 2002 a 2011.	62
Gráfico 22: Fluxo Comercial da Argentina com China	64
Gráficos 23 e 24: Principais Fornecedores e Compradores da Argentina	64
Gráfico 25: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pelo Chile para o Período de 2002 a 2011.	65
Gráfico 26: Fluxo Comercial do Chile com China (em milhões de dólares)	66
Gráfico 27: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pelo Uruguai para o Período de 2002 a 2009	67
Gráfico 28: Fluxo Comercial do Uruguai com China	68

Gráfico 29: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pelo Paraguai para o período de 2002 a 2011	69
Gráfico 30: Fluxo Comercial do Paraguai com China (em milhões de dólares)	69
Gráfico 31: Produção de Petróleo da Venezuela (em milhões de barris/dia)	72
Gráfico 32: Fluxo Comercial entre Venezuela e China de 2002 a 2011	74
Gráfico 33: Participação (%) da China nas Exportações e Importações Globais da Venezuela de 2002 a 2011	75
Gráfico 34: Fluxo Comercial entre Equador e China de 2002 a 2011	77
Gráfico 35: Participação (%) da China nas exportações e importações globais do Equador de 2002 a 2011	77
Gráfico 36: Fluxo Comercial entre Bolívia e China de 2002 a 2011	78
Gráfico 37: Participação (%) da China nas Exportações e Importações Globais da Bolívia de 2002 a 2011	79
Gráfico 38: Fluxo Comercial entre Peru e China de 2002 a 2011	81
Gráfico 39: Participação (%) da China nas Exportações e Importações Globais do Peru de 2002 a 2011	81
Gráfico 40: Produção de Petróleo Colombiano, em milhares de barris/dia	82
Gráfico 41: Fluxo Comercial entre Colômbia e China de 2002 a 2011	83
Gráfico 42: Participação (%) da China nas Exportações e Importações Globais da Colômbia de 2002 a 2011	83
Gráfico 43: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pelo México para o Período de 2002 a 2011	85
Gráfico 44: Fluxo Comercial do México com a China (em milhões de dólares)	86
Gráfico 45: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pela Costa Rica para o Período de 2002 a 2011	88
Gráfico 46: Fluxo Comercial da Costa Rica com a China (em milhões de dólares)	88
Gráfico 47: Participação (%) da China no Total Exportado e Importado pelo Panamá para o Período de 2002 a 2011	89
Gráfico 48: Fluxo Comercial do Panamá com China (em milhões de dólares)	90
Gráfico 49: Importações Peruanas do Brasil e da China, entre 2002 e 2011	99

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Commodities: Participação (%) da China no seu consumo global e sua variação de preço para o período de 2002 e 2007	26
Tabela 2: Preços Mundiais das Commodities: Estimativa do impacto da demanda chinesa (em %)	27
Tabela 3: Exportações da América Latina: impacto estimado nos ganhos para 15 Commodities selecionadas em 2007 (milhões de dólares)	28
Tabela 4: Exportações da AL: Impacto estimado nos ganhos líquidos das exportações de países da AL em 2007 (em %)	29
Tabela 5: Total de barris de petróleo nas reservas provadas em países da América Latina	34
Tabela 6: Posição da China como parceiro comercial e sua participação nas importações e exportações dos países selecionados em 2011	36
Tabela 7: China - Participação chinesa nas importações totais de países selecionados	38
Tabela 8: Evolução da Participação Chinesa nas Importações dos países membros do MERCOSUL	44
Tabela 9: China – Investimentos Estrangeiros Diretos no Exterior por País (2000-2011), em milhões de dólares	46
Tabela 10: Investimentos Chineses na AL – principais transações realizadas na América Latina pelos chineses, em bilhões de dólares	48
Tabela 11: Principais Produtos Exportados para a China em 2011	60
Tabela 12: Principais Produtos Importados da China pelo Brasil em 2011	61
Tabela 13: Reservas Provadas de Petróleo no Mundo (em bilhões de barris)	73
Tabela 14: Produção e Consumo de Petróleo na América do Sul e Central	92
Tabela 15: Perfil das Exportações e Importações da AL para China (em %)	95
Tabela 16: Investigações e Medidas <i>Anti-Dumping</i> da AL contra China (1995 a 2010)	97
Tabela 17: Perdas da AL para a China nas exportações para os EUA (em % do total exportado por cada país para os EUA)	100
Tabela 18: Perdas do Brasil atribuídas à China na África do Sul (em %)	101
Tabela 19: Comparação dos custos Brasil para setor Óleo e Gás	104

## **Lista de Quadros**

Quadro 1: China e América Latina: Relações Comerciais, Investimentos e Créditos chineses na região, de 2002 a 2011 (em milhões de dólares)	55
Quadro 2: Principais parceiros e suas participações nas exportações e importações do Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai	70
Quadro 3: Principais parceiros e suas participações nas exportações e importações da Venezuela, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia	84
Quadro 4: Principais parceiros e suas participações nas exportações e importações do México, Costa Rica e Panamá	91

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>CAPÍTULO I: Desenvolvimento Chinês e sua busca por commodities</b>	15
1.1 Crescimento econômico recente da China	16
1.2 Demanda por commodities	19
1.3 Influência chinesa no preço internacional das commodities e suas implicações para a América Latina	23
<b>CAPÍTULO II: Interesses da China na América Latina</b>	30
2.1 América Latina: fornecedora de recursos naturais para a China	31
2.2 América Latina: mercado para os produtos chineses	36
2.3 A questão Taiwan	39
2.4 Alianças Estratégicas	40
2.5 Investimento Estrangeiro Chinês na América Latina	45
<b>CAPÍTULO III: Inserção da América Latina na Expansão Chinesa</b>	53
3.1 Fluxo comercial com Brasil	55
3.2 Fluxo comercial com Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai	62
3.3 Fluxo comercial com Venezuela, Equador, Bolívia, Peru e Colômbia	71
3.4 Fluxo comercial com México, Costa Rica, Panamá e outros países da América Central	85
<b>CAPÍTULO IV: Rivalidades e Complementaridades</b>	94
<b>CONCLUSÃO</b>	106
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	110

## INTRODUÇÃO

O crescimento econômico da China tem provocado muitas mudanças, tanto econômicas quanto de caráter geopolítico, com grande impacto para a América Latina<sup>1</sup>. Na China os números parecem nunca ser modestos: país que mais cresce nas últimas décadas, a segunda maior economia do mundo, população gigantesca, país que hospeda as maiores cidades do mundo – e as mais poluídas, maior produtor mundial de carvão e aço, maior mercado de telefonia celular, “a oficina do mundo”. A China, que já era a maior exportadora mundial desde 2009, em 2012 superou, pela primeira vez, os norte-americanos e tornou-se a maior potência comercial pelo critério de fluxo comercial (soma de importações e exportações). O grau de urbanização também foi impressionante. E para Hobsbawn,

Não há nenhuma razão em especial para prever que a China pare de crescer de uma hora para outra. [...] O país ainda se encontra nos estágios iniciais do desenvolvimento econômico e há espaço enorme para expansão.

Eric Hobsbawn, Folha de São Paulo, 18 abril 2010

Para sustentar essa sua nova realidade produtiva e econômica, o país asiático foi em busca de commodities. A América Latina (AL) assume um papel importante para a China, pois possui os recursos minerais e energéticos necessários para suprir a base manufatureira da economia chinesa e alimentos, principalmente soja, para alimentar sua grande população. Do comércio que se intensificou no início do século XXI, principalmente após a visita do então presidente da China à região, Hu Jintao, em 2004, com a promessa de investir bilhões na região, ambas as partes se beneficiaram. Por um lado, os países da América Latina encontraram na China um mercado ávido para seus recursos naturais e produtos agrícolas. Com a alta dos preços das commodities que assistimos na primeira década do novo século, muitos países obtiveram ganhos expressivos com suas exportações para os chineses. Por outro lado, as empresas chinesas encontraram na AL um grande mercado para consumir seus produtos manufaturados, geralmente com preços baixos.

Porém, a presença do país asiático não traz apenas oportunidades para a região. Enquanto as exportações da AL para a China tendem a se concentrar em algumas

---

<sup>1</sup> Nesse estudo, estaremos trabalhando com países selecionados, a saber: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Panamá, Paraguai, Peru, Venezuela, Uruguai.

commodities, as exportações chinesas para a AL são bem diversificadas e concentradas em produtos manufaturados. Essa dinâmica de comércio entre as duas regiões trouxe à discussão a “maldição das matérias-primas”, (a ideia de que a abundância de recursos naturais prejudica o crescimento econômico de um país ou região no longo prazo), como uma forma de chamar a atenção para o que anda ocorrendo na América Latina. Adicionalmente, a presença chinesa também tem significado uma ameaça às exportações da AL para terceiros mercados, pois os produtos manufaturados latino-americanos não têm conseguido concorrer com os chineses. Com o avanço da China nos mercados globais de manufaturas, o debate sobre a perda de importância relativa da indústria ganhou intensidade na última década, apontando para a existência de um possível processo de “desindustrialização” acompanhado pela “re-primarização” da pauta de exportação nos países da AL.

Estes eventos e mudanças foram a principal motivação desse estudo. Nesse contexto, o objetivo geral desse trabalho é mapear a presença da China em diferentes países da América Latina com o intuito de saber quais são os países e setores que mais ganham e perdem com a presença chinesa na região<sup>2</sup>.

Para tanto, dividimos o trabalho em quatro capítulos, além dessa Introdução e Conclusão. No Capítulo I faremos um breve relato sobre o recente crescimento econômico da China e o impacto que esse crescimento teve na demanda e nos preços internacionais das commodities. Em seguida, analisaremos os ganhos que os países latino-americanos selecionados obtiveram com suas exportações para os chineses.

O segundo capítulo dedica-se a entender quais são os interesses da China pela América Latina. Embora o foco desse estudo esteja no comércio, o Capítulo II também discorre sobre interesses políticos e estratégicos da China na região.

No Capítulo III analisaremos os fluxos de comércio entre a China e os países selecionados. Aqui nos interessa quantificar o comércio, qualificar os bens comercializados, identificar as empresas chinesas que já estão estabelecidas na região, quantificar os empréstimos chineses para os diversos países.

Em posse de todos esses dados, o Capítulo IV analisa quais os países e setores que se beneficiam desse relacionamento com os chineses e quais que são prejudicados. Por fim, algumas considerações finais.

---

<sup>2</sup> Esforçamo-nos para fazer um corte em dezembro de 2011 no que tange à coleta de dados, principalmente para fluxos comerciais. Porém, quando relevante, avançamos para o ano de 2012.

## **CAPÍTULO I – O DESENVOLVIMENTO CHINÊS E A BUSCA POR COMMODITIES**

The reform in China is a great experiment that is not found in books  
Deng Xiaoping, 1985

O que torna uma empresa ou um país competitivo de maneira sustentável não é o que ele sabe hoje, mas quão rapidamente ele aprende e inova, como o caso do rápido crescimento econômico chinês vem demonstrando. (MASIERO, 2006).

Com o início das reformas iniciadas por Deng Xiaoping em 1979, a China passou a seguir uma trilha de modernização pragmática, trazendo mudanças significativas para a arena global. Há três décadas, o tamanho de sua economia duplica a cada oito anos. Hoje, ela exporta em um único dia mais do que exportou em todo o ano de 1978. As vinte cidades que mais crescem no mundo estão localizadas na China. O país abriu-se para o mundo, com a proporção do comércio internacional no seu PIB chegando a 70% em 2008. No início do século XXI é o maior produtor mundial de carvão, aço e cimento, o maior mercado mundial de telefonia celular. Tinha 2,6 bilhões de metros quadrados de espaço em construção em 2005, cinco vezes mais do que nos Estados Unidos, sendo que suas exportações para o país norte-americano aumentaram 1600% nos últimos quinze anos. Atualmente a China possui o título que uma vez pertenceu à Inglaterra, no auge da Revolução Industrial, o de “oficina do mundo” (ZAKARIA, 2008, p. 103).

Para sustentar esse crescimento estrondoso, a busca por commodities passou a ser “questão de estado”. Como colocou Medeiros, “economicamente, a dinâmica do crescimento chinês no longo prazo depende do acesso às matérias-primas. O acesso aos mercados internacionais de petróleo e matérias-primas e garantir fontes de suprimentos de longo prazo transformaram-se em objetivo diplomático central do governo chinês” (MEDEIROS, 2008a). Cobre, zinco, minério de ferro, soja, dentre outras commodities, todas presentes na América Latina, tiveram um aumento não apenas em sua demanda como em seus preços, afetando diversas regiões.

Para analisar o efeito que o crescimento chinês teve nas commodities e nos seus preços, dividimos o Capítulo I em três seções. Na primeira, examinaremos brevemente o

crescimento econômico chinês a partir do final da década de 70. Na segunda seção, analisaremos o tamanho do impacto que esse crescimento teve no aumento da demanda para commodities selecionadas e, por fim, na terceira, apresentaremos alguns dados que ilustram a consequência desse movimento para a América Latina.

### **1.1 Crescimento econômico recente da China**

A morte de Mao Zedong em setembro de 1976 trouxe para a China grandes mudanças. Depois de um período de transição de governos e luta por sucessão, no final de 1978, Deng Xiaoping assumiu o poder. A ideologia deu lugar ao pragmatismo, condensado na frase de Deng “não importa se o gato é branco ou preto, contanto que ele pegue o rato”. O pragmático sucessor de Mao Zedong, centrado numa política de desenvolvimento econômico, muda os rumos do socialismo da China e traça um projeto novo para desenvolver seu país por meio da liberalização econômica, porém preservando a orientação socialista e a liderança do Partido Comunista. O desejo de Deng foi criar um sistema econômico que permitisse à China tornar-se uma nação rica e poderosa em meados do século XXI. A orientação geral adotada pelo líder chinês foi a da "construção e modernização socialista" por meio da adoção do "programa das quatro modernizações" (agricultura, indústria, defesa nacional e ciência e técnica), com ênfase inicial colocada na agricultura e nas zonas rurais.

Se entre 1951 e 1977, os quatro Tigres Asiáticos - Taiwan, Hong Kong, Coreia do Sul e Cingapura – mais o Japão, chamaram a atenção de todo o mundo, pois cresceram a taxas anuais entre 7% e 8%, nos 30 anos desde que tiveram início as reformas de Deng Xiaoping na China, nenhum país chegou perto do ritmo de crescimento chinês. Na opinião de Medeiros (1999), o espetacular crescimento econômico ocorrido na China a partir das reformas de 1978 foi o resultado de três vetores principais: a estratégia americana de isolamento e desgaste da ex-URSS; a ofensiva comercial americana com o Japão; e uma complexa estratégia do governo chinês, visando à afirmação da soberania do Estado sobre o território e a população por meio do desenvolvimento econômico e da modernização da indústria.

Diversos fatores foram responsáveis por esse crescimento econômico recente chinês. Dentre eles, podemos citar:

- a. A partir do final da década de 70 – anos 80: o processo de liberalização do sistema de formação de preços, que tem início no setor rural. Em março de

1979 é dado um aumento de 20% nos preços dos produtos agrícolas e a produção nas comunas passa a ser progressivamente substituída pelo estabelecimento de contratos com os produtores rurais que ficam obrigados a vender ao Estado determinada quantidade da sua produção - agora paga a preços mais elevados do que anteriormente, embora ainda preços sejam fixados administrativamente - ficando os produtores com liberdade de venda do excedente. Essas transformações tiveram impactos imediatos na economia rural chinesa que assistiu a uma grande elevação em sua produtividade, com grandes reflexos sobre a renda e o emprego (a produção cresceu por volta de 7,6% em meados da década de 80, contra um crescimento de apenas 2,7% no período de 1953 – 1978) (TAKAHASHI & WU, 1992, pp. 54-55);

- b. a liberalização do comércio exterior (até então o comércio exterior era inteiramente planejado pela autoridade central);
- c. a criação de Zonas Econômicas Especiais, concebidas para atrair os investidores estrangeiros que, em troca, introduziriam na China tecnologias e métodos modernos de administração, com o propósito de criar um fluxo de exportações gerador de divisas, encorajados por vendas sem impostos, tarifas menores, infraestrutura moderna, legislação trabalhista e salarial flexível e menos burocracia;
- d. Na década de 90: urbanização e mão de obra abundante e barata. A existência de um grande contingente de mão de obra rural com produtividade muito baixa possibilitou seu deslocamento para as cidades, mantendo baixos os salários, mesmo com crescimento elevado. Para Medeiros, o principal fator propulsor do crescimento econômico chinês foi esse “vertiginoso processo de urbanização, uma vez que as migrações campo-cidade e a valorização das terras urbanas levaram a grandes investimentos na cadeia produtiva da construção civil”<sup>3</sup>;
- e. a ausência de proteção à propriedade intelectual. Para ingressar na China, até recentemente, as empresas estrangeiras necessitavam de um sócio local que muito comumente se apropriava ilegalmente do conhecimento transferido do

---

<sup>3</sup> Para o estudo completo do autor, veja *Padrões de Investimento, Mudança Institucional e Transformação Estrutural na Economia Chinesa*. Carlos Aguiar de Medeiros, 2011.

- exterior para produzir por conta própria, em outra empresa – doméstica – produtos semelhantes por preços inferiores;
- f. a existência de economias de escala (grande população chinesa);
  - g. o crescimento dos Investimentos Diretos Externos (entre 1981 e 2007, o ingresso de IDE na China saltou de US\$265 milhões para US\$138 bilhões);
  - h. políticas de incentivo à inovação (abertura de centros de Pesquisa e Desenvolvimento no país);
  - i. transferência de tecnologia.

Ao longo das últimas três décadas, o PIB da China cresceu a uma média anual de 9% e o país, com 1,34 bilhões de pessoas (CIA, 2012), tornou-se a segunda maior economia do mundo. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apenas entre 1981 e 2001, o número de chineses com rendimento abaixo de US\$1,00/dia caiu de 490 milhões para 88 milhões, tirando cerca de 400 milhões de pessoas da pobreza extrema. Nesse mesmo período, a renda *per capita* média dos chineses aumentou quase sete vezes. O ritmo de redução da pobreza nos anos iniciais das reformas, especialmente até 1985, foi extraordinariamente rápido, algo em torno de metade da redução absoluta registrada nos últimos 30 anos, e possivelmente sem precedentes na história mundial (NOGUEIRA, 2011). Se em 1975 o Índice de Desenvolvimento Humano da China era de 0,530, em 2011 já estava em 0,687 (apenas para comparação, no mesmo período, o Brasil variou de 0,649 para 0,718).

O grau de urbanização também foi impressionante. A população urbana, que representava cerca de 18% do total em 1978, passou a 51,3% em 2011. Entre 1978 e 2011, o número de trabalhadores nas áreas urbanas saltou de 95 milhões para 690,8 milhões e os salários reais médios experimentaram um crescimento anual médio de 11%. De acordo com Medeiros (2011), passamos a assistir à emergência de uma classe capitalista e de um grande setor privado doméstico e internacionalizado, com a formação de um mercado de trabalho. As relações externas mudaram profundamente, com a China transformando-se num centro manufatureiro e segundo maior exportador mundial<sup>4</sup>, um dos maiores mercados internacionalizados. Para sustentar essa sua nova realidade produtiva e econômica, o país asiático foi em busca de commodities, como veremos a seguir.

---

<sup>4</sup> Em 2012, China tornou-se o maior exportador do planeta, deslocando os EUA.

## 1.2 – Demanda por commodities

Uma consequência direta do rápido crescimento econômico chinês e de seus processos de industrialização e urbanização foi o aumento da demanda por algumas commodities, demanda essa cresceu rapidamente nas últimas décadas, mas mais acentuadamente a partir dos anos 2000, quando o processo de urbanização e a indústria pesada (aço, ferro, cimento, alumínio, vidro) assumiram um “papel protagonista”<sup>5</sup> para o crescimento. Apesar de ser um importante produtor de commodities, com grandes reservas de carvão e minério de ferro, grande produtor de trigo e arroz, a China não conseguiu que sua produção crescesse no mesmo ritmo de sua demanda, tendo que buscar commodities no mercado mundial. No seu 10º. Plano Quinquenal (2001-2005), o Partido Comunista Chinês promoveu a estratégia de *going global*, estratégia essa que encorajava as maiores empresas estatais chinesas a procurar relacionamentos no exterior a fim de construir cadeias de suprimentos globais<sup>6</sup>. Em 2007, em uma cerimônia realizada em Beijing, começou a funcionar oficialmente a Corporação de Investimentos da China (CIC), fundo para aplicar parte das reservas internacionais chinesas em investimentos externos. O fundo nasce com uma disponibilidade de US\$200 bilhões e suas aplicações têm sido usadas para a compra de ações de empresas de setores variados, em várias regiões do mundo, e a América Latina não é exceção (CIC, 2010).

Minerais, metais e minérios, alimentos como soja, carnes, café, açúcar e banana, celulose e ração animal são algumas das commodities que viram sua demanda - e preço - subirem com o que ficou conhecido na literatura como ‘efeito China’. De acordo com dados do FMI, o consumo chinês para o ano de 2010, em termos mundiais, representou 20% dos recursos energéticos não-renováveis, 40% dos metais de base e 23% dos principais produtos agrícolas (ROACHE, 2012).

No caso do carvão, por exemplo, a participação chinesa no consumo global saiu de 8% em 1990 para 20% em 2010<sup>7</sup>. Dona de 13% das reservas provadas de carvão no mundo

---

<sup>5</sup> Citado em Medeiros (2011).

<sup>6</sup> Importante considerar que muitas – e as maiores - das empresas internacionais da China ainda hoje permanecem em mãos estatais. Embora a maioria delas tenha se transformado em corporações, elas ainda continuam empresas alinhadas, doméstica e internacionalmente, com os planos quinquenais e estratégias do Partido Comunista da China que, apesar das reformas, continua sendo o principal ator em todos os aspectos da economia chinesa. De acordo com estatísticas do Ministério de Comércio Chinês, até o final de 2011, as empresas chinesas – hoje estatais e privadas – já tinham feito por volta de 18 mil negócios em 178 países e regiões do mundo, cobrindo uma vasta gama de indústrias.

<sup>7</sup> O consumo de energia da China é considerado alto pelo nível de desenvolvimento do país, uma vez que o país consome 35% a mais do que a Coreia do Sul e duas vezes o nível do Brasil (comparação feita usando-se mesmo

(terceira maior, atrás apenas dos EUA e Rússia), 70% da energia usada na China vem do carvão. Mas como as reservas se encontram nas províncias do norte, longe dos centros industriais na costa, e a infraestrutura para transportar a commodity ainda é precária, a China importa carvão, sendo o segundo maior importador mundial, atrás apenas do Japão.

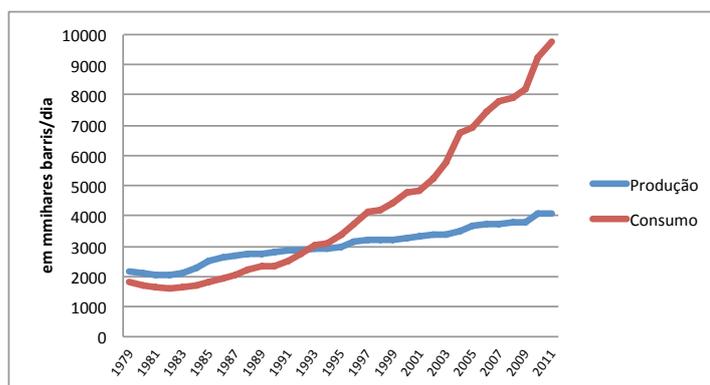
Quanto ao petróleo, que responde por 19% da energia usada pelo país, a demanda também tem sido crescente. De acordo com dados da Standard and Poor's (2011), na última década houve um aumento na taxa anual de consumo de 6,8%, o equivalente a quase um quinto do consumo global. Embora a China seja um produtor importante de petróleo (em 2011 produziu 4,09 milhões de barris/dia, 5,1% da participação global) e tenha reservas provadas de 20,4 bilhões de barris (2012), sua demanda crescente tornou o país de exportador em importador (em 2011, importou 5,08 milhões barris/dia). Mediante maior dependência por essa fonte energética, empresas chinesas têm investido em territórios internacionais, seja por meio de associações, “compras casadas” - empréstimos em troca de petróleo (*oil-for-loan deals*)<sup>8</sup> ou aquisição de outras empresas internacionais. Em 2011, os principais fornecedores para a China foram Oriente Médio com 51%, África com 24%, região Ásia-Pacífico com 3% e Outros com 22%. Em 2012, por questões políticas, a China diminuiu sua importação do Irã e do Sudão, compensando com o aumento de importação de países como Rússia, Angola e, na AL, Venezuela.

---

nível de renda). Porém, o crescimento na demanda por energia chinesa deve continuar forte, pois o consumo de energia *per capita* da China permanece apenas um terço da média do que é consumido pelos membros da Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (ROACHE, 2012).

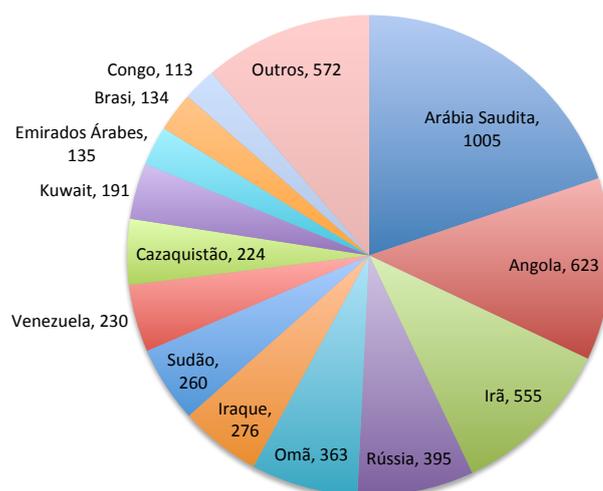
<sup>8</sup> Na AL, Brasil, Equador, Bolívia e Venezuela, além de Rússia, Angola, Cazaquistão e Gana já fizeram tais acordos com a China.

Gráfico 1: Produção e Consumo de Petróleo na China em milhares de barris/dia



Fonte: BP Statistical Review, 2011. Elaboração própria.

Gráfico 2: Principais fornecedores de Petróleo da China (em milhares de barris/dia)



Fonte: EIA, 2012.

Outra importante commodity que tem assistido sua demanda crescer vertiginosamente é o cobre. O consumo chinês triplicou do ano 2000 para 2010, passando de 1,8 milhões para mais de 7,5 milhões de toneladas devido ao aumento de sua produção em produtos intensivos em cobre, como automóveis, bens duráveis, projetos de eletrificação, etc. Por outro lado, a demanda global pelo produto, excluindo a China, diminuiu. Consequentemente, a participação chinesa no consumo mundial saiu de 22% em 2005 para 39% em 2010, sendo o país asiático, nos dias de hoje, o maior consumidor (STANDARD AND POOR'S, 2011). Na AL, o Chile é

um grande beneficiário dessa demanda chinesa e do expressivo aumento no preço que o produto teve.

Com forte crescimento dos setores automotivo, naval, de construção e de energia, em 2010, a China foi responsável por 60% do consumo global de minério de ferro, sendo que o país importa mais da metade do que usa, principalmente da Austrália e do Brasil. Mesmo com a crise de 2008/09 a demanda por essa commodity não diminuiu. Em 2011, 44,7% das exportações da empresa brasileira Vale S/A foram para a China (SECEX, 2011). Em busca de assegurar o fornecimento da commodity, muitas empresas de aço chinesas estão investindo no exterior, comprando ou se associando a empresas existentes ou em desenvolvimento, em diversas partes do globo.

Até o momento, o crescimento econômico chinês tem tido um impacto pequeno nos mercados agrícolas mundiais, quando comparado ao impacto nos mercados de metais e energia, com exceção da soja. A China se tornou o maior importador mundial de soja<sup>9</sup>, e sua demanda continua a crescer, seja para uso de ração animal ou um reflexo das mudanças nas tendências alimentares de sua crescente população de renda média (COATES & LUU, 2012). Uma população mais rica tende a comer mais proteína animal e a consumir mais óleo de soja. Com o aumento da demanda de carne, assim como o número de animais, que precisam ser alimentados – tanto a demanda por soja quanto de seu farelo aumentou. Os números da participação da China nas importações globais de soja não são pequenos. De 25% na safra de 2000/01 subiu para 58% na safra 2009/10.

Para alguns países da AL, as exportações dessas commodities para a China significam não apenas uma mudança de destino para seus produtos como também um grande aumento no valor do comércio. Entre 2001 e 2006 o valor total das exportações latino-americanas subiu de US\$359 para US\$681 bilhões (STALLINGS, 2008, p. 249), aumento esse impulsionado pelo crescimento no volume exportado e, principalmente, pelo aumento no preço das commodities. Com isso a China passa a ter um papel importante no que tange aos ganhos expressivos com exportações de alguns países da região, como veremos a seguir.

---

<sup>9</sup> Para a safra de 2009/2010, os principais fornecedores de soja para a China foram EUA (40%), Brasil (31%) e Argentina (14%).

### **1.3 A influência chinesa no preço internacional das commodities e suas implicações para a América Latina**

Alguns analistas defendem que o processo de rápida industrialização chinesa que se moveu de uma produção de bens intensivo em trabalho para setores intensivos em bens de capital, como equipamentos elétricos e eletrônicos, teria sido o *único* responsável pelo aumento, por exemplo, dos preços mundiais dos metais, fazendo com que eles subissem acima da média histórica, como foi o caso do cobre e do zinco. Para Coates & Luu, a alta dos preços das commodities (Gráfico 3) está relacionada, em parte, à demora da resposta do aumento da oferta. A demanda chinesa “não-antecipada” colocou grande pressão na oferta de certas commodities globais fazendo com que seus preços subissem acima do normal. Para os autores, a demora na resposta tem suas raízes nos preços baixos do final dos anos 80 e 90, que levaram à redução do investimento global em pesquisa e desenvolvimento, exploração e produção. Os preços altos, a partir de meados dos anos 2000, geraram uma resposta na oferta, mas ela veio com grande atraso, uma vez que os produtores responderam apenas depois da tendência de preços mais altos ter se tornado firme (COATES&LUU, 2012). Para Prates (2007), o ingresso da China para a OMC em 2001 contribuiu para a elevação dos preços de algumas commodities, uma vez que a redução das tarifas alfandegárias e a ampliação das cotas de importação impulsionaram as importações chinesas.

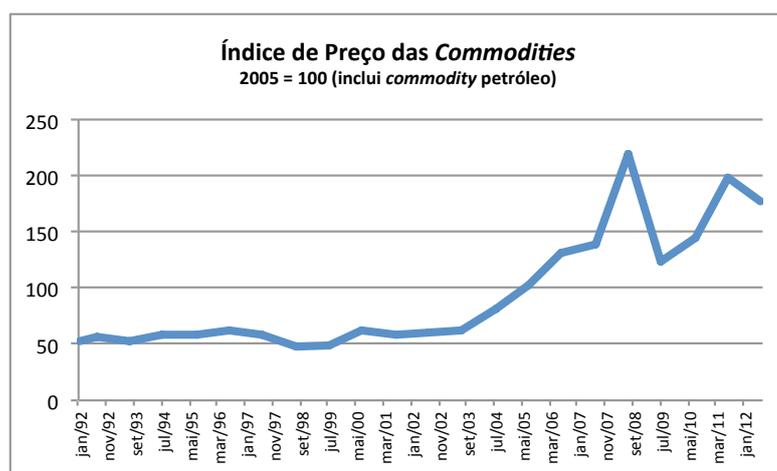
Mas para Serrano (2012), a maioria das análises sobre o recente aumento do preço das commodities foca quase que exclusivamente no lado da demanda, negligenciando o importante papel do custo de produção. Realmente, o “efeito China” não pode ser o único fator explicativo para os altos preços das commodities observados nos últimos anos. O aumento do preço do petróleo observado na primeira década do século XXI que, de acordo com dados do FMI, foi de 18,41% ao ano, de 2003 a 2010, elevou de forma expressiva os custos de produção de commodities metálicas, como alumínio e aço, intensivas em energia. Para Serrano, além do aumento dos custos de energia, com o aumento da demanda, as unidades produtoras com custos de extração menores passaram a ter restrições produtivas, viabilizando a produção em lugares com custos de extração maiores e, conseqüentemente, com custos de produção mais elevado.

Os preços de algumas commodities também foram pressionados por fatores específicos ou conjunturais no início do século XXI. Quanto ao cobre, as greves trabalhistas

nas minas no Chile e nos EUA afetaram a produção desse metal, elevando sua cotação. A partir de 2002, a alta dos preços das commodities agrícolas esteve associada a choques de oferta em geral de origem climática. No caso do algodão, tivemos uma quebra da safra norte-americana, associada a enchentes. Para o café, a estimativa de redução da produção no Vietnã devido à seca reforçou o aumento dos preços, iniciado com a queda da safra no Brasil. Quanto à soja, as lavouras dos EUA estavam em péssimas condições com a seca severa de 2004 e no Brasil, a safra brasileira de 2003/2004 foi prejudicada por problemas climáticos no Mato Grosso, diminuindo a oferta do produto e elevando sua cotação na bolsa de Chicago no final de 2004, início de 2005.<sup>10</sup>

Para o propósito desse estudo, interessa-nos saber o impacto que o aumento do preço das commodities teve na América Latina e, para Jenkins (2011), os latino-americanos tiveram grandes ganhos com suas exportações (Gráfico 4).

Gráfico 3: Índice de Preço das Commodities



Fonte: FMI. Elaboração própria.

<sup>10</sup> Não podemos deixar de mencionar a expansão dos biocombustíveis e os impactos das mudanças no uso da terra, uma vez que o aumento na demanda e produção de biocombustíveis pode ocorrer concomitante à redução da área plantada de culturas agrícolas tradicionais, como no caso do milho nos EUA. Embora o Brasil ainda possua muita terra disponível, as culturas de arroz, trigo e soja podem, no futuro, vir a ser prejudicadas com o avanço das plantações de cana-de-açúcar. “O aumento nos preços dos alimentos nos últimos anos deve ser atribuído, em parte, à redução da produção agrícola de alimentos em prol de matéria-prima para biocombustível. Sem o aumento da produção de biocombustíveis nos EUA e na Europa, os estoques de milho e maisena não teriam caído significativamente, os preços de oleaginosas não teriam triplicado e o aumento de preços devido a outros fatores, tais como as secas, teria sido mais moderado” (MITCHELL, 2008).

Gráfico 4: Exportações Totais de Países Seleccionados da América Latina para a China, em milhões de dólares



Fonte: Comtrade, 2012. Elaboração própria

Em estudo recente, Jenkins analisou os preços das 15 principais commodities exportadas pela AL para a China para o período de 2002 e 2007 a fim de estimar os ganhos quantitativos que a região latino-americana obteve (o estudo não avançou em anos mais recentes devido à crise internacional de 2008/09). A participação chinesa no consumo global variou para cima em todas as commodities analisadas, principalmente para o minério de ferro, cobre, alumínio e zinco. Como pode ser visto na Tabela 1, todos os preços também subiram, chegando a variar mais de 300%, como foi o caso do preço do cobre (356,5%) e do zinco (316,4%).

Tabela 1: Participação (%) da China no consumo global de commodities e variação de preço para o período de 2002 e 2007

	Participação Chinesa no consumo global		Aumento no preço
	2002	2007	2002 - 2007
<b>Combustíveis</b>			
Petróleo	6,9	9,3	185,1
<b>Minerais, minérios e metais</b>			
Minério de ferro	22,3	43,9	184,7
Cobre	18,2	27,1	356,5
Alumínio	21,1	33,2	95,4
Zinco	22,4	32,4	316,4
<b>Alimentos</b>			
Soja	18,4	20,9	80,6
Óleo de soja	21,2	25,9	85,1
Farinha de peixe	23,0	27,5	83,6
<b>Alimentos tropicais e bebidas</b>			
Café	0,3	0,4	125,6
Açúcar	7,9	9,3	46,4
Banana	8,8	9,4	28,6
<b>Produtos de carne</b>			
Carne bovina	10,6	12,3	22,6
Frango	16,8	17,2	23,9
<b>Produtos florestais</b>			
Madeira	4,0	8,6	63,6
Polpa química	5,7	7,8	55,5

Fonte: Jenkins, 2011, p. 75.<sup>11</sup>

Ao comparar a demanda chinesa com a do resto do mundo, o autor chegou à conclusão de que a demanda para todas as commodities analisadas cresceu mais para a China do que para o resto do mundo. Em alguns casos, o aumento foi significativo, como o minério de ferro, onde a demanda chinesa foi 38,4% maior do que a demanda do resto do mundo. A partir dos dados obtidos com esse “efeito China” sobre a demanda mundial, Jenkins chega a um “efeito China” nos preços mundiais das commodities, ou seja, ele estima quanto que o preço da commodity foi maior em 2007 do que teria sido caso a demanda chinesa tivesse sido igual à demanda do resto do mundo. Considerando que o impacto do crescimento da demanda chinesa no preço mundial dos preços das diferentes commodities não depende apenas do

<sup>11</sup> Para maiores detalhes de como o autor conduziu sua pesquisa, a metodologia usada e fontes de dados, ver trabalho completo em “The ‘China Effect’ on commodity prices and Latin American export earnings”- Cepal Review 103 – Abril 2011.

tamanho do efeito demanda, sendo também afetado pela sua elasticidade, o autor dividiu o “efeito China” nos preços em máximo e mínimo<sup>12</sup>. Portanto, a demanda chinesa pelo minério de ferro 38,4% maior do que a demanda do resto do mundo seria responsável pelo aumento de 96% a 153,6% no seu preço global. A Tabela 2 abaixo apresenta as variações para todos os produtos analisados. A variação percentual da coluna *Efeito da Demanda Chinesa* representa quanto que a demanda global em 2007 foi maior por causa da China. Caso o país asiático tivesse crescido como o resto do mundo, essa variação não existiria.

Tabela 2: Estimativa do impacto da demanda chinesa nos preços mundiais das commodities

	Efeito da Demanda Chinesa (%)	"Efeito China" nos preços (%)	
		Máximo	Mínimo
Petróleo	2,7	27,1	10,8
Minério de ferro	38,4	153,6	96,0
Cobre	12,3	122,6	49,1
Alumínio	18,2	72,8	45,4
Zinco	14,8	147,6	59,1
Soja	3,1	7,7	0,1
Óleo de soja	6,4	16,0	10,7
Farinha de peixe	6,3	15,6	10,4
Café	0,1	0,5	0,2
Açúcar	1,5	15,5	3,1
Banana	0,6	3,0	1,5
Carne bovina	2,0	6,6	3,3
Frango	0,4	1,4	0,7
Madeira	5,0	25,1	8,4
Polpa química	2,3	11,5	3,8

Fonte: Jenkins, 2011, p. 80.

O estudo se propõe, então, a estimar o quanto as receitas de exportação da AL aumentaram como resultado do aumento dos preços das commodities. Em posse dos dados totais dos valores de exportações em 2007 são feitas estimativas máxima, mínima e valor médio para o “efeito China” sobre os preços e totais exportados. No caso das bananas e açúcar, a pesquisa considerou que a China não afeta o preço das exportações latino-americanas para esses dois produtos. Já no caso do cobre, a região exportou, em 2007, US\$50,5 bilhões do produto. Com o aumento da demanda chinesa pelo produto, e consequente aumento de seu preço (356,5% de 2002 a 2007), tal commodity teria sido

<sup>12</sup> No caso da soja, até 2007, o aumento da demanda foi atendido com o aumento das terras cultiváveis, principalmente na Argentina e no Brasil. Foi apenas a partir de 2008 que o preço da soja começou a subir vertiginosamente, em parte com o aumento da competição pela terra (principalmente nos EUA) para produzir biocombustível.

responsável por um ganho médio de US\$22,2 bilhões para a região. O autor conclui que a região deve ter ganho, em média, mais de 56 bilhões de dólares com a alta dos preços das commodities apenas em 2007 (veja Tabela 3).

Tabela 3: Impacto estimado nos ganhos com exportações da América Latina para 15 commodities em 2007 (milhões de dólares)

	Exportações	Efeito estimado da China nas exportações		
	2007	Máximo	Mínimo	Média
Petróleo	129.294	27.580	12.651	20.116
Minério de ferro	11.585	7.016	5.674	6.345
Cobre	50.494	27.815	16.618	22.217
Alumínio	6.587	2.775	2.060	2.418
Zinco	4.789	2.856	1.779	2.318
Soja	11.237	799	546	673
Óleo de soja	6.509	898	627	763
Farinha de peixe	1.970	266	186	226
Café	8.584	43	17	30
Açúcar	6.251	838	188	-
Banana	3.273	95	48	-
Carne bovina	6.596	407	210	309
Frango	4.708	65	33	49
Madeira	3.279	657	253	455
Polpa química	5.422	558	200	379
	260.579	72.670	41.090	56.295

Fonte: Jenkins, 2011, p. 83.

As estimativas das 15 commodities do quadro acima foram baseadas no total exportado da região como um todo. Mas é claro que alguns países exportam mais que outros, e ainda há aqueles que importam algumas dessas commodities. Enquanto o impacto é positivo para os países que são exportadores líquidos dessas commodities, particularmente minerais e petróleo, alguns países que são importadores líquidos podem ter perdido com a alta dos preços das commodities resultante do rápido crescimento chinês.

Ciente do fato do “efeito China” não ser uniforme para todos os países da região, foram analisados 17 países da América Latina para o ano fiscal de 2007. A Tabela 4 abaixo demonstra o percentual pela qual a balança comercial de cada país, para as 15 commodities, está melhor (ou pior) do que estaria caso a participação da China na demanda mundial para essas commodities tivesse permanecido a mesma desde 2002. No caso do Chile, por exemplo, com o aumento da demanda chinesa pelo cobre – quase 80% das exportações chilenas para a China são de cobre e seus subprodutos - e sua grande variação de preço no período analisado, a balança comercial chilena teria tido um aumento líquido de suas exportações entre 28,8

(mínimo) e 47,8% (máximo). Países da América Central, cuja pauta de exportações está baseada em manufaturas leves e concorrem com produtos chineses, tiveram resultados negativos.

Tabela 4: Exportações da AL: Impacto estimado nos ganhos líquidos das exportações de países da AL em 2007 (em %)

País	Máximo	Mínimo
Argentina	11,9	6,9
Bolívia	40,0	23,8
Brasil	16,0	11,9
Chile	47,8	28,8
Colômbia	9,1	3,3
Equador	17,4	7,9
México	16,2	6,7
Paraguai	7,2	4,4
Peru	48,2	29,3
Uruguai	(9,4)	(3,9)
Venezuela	21,4	10,1
Costa Rica	(13,3)	(7,5)
El Salvador	(37,0)	(19,0)
Guatemala	3,4	0,1
Honduras	3,6	1,6
Nicarágua	(14,9)	(7,5)
Panamá	(9,3)	(7,6)

Fonte: Jenkins, 2011, p. 84.

Entender como a demanda chinesa por commodities se comportará *se* e quando sua economia passar a crescer por meio do consumo e não de investimentos é assunto para uma futura pesquisa. Por ora, analisaremos os principais interesses da China pela AL.

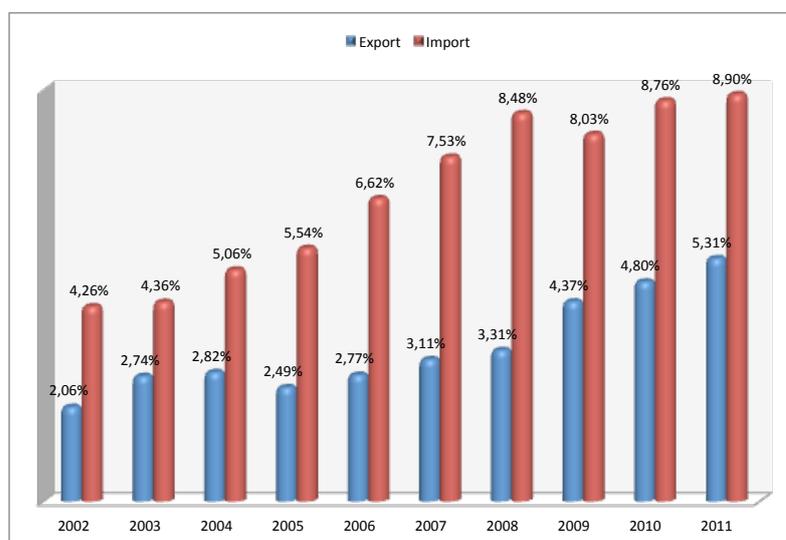
## CAPÍTULO II - INTERESSES DA CHINA NA AMÉRICA LATINA

A primeira preocupação das empresas multinacionais chinesas que buscam o comércio e o investimento na AL tem sido assegurar o acesso a recursos minerais e energéticos para suprir a base manufatureira de sua economia, assim como o suprimento de alimentos, principalmente soja, para alimentar sua grande população. Mas o envolvimento da China com a AL vai muito além disso. Existem outros interesses. Sem dúvida, podemos citar, em primeiro lugar, seu interesse por produtos primários disponíveis na região – minérios, minerais e energia – que ajudam a sustentar o rápido crescimento econômico chinês. Além disso, a demanda por alimentos tem crescido exponencialmente com o aumento da prosperidade do povo chinês. Para Evan Ellis, professor do *Center for Hemispheric Defense Studies*, “a América Latina passa a ter um papel importante como fornecedora de alimentos como a soja do Brasil, óleo de girassol da Argentina e produtos mais voltados para a nova população com renda média chinesa, como os vinhos chilenos, o café colombiano e a cerveja mexicana” (ELLIS, 2009, p.9).

Em segundo lugar, a China se interessa pela América Latina como um mercado para exportar seus produtos. Com a crise econômica de 2008, as economias dos Estados Unidos e da Europa – mercados tradicionais para os produtos chineses - começaram a se contrair. A China reconheceu, então, a necessidade de diversificar seus mercados a fim de manter o crescimento. Jiang Shixue (2008) afirma que “[E]xpandir seu *market share* na América Latina tem sido parte do objetivo da China em reduzir sua dependência dos Estados Unidos, Japão e Europa”.

Em terceiro lugar, isolar Taiwan. Atualmente, 12 dos 23 países que reconhecem Taiwan como o governo legítimo da China se encontram na América Central e no Caribe, além do Paraguai na América do Sul. A questão Taiwan – seu isolamento e incorporação - é uma prioridade da agenda da política externa chinesa, estando Beijing determinada a conter Taiwan em todos os cantos do mundo. Para Ellis, os países da América Latina que reconhecem Taiwan são alvos estratégicos da China, uma vez que o reconhecimento internacional de Taiwan poderá levá-lo a declarar sua independência (ELLIS, 2009, pp. 15).

Gráfico 5 - Participação (%) dos países selecionados da América Latina nas exportações e importações globais da China



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Em quarto lugar, a AL é importante para a China também para assegurar alianças estratégicas. Como parte de seu posicionamento global enquanto emerge como uma superpotência, a China reconhece os governos do México, Brasil, Venezuela e Argentina como “parceiros estratégicos”. Com um tratamento especial dado a esses países, a China espera aumentar sua influência na região.

Por fim, a AL pode se beneficiar com o interesse que a China tem demonstrado em investir na região, principalmente em projetos relacionados à energia.

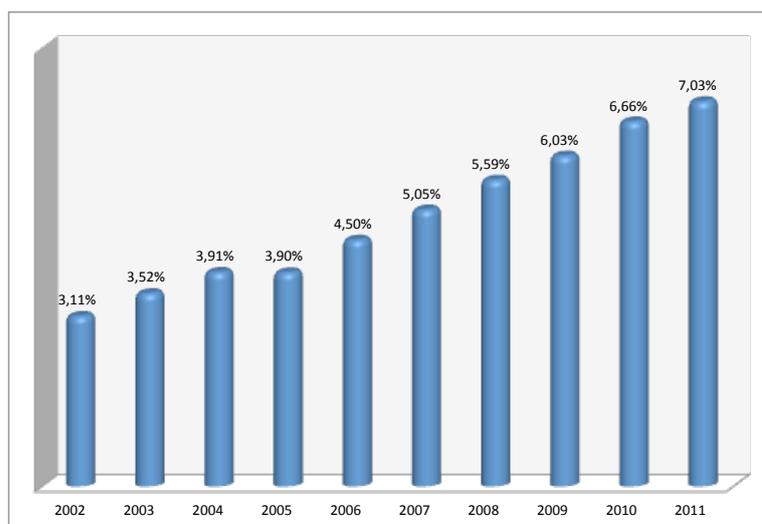
Para alguns países, poder estreitar as relações econômicas com a China já é um grande negócio, como o Chile e o Peru, enquanto que outros, que buscam diversificação dos mercados para colocar seus produtos, a China também se coloca como um parceiro importante.

## 2.1 América Latina: fornecedora de recursos naturais para a China

Em 1990, o país asiático representava apenas 0,6% do comércio total da AL, enquanto que em 2009 atingiu 9,7%. Esse aumento na participação da China é parte de uma tendência de desconcentração e diversificação dos sócios comerciais que se registra na região, juntamente com a perda de importância dos sócios tradicionais – Estados Unidos e União

Europeia (BITTENCOURT, 2012). A AL, embora com uma participação ainda pequena em relação ao comércio global da China, vem ganhando importância, com seus índices em curva ascendente na última década. De 2002 a 2011, o peso do conjunto dos países latino-americanos - citados nesse estudo - no comércio total chinês passou de 3,11% para 7,03% (Gráfico 6).

Gráfico 6: Participação (%) da América Latina no comércio global da China (exportação e importação)



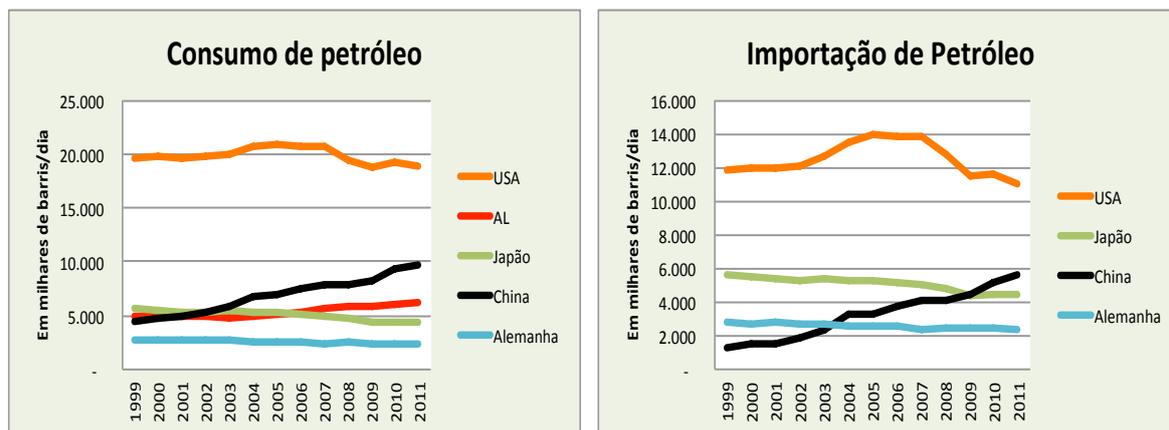
Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

A região exporta para a China, essencialmente, produtos primários. Conforme visto no Capítulo I, minérios, minerais e metais, petróleo, alimentos como a soja e o café, produtos de carne e florestais são as principais commodities exportadas para os chineses. Em 2011, no caso do Brasil, os 3 principais produtos exportados para a China – soja, minério de ferro e petróleo – representaram 80,4% do total exportado. O único bem manufaturado que consta dos principais produtos exportados, em 8º lugar, é aviões mas, mesmo assim, responsável por apenas 1,4% do total exportado (veja Tabela 11, Capítulo III, 3.1). No Chile, 88% do total exportado para a China refere-se ao cobre e seus resíduos. Na Argentina, 70,6% do total exportado refere-se à soja e óleo de girassol. Costa Rica já é um caso à parte. Componentes de

computadores, principalmente chips, são o principal produto costa-riquenho exportado, respondendo por 94,5% do total exportado para o país asiático em 2011 (COMTRADE)<sup>13</sup>.

Outro recurso importante para a China é o petróleo. Conforme vimos no capítulo anterior, a China passou à condição de exportadora para importadora líquida dessa commodity e, desde então, as compras externas não pararam de crescer (Gráfico 8). Para Medeiros (2010), dificilmente este quadro de dependência energética vai se reverter (embora possivelmente possa desacelerar-se), levando as estatais chinesas (como China National Petroleum Corporation - CPCP, China Petroleum & Chemical Corporation - Sinopec, China National Offshore Oil Corporation - CNOOC) à busca por fornecedores externos e pela expansão para fora do país, com o objetivo de ampliar suas reservas de petróleo<sup>14</sup>.

Gráficos 7 e 8: Consumo e Importação de Petróleo dos principais países



Fonte: BP Statistical Review of World Energy. Elaboração própria.

<sup>13</sup> Com a ida da Intel - fabricante de chips de computadores, para Costa Rica em 1999, o país passou a exportar para Lenovo, HP e Dell, empresas que mantêm suas linhas de montagem na China.

<sup>14</sup> Preocupada com o abastecimento de petróleo no longo prazo, a China está formando reservas usando petróleo produzido internamente e com parte das importações que vem realizando. A América Latina é, cada vez mais, um destino para os investimentos em energia da China (PALACIOS, 2008, pp. 170-186). Embora não tenha sido tratado na dissertação, noto que os interesses e investimentos chineses no petróleo de todos os países da região podem vir a dificultar ainda mais uma integração energética para a região, tão citada quando da formação do Mercosul. Os países da AL têm pouca similaridade em termos de avanço no setor energético. Há pouca convergência de alinhamentos diplomáticos entre os países com excesso de energia, - Bolívia, Paraguai, Peru e Venezuela - com os países importadores como Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. Ou seja, há vários aspectos econômicos e políticos que precisam ser resolvidos a fim de permitir a funcionalidade de um mercado energético integrado. A entrada da China nesse setor pode vir a dificultar ainda mais as chances disso um dia ocorrer, haja vista o peso que ela vem adquirindo no setor regionalmente.

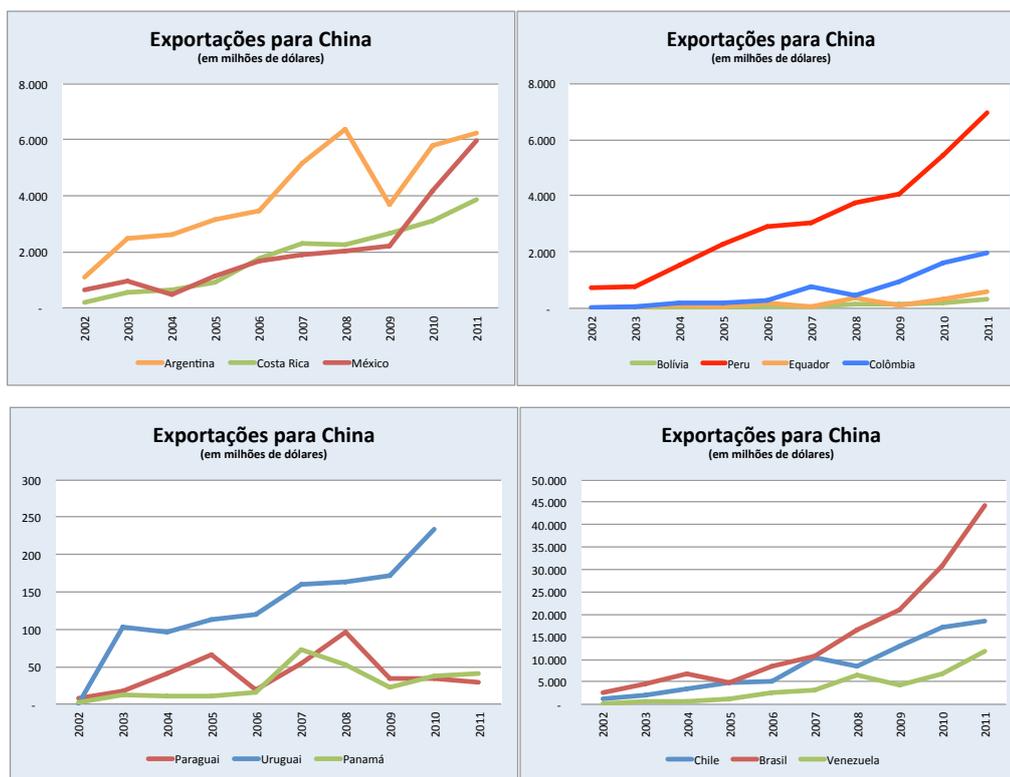
Tabela 5: Total de petróleo nas reservas provadas em países da América Latina (em bilhões de barris)

País	1970	1980	1990	2000	2011	Part. % Total Mundial
Argentina	2,9	2,8	2,7	2,5	2,5	0,2%
Brasil	8,5	9,8	10,6	11,2	15,1	0,9%
Colômbia	1,8	1,6	1,5	1,5	2,0	0,1%
Equador	4,6	5,1	5,1	5,1	6,2	0,4%
Peru	1,0	1,0	0,9	1,1	1,2	0,1%
Trinidad & Tobago	1,0	1,1	0,9	0,8	0,8	0,1%
Venezuela	77,7	77,3	77,2	79,7	296,5	17,9%
Outros	1,4	1,4	1,3	1,3	1,1	0,1%
<b>Total Am. do Sul e Central</b>	<b>98,8</b>	<b>100,1</b>	<b>100,2</b>	<b>103,2</b>	<b>325,4</b>	<b>19,7%</b>

Fonte: BP Statistical Review of World Energy. Elaboração própria.

Isso posto, podemos concluir que o impacto da China nas exportações latino-americanas está concentrado em alguns países e alguns setores. Antes da crise de 2008 analistas defendiam que o crescimento econômico chinês era um “bálsamo” para as economias da AL, que passaram a ver suas exportações e respectivas receitas subirem. Durante a crise econômica esperava-se que a demanda chinesa pudesse amenizar ou até mesmo anular os efeitos negativos da mesma. Passada a crise, o que constatamos é que a curva das exportações para a China (em dólares americanos) para os países analisados nesse estudo continuou em tendência de alta. No Peru, as exportações subiram 129% de 2007 a 2011, no Chile o aumento foi de 77% e na Venezuela, 284%. Se levarmos em consideração a meta de crescimento chinês estipulada no 12º. Plano Quinquenal, de 7% a.a., e o crescimento da população com renda média chinesa, *ceteris paribus*, a tendência a médio prazo é que as exportações de commodities da região para a China continuem estáveis.

Gráfico 9, 10, 11 e 12: Exportações de países selecionados para a China: 2002 - 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Atualmente, para os países selecionados nesse estudo, apuramos que a China é o principal exportador para o Brasil, Panamá e Paraguai, sendo o segundo maior para todos os demais países, com exceção da Bolívia. Quanto às exportações latino-americanas, três países da região já têm a China como principal destino de suas exportações: Brasil, Chile e Peru.

Tabela 6: Posição da China como parceiro comercial e sua participação nas importações e exportações dos países selecionados em 2011

País	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES	
	Posição da China	Part. % total exportado	Posição da China	Part. % total importado
Argentina	2	7,4	2	15,1
Bolívia	6	5,9	< 6	< 1.0
Brasil (1)	1	17,0	1	15,3
Chile	1	22,4	2	17,9
Colômbia	4	3,5	2	15,0
Costa Rica	4	5,1	2	8,4
Equador	< 6	< 1.0	2	13,7
México	3	1,7	2	14,9
Panamá	< 6	< 1.0	1	26,2
Paraguai	< 6	< 1.0	1	29,6
Peru	1	14,3	2	16,7
Uruguai (2)	2	14,2	2	14,7
Venezuela	4	13,9	2	12,0

(1) dados atualizados 2012

(2) estimativa de 2010

Fonte: Comtrade, FMI, World Bank, Secex. Elaboração própria.

## 2.2 América Latina: mercado para os produtos chineses

Embora muito seja discutido sobre a importância das exportações da América Latina para a China, em que pese a necessidade do último por commodities essenciais para manter seu crescimento econômico, a região latino-americana também é importante para o mercado chinês. O crescimento econômico dos países desenvolvidos, tradicionalmente os mercados de destino das exportações chinesas, desacelerou nos últimos anos. Com a crise financeira global de 2008, as economias europeias e norte-americanas passaram, inclusive, a se contrair. A fim de continuar a exportar os volumes necessários para manter seu crescimento econômico, o governo chinês se viu obrigado a diversificar seus mercados. E a AL se mostra um mercado muito atraente para a China.

Com uma população de mais de 600 milhões de pessoas e uma economia de US\$ 4 trilhões, a AL é um mercado atrativo para os produtos chineses. Na opinião de Ellis, um ponto a favor dos produtos chineses na região é o fato de que a maioria dos países latino-americanos possui uma população predominantemente de renda média em termos de renda *per capita*, ou seja, população com certo poder aquisitivo que lhe permite comprar produtos chineses. E, com exceção de uma pequena elite, a população da região, de forma geral, se interessa pelos

produtos baratos da China. Além do mercado formal, a região também comercializa muitos produtos chineses por meio do mercado informal, como CDs e DVDs piratas, imitações de artigos de luxo, etc. (ELLIS, 2009, pp. 13-14).

O comércio bilateral entre China e os países aqui selecionados da AL, em 1975, foi de US\$200 milhões, alcançando US\$241,5 bilhões em 2011, com o comércio tendo crescido a uma taxa anual de 30% nessa primeira década do século XXI. O crescimento da participação chinesa nas importações totais dos países aqui em questão aumentou, sem exceção. Em alguns países, a participação chinesa cresceu em mais de 300% de 2002 para 2011, como é o caso do Brasil (341%), Costa Rica (376%) e Argentina (328%). Na Venezuela, a participação da China nas importações totais venezuelanas, para o mesmo período, subiu de 2,8% para 17,9%, um aumento de 529% (Tabela 7). De acordo com dados da Comtrade, em 2011, a China exportou para a AL mais de US\$155 bilhões, a quarta maior exportadora para a região latino-americana.

O país asiático não tem poupado esforços para aprofundar o relacionamento comercial com a região latino-americana. Até dezembro de 2012 ele tinha três acordos de livre comércio com países da região – Chile, Peru e Costa Rica, uma forte evidência da busca por uma parceria econômica mais madura e ampla entre os países. A China está se tornando um importante fornecedor de produtos para a grande maioria dos países da AL, com parcela crescente das importações totais dos mesmos. Conforme podemos ver na Tabela 7, apenas para a Costa Rica que a China responde por menos de 10% das importações totais.

Tabela 7: China - Participação chinesa nas importações totais de países selecionados

<b>País</b>	<b>2002</b>	<b>2011</b>	<b>Variação</b>
	<b>(%)</b>	<b>(%)</b>	<b>(%)</b>
Argentina	3,7	15,7	328
Bolívia	5,1	11,2	122
Brasil	3,3	14,5	341
Chile	7,2	16,9	137
Colômbia	4,2	15,0	256
Costa Rica	1,8	8,4	376
Equador	3,4	13,7	301
México	3,7	14,9	300
Panamá	41,9	66,8	59
Paraguai	12,7	29,6	133
Peru	6,2	16,7	171
Uruguai	3,8	11,9	209
Venezuela	2,8	17,9	529

Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Em estudo recente, Célio Hiratuka apurou que, dos produtos importados, três setores – informática, máquinas e equipamentos e manufaturados diversos– responderam por 64,6% do total importado pela região em 2009. Para ele, temos observado um aumento na importância desses produtos, ao longo dos anos 2000, em detrimento de produtos mais tradicionais, como vestuário, brinquedos e calçados, o que demonstra o rápido avanço chinês em direção a manufaturas mais intensivas em capital e tecnologia (BITTENCOURT, 2012).

Tal realidade tem provocado debates calorosos na academia e nos setores econômico e político de diversos países da região, onde se discute se a China estaria colocando – ou não, a AL de volta a um mundo de dependência de produtos primários – “re-primarização” de seus setores produtivos e/ou “desindustrialização”, pois além da pauta de exportação da região estar fortemente direcionada para produtos primários, a região estaria perdendo terceiros mercados para os chineses por não conseguir competir com seus produtos manufaturados. Apenas para exemplificar, pois essa questão será abordada com mais detalhes no Capítulo IV, em estudo recente, Gallagher & Porzecanski (2010) chegam à conclusão de que 95% de todas as exportações de alta tecnologia da AL estão sob ameaça da China, o que representa por volta de 12% de toda a exportação da AL. Para eles, mais de 80% das exportações mexicanas

para os EUA passaram a ser ameaçadas pelos concorrentes chineses. Os mexicanos não estariam conseguindo competir com os chineses em áreas que dominaram por muito tempo, como maquinário industrial, equipamento de telecomunicação, dentre outros. Quanto ao Brasil, em 2009, do total que o país importou da China, 96,2% correspondiam a produtos manufaturados, 0,3% a produtos semimanufaturados e os 3,5% restantes a produtos básicos (CNI, 2010).

### **2.3 A Questão Taiwan**

Uma das características mais importantes da política chinesa é a ênfase colocada na unidade do país. O fato de a China ter passado por vários períodos de desunião na sua história, com um custo muito alto, ensinou os chineses que a união do país é algo imprescindível para seu desenvolvimento e bem estar, sendo que qualquer coisa deve ser feita para mantê-la.

Conter e isolar Taiwan em todo o mundo é prioridade da agenda da política externa de Beijing, pois o reconhecimento internacional de Taiwan poderá levá-lo a declarar sua independência. Dos 193 países membros das Nações Unidas, 23 países reconhecem Taiwan como um estado soberano, sendo que 12 encontram-se na América Latina e no Caribe<sup>15</sup>. Essas regiões tornaram-se palco de uma acirrada “guerra” de política externa entre a China e Taiwan, que buscam reconhecimento e legitimidade internacionais, intensificando a competição estratégica entre os dois na região (ELLIS, 2009, pp. 14-15).

Taiwan tem promovido o comércio e investimentos, oferecido assistência econômica e firmado acordos internacionais nas regiões onde é reconhecido. Na América Central, por exemplo, Taiwan fez acordos de livre comércio com Panamá, Nicarágua e Guatemala. Atualmente está em negociações com Honduras e El Salvador e compete com a China para assinar um acordo de livre comércio com o Paraguai, único país a reconhecer Taiwan na América do Sul (ROETT & PAZ, 2008, pp. 4-5). Mas a China tem ganhado terreno na região por meio de métodos diplomáticos discretos e consistentes, principalmente no que tange a explorar as fraquezas financeiras dos governos locais. Taipei perdeu Costa Rica para Beijing em 2007 e em 2009, para evitar o pior com El Salvador, o presidente de Taiwan, na posse do

---

<sup>15</sup> São eles: Belize, República Dominicana, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas

novo presidente salvadorenho, disse-lhe que não se importava que o país latino-americano aprofundasse relações comerciais com a China, uma vez que mantivesse o reconhecimento diplomático de Taiwan.

Essa competição entre Beijing e Taipei por reconhecimento tem demandado grandes somas de recursos financeiros por parte de ambos, pois alguns estados têm buscado se beneficiar dessa rivalidade por meio de obtenção de empréstimos, créditos, investimentos e concessões ao colocarem um contra o outro. Em 2004, Taiwan recusou-se a ajudar a República Dominicana com US\$58 milhões. Como resposta a essa recusa, em 2005, a nação-ilha passou a reconhecer diplomaticamente a China que, imediatamente, enviou para o país US\$11 milhões mais um adicional de US\$100 milhões para os próximos seis anos (valor que, na época, representou mais de um terço da receita do governo). Já na Nicarágua, em 2008, Taiwan doou US\$750 mil para a polícia nacional nicaraguense, quantia essa a ser usada na compra de uniformes até 2011, além de enviar sessenta médicos para fornecerem atendimento médico gratuito para milhares de nicaraguenses (ELLIS, 2009, pp. 14-15). Costa Rica, que mudou seu reconhecimento diplomático para a RPC em 01 de junho de 2007 recebeu, como “agradecimento”, um presente de Beijing: um estádio de futebol, a um custo de 89 milhões de dólares, inaugurado em 2011. Porém, o crescimento econômico chinês e o aumento de seus investimentos diretos na AL têm feito com que fique cada vez mais difícil para Taiwan competir com a China na região mas, sem dúvida, muitos países ainda se beneficiam dessa competição.

## **2.4 Alianças Estratégicas**

Quando James Monroe, o então presidente dos Estados Unidos, em um discurso em 1823 disse que nenhuma outra potência estrangeira poderia ter mais poder e influência na região do que os Estados Unidos, ele dava início a uma política “protecionista” da América Latina por parte de Washington. De lá para cá o mundo passou por duas guerras mundiais e pelo período de Guerra Fria, quando a Doutrina Monroe foi aplicada na América Latina: todo país que se “desviasse” para a esquerda experimentaria algum tipo de intervenção dos Estados Unidos. Terminada a Guerra Fria e com os eventos de onze de setembro, os Estados Unidos passaram a concentrar grande parte de sua atenção e recursos à guerra ao terrorismo.

Foi nesse contexto que a China começou a fazer importantes incursões a fim de expandir sua influência no exterior, em regiões como a África, o sudeste asiático e, mais recentemente, na América Latina. Na opinião de Kurlantzick (2008), a China está se tornando mais sofisticada e influente na questão diplomática, buscando forjar relacionamentos estratégicos por meio da promoção da cooperação Sul-Sul em fóruns multilaterais. A influência diplomática do país asiático é amparada por ferramentas tais como ajuda humanitária, investimento estrangeiro direto, *soft power*, diplomacia simbólica, além de uma política externa livre de condicionalidades. Esse modelo de política externa, também conhecido como Consenso de Beijing (em referência ao Consenso de Washington), é baseado na não interferência em assuntos domésticos dos estados e na promoção da integridade da soberania do estado, pontos bem vistos por países em desenvolvimento.

Na AL, a China reconheceu alguns países como “parceiros estratégicos”: Venezuela (2001), México (2003), Brasil (2004), Argentina (2004) e mais recentemente o Peru (2008). Como parte de seu posicionamento global enquanto emerge como uma potência, ela passa a dar tratamento especial a esses países como forma de aumentar sua influência na região. Xiang entende que, por estratégico, a China refere-se, principalmente, a interesses econômicos e energéticos (XIANG, 2008, p. 51-52). Já para Jiang (2008), indiferentemente do que possa vir a significar o *status* de “parceiro estratégico”, não há dúvidas quanto ao fato dos chineses compreenderem o caráter sensível do aprofundamento de seus laços com a América Latina, uma região tradicionalmente percebida como o “quintal” dos Estados Unidos, e de forma alguma o aumento da presença da China na região pode ser interpretada como um desafio à hegemonia dos Estados Unidos no hemisfério. Não é o que pensa o deputado republicano Dan Burton, para quem os Estados Unidos deveriam considerar as ações da China na América Latina como um movimento de uma potência hegemônica no hemisfério:

Os objetivos tradicionais da política dos Estados Unidos sempre incluíram a promoção da estabilidade política, democracia, aumento ao acesso de mercados e prevenção do surgimento de poder hegemônico. Até que saibamos se a China seguirá as regras de comércio justo e se vai engajar responsabilmente em assuntos transnacionais, devemos ser cuidadosos e encarar a ascensão do poder chinês como algo a ser contrabalanceado ou contido, e talvez até mesmo considerar as ações da China na América Latina como um movimento de um poder hegemônico em nosso hemisfério (JIANG, 2008, p. 39).

As relações entre a China e AL devem analisadas levando em conta o papel dominante que os Estados Unidos têm com ambos. EUA e AL são cruciais para os chineses. Com renda e consumo baixos, a China precisa dos investimentos estrangeiros e de exportações, de investidores e de mercados para seus produtos para continuar a crescer. Os mercados, o capital e a tecnologia dos EUA assim como as matérias-primas como petróleo, minérios e produtos agrícolas da AL são essenciais para o governo chinês manter seu crescimento. Washington parece cautelosa com a presença da China na AL ao mesmo tempo em que negligencia seus vizinhos do sul. A estratégia de Beijing para a região, que combina necessidade e oportunidade, não havendo qualquer indicação que sua intenção seja a de desafiar os EUA no hemisfério ocidental, tem contribuído para a ausência de tensões no relacionamento triangular Sino-Latino-Americano-EUA. Na verdade, o governo chinês tem procurado de todas as formas convencer os EUA e o resto do mundo que suas intenções são pacíficas<sup>16</sup>.

Fato é que a China possui acordos com vários países da região. A nível bilateral, com Chile, Peru e Costa Rica estabeleceu acordos de livre comércio em 2005, 2008 e 2011 respectivamente. Na Venezuela, por exemplo, ambos os países possuem vários acordos de cooperação em projetos elétricos e petrolíferos, o último deles tendo sido acordado em novembro de 2012 (para o desenvolvimento de energia elétrica com base no coque de petróleo e carvão). A Colômbia, em maio de 2012, assinou 9 acordos com a China, em diversas áreas, a fim de aprofundar as relações políticas e comerciais, além de lançar as bases para um futuro tratado de livre comércio. No Brasil, em junho de 2012 o primeiro ministro chinês, Wen Jiabao, e a presidente Dilma Rousseff assinaram um Plano Decenal (2012-2021), elevando a relação bilateral a um novo patamar, que passa a ser de Parceria Estratégica Global, cujo objetivo é apontar as principais áreas e projetos em diversos campos para a cooperação entre os dois países. Iniciativas como: envidar esforços conjuntos com vistas ao lançamento dos satélites sino-brasileiros de recursos terrestres em 2014, apoiar o investimento bilateral em indústrias de equipamentos de mineração, estabelecer um mecanismo bilateral de *swap agreement* entre os dois Bancos Centrais, no valor máximo de R\$60 bilhões, duplicar os fluxos bilaterais de comércio até 2016 (em comparação com os dados de 2011), dentre outras (CEBC, 2012).

---

<sup>16</sup> Para maiores informações sobre o assunto, ver Tokatlian (2008), Stallings (2008), Roett&Paz (2008), Watson (2008), Xiang (2008), O'Grady (2004), Hirst (2008).

A nível multilateral, a China é um membro formal do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) desde 2009. Tem sido uma observadora permanente na Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) e na Organização dos Estados Americanos (OEA) desde 1994 e 2004, respectivamente, além de ampliar seus canais nas principais associações de integração da região por meio de parcerias com o Mercado Comum e Comunidade do Caribe (CARICOM), a Comunidade Andina de Nações (CAN) e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

Discutir as relações entre MERCOSUL e China não é o propósito desse estudo, pois devido à complexidade do assunto, isso nos demandaria uma outra dissertação. Porém, não podemos deixar de mencionar o interesse chinês pela região, conforme expressado em Junho de 2012 pelo primeiro ministro chinês, Wen Jiabao, que se aproveitou do afastamento temporário do Paraguai, país membro do MERCOSUL que ainda reconhece Taiwan diplomaticamente, para propor um acordo de livre comércio com essa integração. Mas, conforme veremos no Capítulo III, mesmo sem um acordo entre as duas regiões, as relações comerciais entre os países do MERCOSUL (inclusive Paraguai) e China crescem há uma década, com os países latino-americanos comercializando commodities e a China produtos industrializados. Para os países membros do MERCOSUL não interessa acabar com as tarifas alfandegárias existentes que protegem, pelo menos em parte, suas indústrias dos produtos chineses, um dos mais competitivos do mundo. A China já compra da região o que lhe interessa, qualquer eliminação de barreiras comerciais só traria prejuízo para a região que não assistiria um aumento significativo de suas exportações para o país asiático e, muito provavelmente, veria sua indústria manufatureira sofrer com a concorrência chinesa.

Tabela 8: Evolução da Participação Chinesa nas Importações dos países membros do MERCOSUL

	Brasil	Argentina	Uruguai	Paraguai
2001	2,4%	5,2%	4,0%	11,6%
2002	3,3%	3,7%	3,8%	12,7%
2003	4,4%	5,2%	3,9%	13,9%
2004	5,9%	6,2%	5,5%	15,7%
2005	7,3%	5,3%	6,2%	19,6%
2006	6,1%	9,1%	7,3%	26,7%
2007	10,5%	11,4%	9,6%	27,7%
2008	11,6%	12,4%	10,0%	27,4%
2009	12,5%	12,4%	11,9%	29,6%
2010	14,0%	13,5%	17,7%	34,2%
2011	14,5%	15,1%	24,1%	29,6%

Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Para Ellis (2009), à China interessa trazer indústrias chinesas para produzirem no Uruguai e se beneficiarem do fato do país fazer parte do MERCOSUL, podendo, assim, vender seus produtos aos outros membros sem ter de pagar tarifas. Enquanto acordos legais não são oficializados e empresas estabelecidas, a China é comumente acusada de fazer operações de triangulação, operação por meio da qual um produto fabricado em um país é "exportado" a partir de outro, onde obtém certificado de origem falso. Em 2011, fabricantes brasileiros denunciaram a triangulação de produtos chineses pelo Paraguai, Uruguai e até mesmo pela Argentina. Os exportadores chineses, além de falsificarem os certificados de origem das mercadorias exportadas, se beneficiam das vantagens propiciadas pelo MERCOSUL, com a livre circulação de mercadorias.

Hoje, já no segundo mandato de Obama, a AL continua na periferia do interesse do país norte-americano, cuja política externa está voltada para o Oriente Médio, a Primavera Árabe e a contenção do avanço da China no Pacífico. Enquanto isso, o país asiático vai se organizando nos países da AL de forma a garantir não apenas o abastecimento de commodities que tanto necessita, por meio de “negócios centrados em circuitos financeiros próprios”, como ajuda alguns países ao assumir, em parte, o papel que já foi exclusivo do FMI e do Banco Mundial, emprestando bilhões de dólares para a região, como veremos a seguir.

## 2.5 Investimento Estrangeiro chinês na América Latina

Quando nos referimos aos investimentos estrangeiros na América Latina, em relação à China, podemos dividir a análise em duas áreas: em primeiro lugar, se e quanto que a AL perdeu de Investimento Estrangeiro Direto (IED) para a China, ou seja, analisar quanto de IED de todo o mundo pode ter deixado de ser investido na AL para ser investido no país asiático. Em segundo lugar, analisar os investimentos bilaterais, entre a China e AL. Esse trabalho não se propõe a analisar a primeira opção<sup>17</sup>. Discutiremos apenas os investimentos bilaterais entre as duas regiões, nos diversos países aqui propostos.

Desde o início das reformas de Deng Xiaoping, em 1978, que a economia mundial tem assistido a importantes mudanças na China, dentre elas a expansão internacional das empresas chinesas, primeiro para economias desenvolvidas e depois para economias emergentes, transformando-as em *global players*. Em uma pesquisa feita pela *China Council for the Promotion of International Trade*, em 2010, 61% das empresas entrevistadas disseram que pretendiam investir no exterior nos próximos 5 anos. Os objetivos citados para justificar tal investimento foram a busca por: (1) outros mercados, (2) por tecnologia avançada, (3) experiência gerencial e (4) matérias-primas e recursos naturais para o mercado doméstico.

Com forte potencial de expansão no mercado interno, as empresas chinesas escolhem investir no exterior. Em estudo recente, Holland & Barbi (2010) chegam à conclusão que isso se dá por quatro fatores possíveis. O primeiro, a tentativa das empresas chinesas de garantir acesso e controlar, de forma direta, as fontes de recursos naturais com o propósito não apenas de manter o crescimento do PIB entre 7 e 10% a.a. mas também de assegurar bons preços das commodities. Segundo, buscar maior competitividade para as firmas chinesas em virtude da entrada da China na OMC. Terceiro, obter maior tecnologia para as firmas chinesas por meio de aquisição de empresas estrangeiras e, quarto, aumentar a influência política da China no mundo<sup>18</sup>.

A América Latina, como um dos principais destinos de IED<sup>19</sup> chinês é algo recente,

---

<sup>17</sup> Fornés e Butt-Philip (2012), em estudo recente, chegaram à conclusão de que o estoque de IED tanto na China quanto na AL tem crescido de forma estável desde 2005, na média em 14% e 15% respectivamente. Para os autores, ainda há mais espaço para o IED crescer na China do que na AL. Para maiores informações acessar Dussel Peters (2005), Garcia-Herrero e Santabarbara (2005), Blazquez-Lidoy *et al* (2006).

<sup>18</sup> Citado em PINTO, E.; ACIOLY, L.; CINTRA, M. *As Relações bilaterais Brasil-China: A ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil*. IPEA, 2011, pp. 36-37.

<sup>19</sup> Consideraremos os investimentos chineses na região como IED, embora em alguns casos seja difícil classificá-los como diretos.

embora alguns países da AL como Brasil, Chile e Peru já contam com a presença de negócios chineses há mais tempo. Em meados de 2010, o valor dos investimentos chineses na região latino-americana e no Caribe já era o segundo maior no exterior (CRI, 2010).

Tabela 9: China – Investimentos Estrangeiros Diretos no Exterior por País (2000 – 2011), em milhões de dólares

País/Região	Valor (em milhões de dólares)	Participação	Número de Transações	Participação	Valor por Transação
<b>América Latina e Caribe</b>	<b>25.999</b>	<b>9,5%</b>	<b>56</b>	<b>5,8%</b>	<b>464</b>
Angola	923	0,3%	3	0,3%	308
Argentina	5.550	2,0%	2	0,2%	2.775
Austrália	18.326	6,7%	136	14,1%	135
<b>Brasil</b>	<b>14.614</b>	<b>5,3%</b>	<b>10</b>	<b>1,0%</b>	<b>1.461</b>
British Virgin Island	639	0,2%	23	2,4%	28
Canadá	22.154	8,1%	69	7,2%	321
Cayman Island	118	0,0%	6	0,6%	20
França	4.617	1,7%	10	1,0%	462
Alemanha	98	0,0%	4	0,4%	25
Hong Kong	61.128	22,2%	298	31,0%	205
Itália	775	0,3%	5	0,5%	155
Japão	1.035	0,4%	30	3,1%	35
Países Baixos	873	0,3%	9	0,9%	97
Mongólia	175	0,1%	8	0,8%	22
México	131	0,0%	3	0,3%	44
Noruega	4.829	1,8%	5	0,5%	966
Rússia	3.901	1,4%	3	0,3%	1.300
Singapura	7.505	2,7%	41	4,3%	183
África do Sul	6.069	2,2%	4	0,4%	1.517
Coreia do Sul	1.420	0,5%	14	1,5%	101
Suíça	7.446	2,7%	3	0,3%	2.482
Taiwan	47	0,0%	7	0,7%	7
EUA	17.388	6,3%	76	7,9%	229
Outros	69.187	25,2%	137	14,2%	505
<b>TOTAL</b>	<b>274.947</b>		<b>962</b>		<b>286</b>

Obs: Inclui apenas transações com valores declarados e negociados. Transações com valores aproximados não constam da tabela. Apenas para a AL, eles chegam a 17 bilhões de dólares.

Fonte: DUSSELS, 2012<sup>20</sup>.

Nos últimos 5 anos, 430 companhias chinesas se estabeleceram na região, sendo 37 apenas na Argentina<sup>21</sup>. Ellis (2012) divide o engajamento entre China e AL em 3 etapas: (1) o

<sup>20</sup> Ao se referirem à fonte original, notarão que os totais não batem com o quadro acima. Totais do quadro de Dussels estavam desatualizados e foram corrigidos para esse trabalho.

<sup>21</sup> Joint ventures com companhias argentinas como, por exemplo, a Huawei Argentina e ZTE Argentina (TI), Jinarg (motocicletas), Cosco Argentina Marítima (logística naval), Chiarpesca e Univpesca (indústria pesqueira), dentre outras (MALENA, 2011).

período pré 2002, quando o relacionamento era distante e geralmente concentrado em questões políticas tais como os laços sul-sul e as relações partido-partido; (2) o período de simples expansão do comércio, de 2002 a 2007, com a entrada da China para a OMC e a política do “going global” anunciada como parte do décimo plano quinquenal em 2002 e (3) pós 2007, o período de expansão de investimento, quando o país asiático passou a atuar como grande investidor estrangeiro externo.

Se no início da reforma chinesa os investimentos estrangeiros diretos no exterior (OFDI) chineses eram regulados pelo governo da China, hoje as empresas que desejam investir no exterior são encorajadas a fazê-lo, recebendo incentivos fiscais como isenção de taxas/taxas preferenciais. A partir de 2009, o Ministério do Comércio da República Popular da China (MOFCOM) delegou às autoridades provinciais o poder de examinar e aprovar projetos de OFDI. Mesmo em casos de projetos grandes e politicamente sensíveis, o MOFCOM deve fornecer uma avaliação do projeto em até 30 dias úteis e as autoridades provinciais devem chegar a uma decisão final no prazo de 20 dias úteis. Por trás disso estão tanto objetivos macroeconômicos - redução das reservas internacionais, como objetivos microeconômicos - obtenção de novas tecnologias, matérias-primas e energia<sup>22</sup>.

Para Bittencourt (2012), os IEDs chineses na AL fazem parte da estratégia do governo chinês para a região, considerada importante fornecedora de matérias-primas para a China: 86% do IED chinês na AL durante o período de 1990-2010 foram para os setores de energia e de recursos naturais, tendo o país asiático se comprometido a investir por volta de US\$100 bilhões até 2015 (Tabela 10).

---

<sup>22</sup> Obrigatoriamente todo processo de OFDI deve ser aprovado pela Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (CNDR), tanto de empresas estabelecidas na China como de suas filiais no estrangeiro; em particular, os projetos com valores acima de US\$ 200 milhões necessitam ainda da autorização do Conselho de Estado após a aprovação da CNDR. A Comissão exige estar plenamente informada de todo o processo de negociação com as contrapartes no estrangeiro até permitir o OFDI final (BITTENCOURT, 2012). Em suma, todos os investimentos no exterior devem ser aprovados pelo setor público e devem atender à estratégia “going global”.

Tabela 10: Investimentos Chineses na AL – principais transações realizadas pelos chineses na América Latina, em milhões de dólares

	Uso	Data	Vendedor	Comprador	País Vendedor	Valor
1	matéria-prima	out-10	Repsol YPF Brasil SA	Sinopec Group	Brasil	7.111,0
2	matéria-prima	mar-10	Bridas Corp	CNOOC Ltd	Argentina	3.100,0
3	matéria-prima	mai-10	Peregrino Project Campos Basin	Sinochem Group	Brasil	3.070,0
4	matéria-prima	dez-10	Occidental Argentina Expl	Sinopec Group	Argentina	2.450,0
5	matéria-prima	set-11	CBMM	China Niobium Investment	Brasil	1.950,0
6	matéria-prima	mai-10	Expansion Transmissao Itumbiar	State Grid Brazil Holding Ltda	Brasil	1.702,0
7	matéria-prima	set-05	EnCana Corp-Ecuador Assets	Andes Petroleum Co	Equador	1.420,0
8	mercado	ago-11	GE SeaCo Ltd	Investor Group	Barbados	1.049,0
9	mercado	nov-02	Asia Global Crossing Ltd	Asia Netcom Corp Ltd	Bermuda	870,0
10	matéria-prima	jun-09	MMX Sudeste Mineração SA	Wuhan Iron & Steel Co Ltd	Brasil	400,0
11	mercado	fev-10	Garden Plaza Capital SRL	Skysail Investments Ltd	Barbados	328,0
12	matéria-prima	fev-04	PlusPetrol Norte SA	CNPC	Peru	200,0
13	matéria-prima	mai-09	MMX Mineração e Metálicos SA	Wuhan Iron & Steel Co Ltd	Brasil	120,0
14	matéria-prima	out-08	Pampa de Pongo Property, Peru	Zibo Hongda Mining Ind Co Ltd	Peru	100,0
15	matéria-prima	set-03	Ecuador Block 16	Sinochem	Equador	100,0

Fonte: DUSSELS, 2012

Mas, em tese, os motivos para os investimentos chineses podem ser diversos: controlar os ativos e exercer influência política, assegurar fornecimento de recursos naturais para alimentar o crescimento econômico da China, obter acesso a um mercado de quase 600 milhões de pessoas com uma economia de \$4 trilhões para os produtos chineses ou usar certos países como paraísos fiscais (FORNES&BUTT-PHILIP, 2012).

Pequenas, médias e grandes empresas chinesas do setor manufatureiro que têm obtido sucesso em exportar seus produtos para países latino-americanos nos últimos anos estão se internacionalizando. Estão adquirindo ativos na região, comprando marcas locais e canais de distribuição para vender seus produtos. Como exemplos, podemos citar o fabricante de carros Chery, da província de Anhui, que começou a montar seu modelo QQ no Uruguai com parceiros locais para ser comercializado na América do Sul; Tiens, empresa farmacêutica de Tianjin, que estabeleceu redes de vendas diretas na Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru e Venezuela; Refinex, empresa de implantes de silicone de Xangai que adaptou seus produtos para o público latino-americano e a empresa Gree, maior produtora de aparelhos de ar-condicionado do mundo, da província de Guangdong, que estabeleceu uma fábrica no Brasil (FORNES&BUTT-PHILIP, 2012, p. 97).

Nem todos os países da AL receberam investimentos significativos da China. Alguns países mais que outros. Um levantamento da entidade americana Heritage Foundation indica que o Brasil se tornou o principal destino de investimentos diretos chineses em 2010, num total de US\$ 13,7 bilhões. Dos investimentos chineses anunciados em 2010, 45% foram para

o setor de energia (petróleo e gás), 20% para o agronegócio, 20% para mineração, 10% para siderurgia, 3% para energia elétrica e 2% para manufatura<sup>23</sup> (CEBC, 2011).

Em janeiro de 2011, a empresa Chongqing Polycomp International Corporation decidiu investir no setor de fibras de vidro, em Capivari, SP (valor total do investimento não foi anunciado). Em abril do mesmo ano, a empresa Huawei, de telecomunicações, decidiu pelo investimento de US\$ 300 milhões em Campinas, SP, na instalação de um Centro de P&D. Já a também empresa de telecomunicações, ZTE, decidiu investir US\$200 milhões na construção de um parque industrial em Hortolândia, SP. No mesmo mês, a companhia estatal chinesa Sanhe Hopeful assinou um termo de compromisso para investir US\$7,5 bilhões no Estado de Goiás com o propósito de garantir a compra de seis milhões de toneladas de óleo de soja e reduzir os custos de intermediação de grãos no mundo e no mercado de oleaginosas. Outros US\$4 bilhões devem ser investidos pela empresa Chongqing Grain Group na construção de um complexo industrial para o processamento de soja em Barreiras, Bahia, uma processadora de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos. Em maio foi a vez da Foxconn anunciar investimentos em Jundiaí, SP, que podem chegar a US\$3 bilhões com a construção da fábrica de telas. Vários outros projetos de investimentos foram anunciados, mas ainda estão pendentes, em fase de estudo ou de negociação.

Outro país a receber investimentos da China é a Venezuela. De acordo com a embaixada chinesa em Caracas, em 2006 Venezuela foi o principal destino dos investimentos chineses para a região. Foi o ano em que *China National Petroleum Corporation* (CNPC) – empresa nacional chinesa - assinou um acordo com a subsidiária da PDVSA, *Corporación Venezolana de Petróleo*, para desenvolver e explorar Junín 4, um bloco de óleo pesado no cinturão Orinoco. Também foi quando a CNPC obteve direitos de produção nos campos de Caracoles e Intercampo, por meio de uma *joint-venture* com PDVSA. Em 2012, de acordo com seu vice-presidente, Wang Dongjin, a CNPC continuará investindo em projetos de *upstream* na Venezuela para aumentar sua produção, dos atuais 200 mil barris/dia para 800 mil até 2017. China Petroleum & Chemical Corporation (Sinopec), outra grande empresa chinesa, também assinou seu primeiro acordo em agosto de 2006 para a produção de óleo no

---

<sup>23</sup> Os dados do Ministério do Comércio da China, MOFCOM, fonte de dados primária para avaliação dos investimentos chineses no mundo, não permitem a quantificação dos investimentos destinados a um determinado país, pois incluem o fenômeno conhecido como *roundtripping* – a ida e volta de recursos para Hong Kong. Tais dados foram obtidos por meio da mídia, de entrevistas com empresas e o exame de relatórios financeiros de empresas chinesas e brasileiras, assim como documentos que comprovam ou, ao menos, apontam investimentos diretos no país (CEBC, 2011).

campo de Posa no Golfo Paria (ELLIS, 2009, pp. 110-115). Quanto a serviços, a empresa de telecomunicações Huawei atua no país desde 1999, sendo que a ZTE entrou no mercado mais tarde, em 2006, mas tem obtido excelentes negócios. Recentemente construiu fábricas de telefones celulares no estado de Miranda e venceu um contrato lucrativo para fornecer à Venezuela *internet television* – IPTV (PAZ, 2011, p. 229). No final de junho de 2012, China State Grid Corporation, a maior empresa estatal chinesa de transmissão e distribuição de energia, assinou um acordo de transmissão de energia de US\$1,31 bilhão com a Corporación Eléctrica Nacional da Venezuela (Corpoelec). O contrato inclui a construção de linhas de transmissão em Caracas e nas regiões adjacentes, aumentando significativamente a capacidade de transmissão da Venezuela.

No Chile, as companhias de telecomunicação chinesas também estão presentes. Huawei e ZTE possuem escritórios em Santiago e já venceram contratos importantes no país. Em agosto de 2011 a companhia chinesa Hebei Wengen anunciou planos de investir US\$250 milhões na construção de um porto na região do Atacama para escoar, dentre outros produtos, o minério de ferro a ser explorado por eles no depósito Minera San Fierro. Em 2012, Wen Jiabao, primeiro ministro da China, anunciou, durante uma visita ao Chile, o investimento de US\$900 milhões em energia solar por parte da estatal chinesa Sky Solar, em parceria com o grupo chileno Sigdo Koppers, para produzir 300 megawatt, energia essa que será usada para a indústria de cobre, commodity de grande interesse chinês.

Na Argentina, o maior grupo agrícola chinês, Heilongjiang Beidahuang Nongken Group está investindo US\$1,5 bilhão em arrendamento e desenvolvimento de 300 mil hectares na província do Rio Negro. O Grupo também fez uma *joint venture* com a empresa argentina Cresud SA, para comprar terras e fazendas de soja. Outra empresa estatal chinesa interessada no agrobusiness argentino é o Ghongqing Grain Group que está em negociações com a empresa argentina Molino Canuelas SA para futuros investimentos em fazendas de soja e leiteiras. Conforme declarações do grupo chinês, seria o primeiro passo para futuros investimentos em plantações de milho, algodão e soja, na ordem de US\$1,2 bilhão. Quanto ao interesse chinês por energia, em fevereiro de 2011, a empresa americana Occidental Petroleum Corp vendeu seus ativos para Sinopec por US\$2,5 bilhões. Em 2010, China National Offshore Oil Corporation comprou 60% da Pan American Energy da companhia britânica BP por US\$7,1 bilhões. Tais investimentos representaram 36,4% do total investido pelos chineses na AL em 2010 (CEBC, 2011).

O Peru é outro país que recebe significativos investimentos chineses, principalmente no setor de minas de cobre e minério de ferro. Entre 1990 e 2009, recebeu 30,8% de todo o investimento chinês para a AL. Para 2011, dos investimentos anunciados para a região, 38% eram destinados ao Peru (CEBC, 2011). De acordo com a Câmara de Comércio Peruano-China (CAPECHI, 2013), os principais investimentos previstos para os próximos 5 anos são: a expansão da mina de minério de ferro Marcona por parte da unidade peruana da empresa chinesa Shougang, na região inca, projeto que irá requerer um investimento total de US\$1,2 bilhão; investimento de US\$1,5 bilhão da Zijing Mining Group na mina de cobre Rio Blanco; investimento de US\$2 bilhões pela Minmetals nas minas de ouro Rio Galeno e investimento de US\$2 bilhões da Corporação de Alumínio da China (Chinalco) no desenvolvimento e execução da mina de cobre Toromocho.

Em sua busca para garantir suprimentos de petróleo, a China tem investido em quase todos os países que possuem tal commodity. No Equador, em 2005, CNPC e Sinopec investiram US\$1,42 bilhão na compra de 55% dos ativos da Encana, empresa canadense que detém o direito de exploração de petróleo na região. Do Peru, em 2004, a CNPC comprou 45% da companhia de petróleo PlusPetrol Norte, tendo desembolsado US\$200 milhões por ela. Na Colômbia, embora suas reservas provadas de petróleo sejam modestas, em 2006 a empresa chinesa Sinopec comprou, por US\$800 milhões, 50% de participação da Omimex, indústria local de exploração e produção. No Brasil, a Sinopec comprou, por US\$7,1 bilhões, 40% da Repsol Brasil, maior companhia de petróleo e gás da Espanha, com o objetivo de desenvolver projetos de exploração e de produção que a petroleira espanhola possui atualmente no Brasil. Para analistas do banco suíço UBS, os chineses pagaram um ágio de 22% pelas ações da Repsol, o que mostra o seu interesse em garantir o acesso a essa commodity.

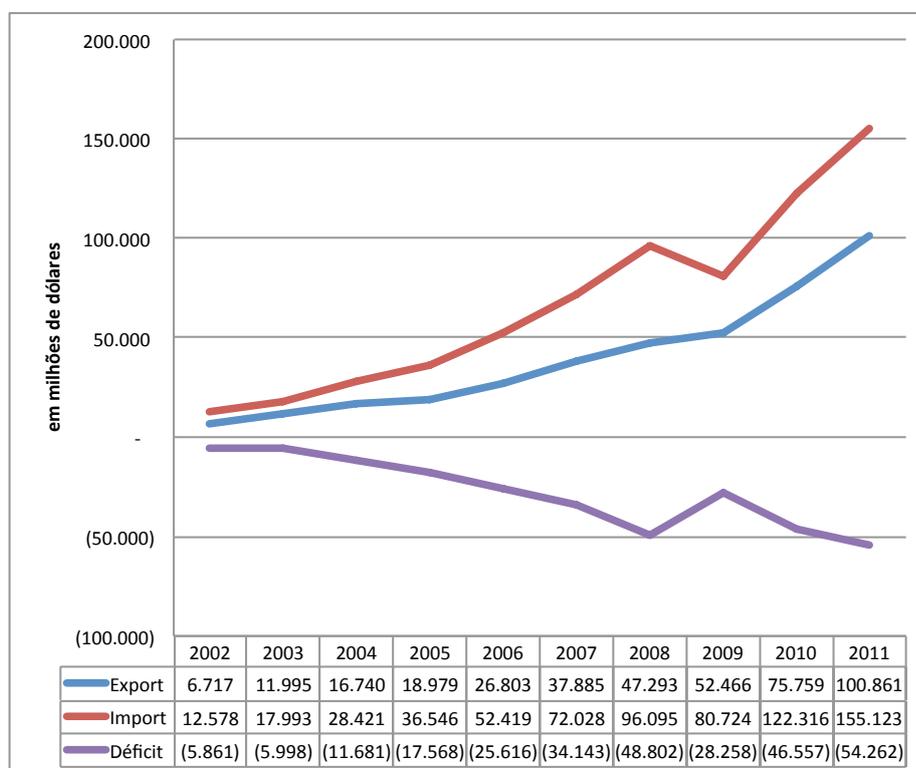
No México, entre 2000 e 2009, dos US\$222 bilhões que o país mexicano recebeu em IED, apenas US\$131 milhões vieram da China. Dentre os investimentos feitos, podemos citar o da empresa chinesa Golden Dragon Precise Copper Tube Group, maior produtora de tubos de cobre do mundo, que inaugurou sua primeira fábrica em solo mexicano em outubro de 2009, visando o mercado norte-americano, depois de ter investido US\$100 milhões. Mas em 2011, de acordo com a *Embajada da Republica Popular da China en Mexico*, havia 57 empresas chinesas investindo no México, totalizando US\$400 milhões.

Na opinião de Dussel-Peters (2012), esse processo de orientação crescente das empresas chinesas para o exterior continuará sendo favorecido até ao menos 2020, como está estipulado no 12º. Plano Quinquenal, que estabelece um crescimento das indústrias novas para que sua participação no PIB possa crescer dos atuais 5% para 15% em 2020. Quanto às estratégias das empresas transnacionais chinesas que estão investindo na AL, é de se esperar que os investimentos na região continuem, principalmente nesses setores de energia e matérias-primas, basicamente por dois motivos: primeiro, essas commodities são essenciais para o crescimento sustentável chinês e, segundo, a China está encontrando certas dificuldades para assegurar esses ativos energéticos e de matérias-primas provenientes da Austrália, EUA e Canadá.

### CAPÍTULO III – INSERÇÃO DA AMÉRICA LATINA NA EXPANSÃO CHINESA

As relações comerciais entre a China e países da América Latina começaram a se intensificar a partir de 2002, com maior impulso a partir da visita de Hu Jintao em 2004, quando dezenas de acordos comerciais, de investimentos e de cooperação foram assinados com diversos países da região. Em 2002, do total exportado pelos países aqui analisados, 2,1% foram para a China. Esse número saltou para 9,8% em 2011. Já quanto às importações se em 2002 apenas 4,3% de tudo que era importado pelos países analisados vinham da China, em 2011 essa participação subiu para 16,4% (Gráfico 13). Observamos um aumento mais rápido das importações (1.402% de 2002 a 2011) do que das exportações (1.133%), o que se traduz em um crescente déficit comercial da região com a China, que atingiu a cifra de US\$ 54,3 bilhões em 2011, o maior déficit da AL com a China. Mas como veremos a seguir, esse déficit não é uniforme entre os países selecionados.

Gráfico 13: China e América Latina - Relação Comercial entre as duas regiões entre 2002 e 2011 (em milhões de dólares)



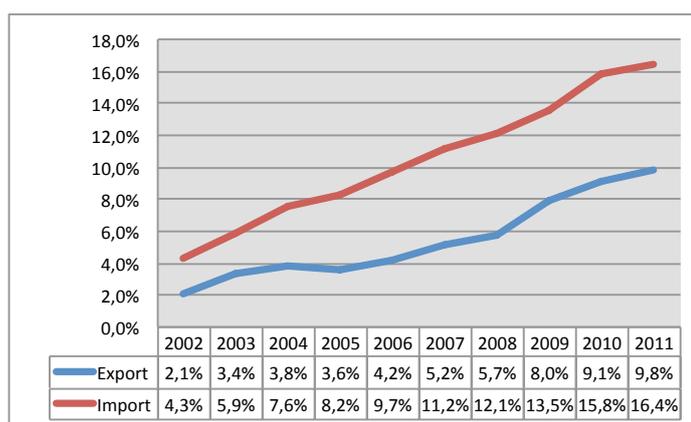
Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

As complementaridades econômicas são uma parte crucial na relação sino-latino-americana. É praticamente impossível para os exportadores de alimentos, minérios e produtos agrícolas ignorar um mercado de mais de 1,34 bilhão de pessoas cujo padrão de vida está melhorando a cada ano. Ao mesmo tempo, as matérias-primas, minérios e petróleo encontrados na América Latina são imprescindíveis para atender a demanda sem precedentes da China por tais commodities necessárias para que o país asiático possa manter sua alta taxa de crescimento. A expansão da capacidade manufatureira da China, por exemplo, requer grandes quantidades de cimento, aço e madeira para a construção de novos prédios e vários tipos de metais para a produção de máquinas, além de muita energia <sup>24</sup>.

A AL passa, então, a ter um papel importante como fornecedora de alimentos como a soja (em 2011, o Brasil exportou 22 milhões de toneladas de soja para a China, representando um aumento de mais de 400% no volume exportado em 2004), óleo de girassol da Argentina e produtos voltados para a população chinesa com renda média (café, vinho, etc). Isso explica porque nos últimos anos alguns países da região, como Argentina e Brasil, aumentaram tanto suas exportações para o país asiático.

A seguir, alguns dados relevantes do relacionamento econômico da China com países selecionados da América Latina. As implicações desse relacionamento comercial crescente entre as duas regiões serão discutidas no Capítulo IV.

Gráfico 14: Participação (%) da China no total exportado e importado pela América Latina



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

<sup>24</sup> A demanda de energia chinesa corresponde a 20% do total de energia primária (TEP) consumida no mundo, isoladamente é o maior consumo de um país no mundo. Como comparação, a Índia, com população semelhante, consome 4,4% e os EUA, segundo maior consumidor de energia mundial, consome 19% (BP, 2011).

Quadro 1: China e América Latina: Relações Comerciais, Investimentos e Créditos chineses na região, de 2002 a 2011 (em milhões de dólares)<sup>25</sup>

Com México		Sem México	
	2002 - 2011		2002 - 2011
Volume Total Exportado para China	395.496,7	Volume Total Exportado para China	374.262,7
Volume Total Importado da China	(674.243,9)	Volume Total Importado da China	(407.243,6)
Investimento Chinês	25.999,0	Investimento Chinês	25.869,0
Créditos Chineses	(75.000,0)	Créditos Chineses	(75.000,0)
SALDO	(327.748,2)	SALDO	(82.111,9)

Obs: para investimentos, foram considerados apenas valores confirmados. Outros 17 bilhões estão sendo negociados/anunciados.

Fontes: Comtrade, Dussels (2012), Ellis (2009), FMI, World Bank. Elaboração própria.

### 3.1 Fluxo comercial com o Brasil

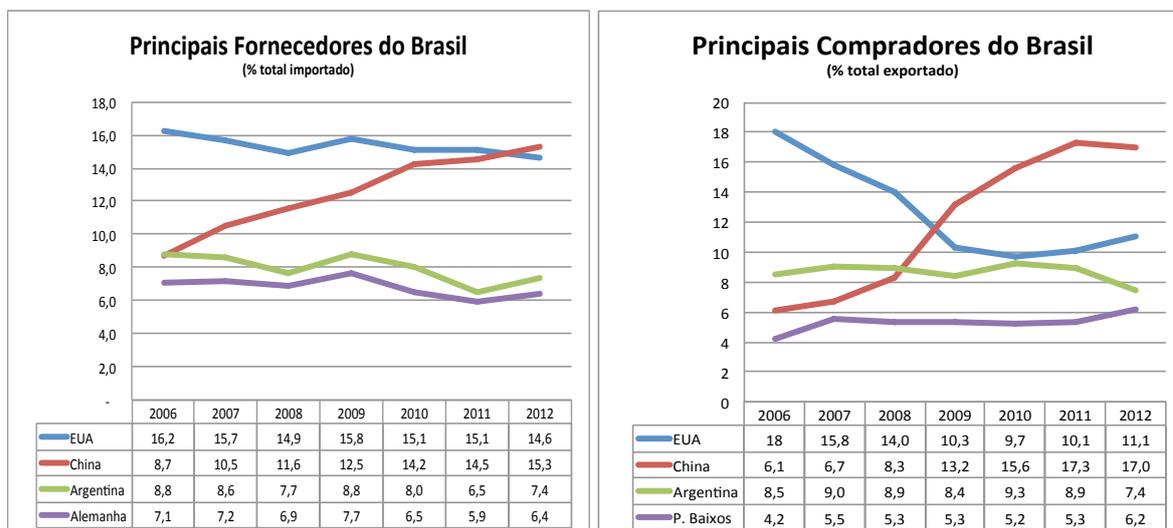
Assim como a grande maioria dos países da AL, até o início da década de 70 o Brasil pouco se relacionava com a China. Houve algumas tentativas de aproximação na década de 60, com a visita oficial de João Goulart, então vice-presidente de Jânio Quadros, ao país asiático, mas foi apenas a partir do reconhecimento diplomático da RPC pelo Brasil, em 1974, que as relações bilaterais se intensificaram. Maciel & Nedal (2011) chamam a atenção para a importância do então ministro do exterior do Presidente Ernesto Geisel, Antônio Azeredo da Silveira, nesse processo. Foi ele quem aconselhou o presidente a normalizar as relações diplomáticas com Beijing. Para o ministro Silveira,

As mudanças substanciais que o mundo assistiu nessa década, assim como a presença da RPC como uma potência, reconhecida *de jure* pela maioria dos governos e com um assento permanente no Conselho de Segurança da Nações Unidas, sugere que o Brasil reconsidere imediatamente sua relação com esse país (MACIEL&NEDAL, 2011, p. 238).

<sup>25</sup> Aqui incluído México. Desconsiderando México, cujo déficit com os chineses é significativo, teríamos um saldo negativo de US\$82,1 milhões.

Hoje em dia o Brasil ocupa uma posição dominante entre os parceiros comerciais da China na AL. Se em 2007 a China era o terceiro maior destino das exportações brasileiras, atrás dos EUA e Argentina, a partir de 2009 passou a ocupar o primeiro lugar, sendo que, em 2012, 17,0% do total exportado pelo Brasil foi para o país asiático: minério de ferro, soja e petróleo são as principais commodities exportadas para a China. E, pela primeira vez na história do país, em 2012 a China passou a ocupar o primeiro lugar no que tange à origem das importações brasileiras, deslocando os EUA para o segundo maior fornecedor de produtos para o Brasil. Em relação aos países da AL, o Brasil é o segundo maior consumidor dos produtos chineses, atrás apenas do México.

Gráficos 15 e 16: Principais compradores e fornecedores do Brasil de 2002 a 2012



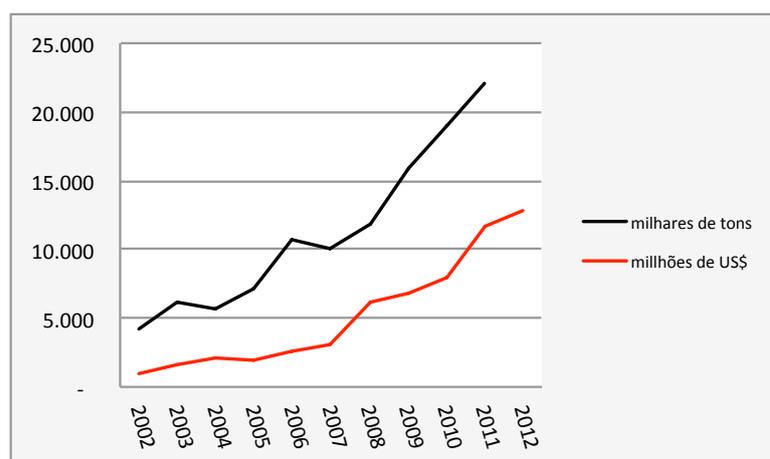
Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

As exportações agrícolas brasileiras para a China são dominadas por grãos e óleo de soja. Em 2011 o Brasil exportou US\$10,9<sup>26</sup> bilhões em produtos de soja para a China, representando 22,1 bilhões de toneladas do produto (SECEX, 2011). Considerando que a China importou 52,4 bilhões de toneladas de produtos de soja nesse mesmo ano, o Brasil foi responsável por 41,9% do total de toneladas importadas pela China. Mas os chineses não estão satisfeitos apenas com a possibilidade de compra do produto brasileiro. Para eles, assegurar o abastecimento de soja para seu país é uma de suas prioridades. E nada mais

<sup>26</sup> Dados recentes publicados pela Comtrade demonstram que a exportação brasileira de soja e seus produtos para a China foi mais de US\$12 bilhões para 2012 (veja Gráfico 17).

garantido se eles próprios forem os proprietários de terras produtivas. Em 2004, o então embaixador da China no Brasil, Jiang Yuande, comentou em uma entrevista sobre a visita do Presidente Luís Inácio Lula da Silva à China que o governo chinês incentivava investidores privados chineses a comprar terras no Brasil para plantar soja<sup>27</sup>. Com o passar dos anos, o aumento da presença de investidores externos no setor agrícola brasileiro e do interesse dos chineses na aquisição de grandes extensões de terras brasileiras para produção de soja fez com que o governo brasileiro, em agosto de 2010, anunciasse a limitação da propriedade de terras por estrangeiros<sup>28</sup>. Estimativas não oficiais afirmam que os chineses já possuem cerca de 7 milhões de hectares em solo brasileiro (ACIOLY *et all*, 2011). Para Clodoaldo Hugueney, embaixador do Brasil em Beijing, os investimentos da China para compra de terras no Brasil não fazem muito sentido, pois o Brasil tem um dos setores agrícolas mais modernos do mundo, que não necessita de recursos estrangeiros para se expandir (TREVISAN, 2010).

Gráfico 17: Exportação brasileira de produtos de soja para a China



Fonte: Secex/MDCI. Elaboração própria.

Segundo dados do Banco Mundial, em 2050 o maior contingente da nova população com renda média mundial estará na China. Nesse sentido, os impasses em relação à possibilidade de aquisição de terras no país não são impeditivos para o estabelecimento de parcerias entre empresas chinesas e setores do agronegócio brasileiro. Brasil tem assistido um

<sup>27</sup> Para o texto completo, acessar o artigo *Brazil: Lula's Great China Trip* em [www.brazzil.com](http://www.brazzil.com).

<sup>28</sup> Mesmo as empresas brasileiras (controladas por estrangeiros) não podem adquirir mais do que cinco mil hectares de terras no território brasileiro. Além disso, as propriedades rurais que têm como proprietários estrangeiros não podem ser superiores a 25% da superfície do município. Estas medidas ensejam recuperar a capacidade governamental de regular e controlar a aquisição de quantidades significativas do território nacional por pessoas jurídicas brasileiras, sob controle de estrangeiros, e por estrangeiros.

interesse crescente dos chineses em realizar parcerias no setor do agronegócio como forma de garantir sua segurança alimentar. Em meados de 2012, o governo do Mato Grosso e o Banco de Desenvolvimento da China assinaram uma carta de intenções para o financiamento da ferrovia que ligará o Mato Grosso à Santarém, além de uma *joint-venture* firmada entre a empresa de defensivos chinesa Chongqing Huapont Pharm. Co. Ltd. e o Consórcio Cooperativo Agropecuário Brasileiro, que reúne mais de 16 cooperativas de produtores de grãos localizadas em diversos estados brasileiros. Chinatex, uma das maiores esmagadoras chinesas de grãos, também se interessa em ter parcerias com empresas brasileiras<sup>29</sup>.

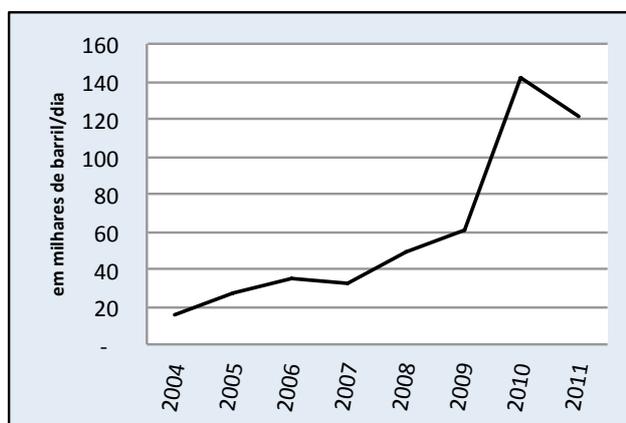
Quanto ao petróleo, a China é o segundo maior consumidor e importador de petróleo do mundo e é desde 2009 o maior destino das exportações da Petrobras depois dos Estados Unidos. Em julho de 2006 a Petrobras assinou seu primeiro contrato de exportação com uma empresa chinesa, a Sinopec. Em 2011, a estatal brasileira vendeu US\$4,88 bilhões para a China, com alta de 802% em relação ao ano de 2005. O aumento dos embarques se deve ao financiamento de US\$10 bilhões concedidos pelo Banco de Desenvolvimento da China à Petrobras, que tem como garantia a venda de petróleo da empresa à estatal Sinopec (TREVISAN, 2010). Nos primeiros 12 meses, a Petrobras entrega 150 mil barris de petróleo/dia para a China, e 200 mil barris/dia nos nove anos restantes do contrato. Embora o acordo tenha sido assinado em dezembro de 2008, ele só entrou em vigor no fim de 2009, quando a companhia brasileira começou a utilizar recursos do empréstimo (para estimativa de exportação de petróleo brasileiro para a China, veja Gráfico 18).

Os custos de logística de transporte do petróleo brasileiro para a China são altos, mas à China interessa o produto brasileiro porque ele é um petróleo leve, mais fácil e barato de ser processado e, embora o volume exportado hoje pelo Brasil para o país asiático seja pequeno, existe a probabilidade de ele ser bem maior. Além disso, a Petrobras é considerada uma parceira confiável que opera em um país politicamente estável, ao contrário de alguns outros fornecedores de petróleo para a China. Com a descoberta do pré-sal, o interesse chinês pelo petróleo brasileiro e, mais especificamente pela Petrobras, aumentou. É de grande interesse da China aprender e absorver as tecnologias avançadas que a Petrobras tem nessa área (ELLIS, 2009, pp. 52-53).

---

<sup>29</sup> Entrevista com o ministro Mendes Ribeiro Filho para o Conselho Empresarial Brasil-China. Para entrevista completa, refira-se à Carta Brasil-China, Especial Agronegócio Brasil-China, nov. 2012.

Gráfico 18: Exportação brasileira de petróleo para a China: 2004 – 2011 (milhares de barris/dia)



Fonte: Secex/MDIC/BP Statistical (preço Brent). Elaboração própria<sup>30</sup>.

Em relação à commodity minério de ferro, a China é hoje o maior fabricante de aço do mundo, responsável por quase metade da produção global. Isso acabou por transformar a exportação de minério de ferro do Brasil para esse país uma das mais importantes (Tabela 11). Para os governantes chineses é estratégico ter uma indústria siderúrgica forte para alimentar o alto ritmo anual de crescimento do país e suprir a demanda do movimento de urbanização, pelo qual milhões de chineses se mudam do campo para as cidades. O aço, cuja principal matéria-prima é o minério de ferro, é a principal sustentação desse processo, utilizado na construção, em obras de infraestrutura e na fabricação de bens de consumo duráveis, como carros e eletrodomésticos (TREVISAN, 2010b). A China é a principal cliente da Empresa Vale S/A, maior produtora de minério de ferro do mundo. Em 2011, esse item representou 44,7% das exportações nacionais para o país asiático (SECEX, 2011).

Da China o Brasil importa, praticamente, produtos manufaturados (Tabela 12). Aparelhos transmissores e receptores, máquinas para processamento de dados, circuitos impressos/integrados e motores geradores e transformadores elétricos ocupam os primeiros lugares na pauta de importações provenientes da China (SECEX, 2011).

De acordo com o Observatório Brasil-China, do total que o Brasil importou da China em 2009, 96,2% correspondiam a produtos manufaturados, 0,3% a produtos

<sup>30</sup> Valores não são exatos. Cálculos foram feitos com total USD Fob exportado pelo Brasil para a China, dividido pelo preço médio anual do Brent.

semimanufaturados e os 3,5% restantes a produtos básicos (CNI, 2010)<sup>31</sup>. Já em relação às suas exportações, ao longo dos últimos dez anos, para cada dólar que o Brasil adquire de suas exportações para a China, US\$ 0,87 vêm de produtos primários e de manufaturas intensivas em recursos naturais, US\$ 0,07 dos produtos de média intensidade tecnológica e apenas US\$ 0,02 das vendas de produtos de alta tecnologia (PINTO et al, 2011, p. 322).

Tabela 11: Principais Produtos Exportados para a China em 2011

DESCRIÇÃO PRODUTO	VALOR		PESO
	US\$ FOB	PART. %	KG
Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	17.976.880.575	40,57	153.785.321.188
Outros grãos de soja, mesmo triturados	10.957.102.029	24,73	22.104.719.466
Óleos brutos de petróleo	4.883.733.718	11,02	7.115.471.455
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	1.820.195.846	4,11	10.715.015.919
Acúcar de cana, em bruto	1.157.230.479	2,61	2.043.192.153
Pasta quím. Madeira de n/conif. A soda/sulfato, semi/branq	1.061.996.501	2,40	1.960.652.442
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	759.821.410	1,71	640.178.691
outros aviões/veículos aéreos, peso>15000kg, vazios	619.254.550	1,40	507.790
Algodão simplesmente debulhado, não cardado nem penteado	567.186.749	1,28	273.225.772
Pedaços e miudezas, comest. de galos/galinhas, congelados	422.859.980	0,95	195.816.782
Fumo n/manuf. Total/parc. Destal. fls secas, etc, Virginia	375.628.192	0,85	52.252.214
Ferromolibdo	373.214.820	0,84	14.923.000
Pasta química de madeira, para dissolução	237.179.575	0,54	251.648.418

Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

A evolução das relações comerciais entre Brasil e China, a partir dos anos 2000, tem apresentado crescimento superior à elevação do comércio entre o Brasil e o mundo, gerando o aumento da participação das exportações e das importações brasileiras para a China. Entre 2002 e 2011 as exportações do Brasil para a China elevaram-se de US\$ 2,5 bilhões para US\$ 44,5 bilhões, ao passo que as importações brasileiras da China cresceram de US\$ 1,5 para US\$ 32,8, sendo o saldo positivo para o Brasil em sete dos dez anos considerados.

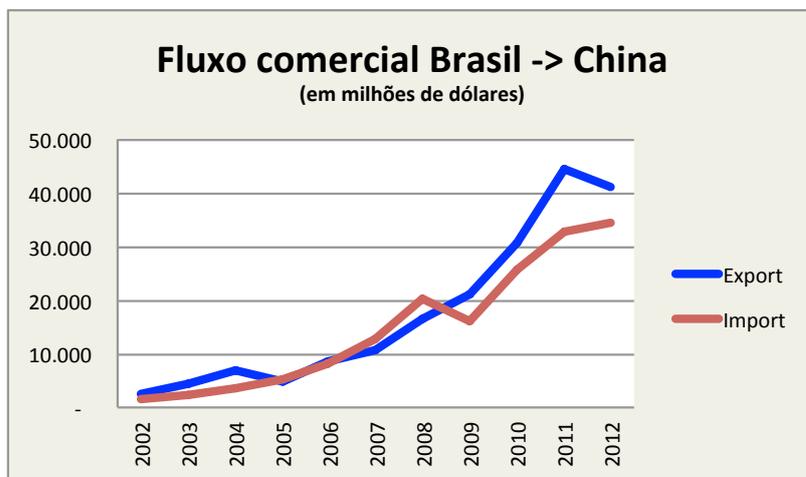
<sup>31</sup>Ao compararmos a pauta de importação do 1º semestre de 2012 com o mesmo período de 2011, veremos que ela se manteve concentrada em bens de capital como máquinas de construção civil e máquinas para uso agrícola, com crescimento em US\$ de 43% e 88% respectivamente. Como ponto de destaque, a importação de locomotivas, com aumento em US\$ de 1.126% em relação a mesmo período de 2011 (CEBC, 2012).

Tabela 12: Principais Produtos Importados da China pelo Brasil em 2011

Discriminação	Em US\$ FOB	Part. (%)
TOTAL GERAL	32.788.424.507	100%
Partes de aparelhos transmissores ou receptores	1.684.329.078	5,1%
Máquinas automáticas p/ process.dados e suas unidades	1.320.877.187	4,0%
Partes e acessórios de máqs.automát. p/ process. Dados	1.119.549.358	3,4%
Circuitos impressos e outrs.partes p/apars. Telefonía	1.027.254.824	3,1%
Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos	808.510.431	2,5%
Motores, geradores e transformadores eletr. e suas partes	780.659.831	2,4%
Produtos laminados planos de ferro ou aços	755.861.836	2,3%
Aparelhos transmissores/receptores tel celular	702.468.412	2,1%
Aparelhos transmissores ou receptores, outros	617.888.639	1,9%
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	596.407.759	1,8%
Demais Produtos	23.374.617.152	71,3%

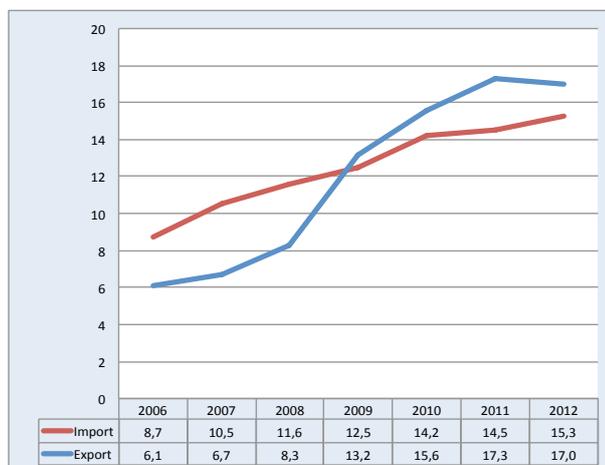
Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

Gráfico 19: Total exportações e importações brasileiras para a China (milhões de US dólares)



Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

Gráfico 20: Participação (%) da China nas exportações e importações globais do Brasil para o período de 2006 a 2012



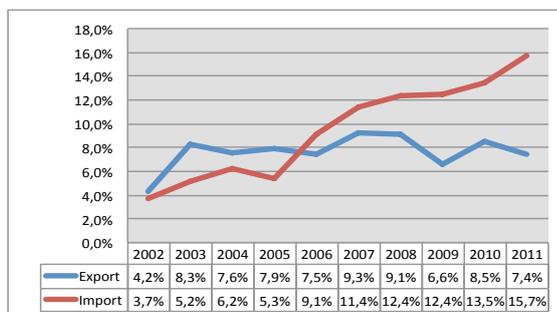
Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

### 3.2 Fluxo comercial com Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai

#### *Argentina*

Argentina está entre o primeiro grupo de países a reconhecer diplomaticamente a República Popular da China, em 1972. Porém, as relações comerciais entre os dois países se aprofundaram a partir do século XXI, tendo o país latino-americano recebido a visita do então presidente chinês Jiang Zemin em 2001 e, em 2004, a visita do presidente Hu Jintao, que deixou claro a importância da Argentina para a China como um cliente para os produtos chineses e um fornecedor de produtos primários.

Gráfico 21: Participação (%) da China no total exportado e importado pela Argentina para o período de 2002 a 2011.



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

Argentina é um importante exportador de soja e seus subprodutos para a China, representando aproximadamente 71% do total que ela exportou para o país asiático em 2011 (COMTRADE). Produtos de girassol, óleos vegetais e animais, combustíveis e óleos minerais, couro e tabaco também fazem parte da pauta de exportação da Argentina para a China.

Entre 2001 e 2006 as compras argentinas de bens manufaturados da China triplicaram, tendo aumentado 78% apenas em 2007. Dentre os produtos importados podemos citar não apenas produtos de baixo valor agregado como têxteis, brinquedos, e calçados, mas também produtos com valor agregado mais alto, como carros, motocicletas, bens eletrônicos e até mesmo pequenas aeronaves e trens. A China entrou nas indústrias de aeronaves e ferrovias argentinas tendo vendido ao governo argentino, em 2007, mais de 25 locomotivas e 100 vagões para até 100 passageiros num negócio orçado em US\$120 milhões.

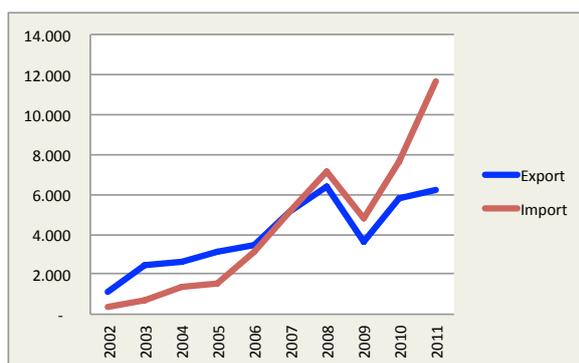
Em 2011, a Argentina importou mais de US\$11,6 bilhões em mercadorias da China, passando a ser o quarto maior mercado para os produtos chineses na América Latina, atrás apenas do México, Chile e Brasil. Os principais itens importados nesse ano foram máquinas/materiais elétricos e aparelhos de TV (29,7% do total), instrumentos e aparelhos mecânicos (24,7%), produtos químicos (6,1%), veículos e suas partes (6%), dentre outros.

A participação da China no total importado pela Argentina em 2011 foi maior em relação a 2010, saindo de 13,5% para 15,1%. Já a participação do Brasil nas importações argentinas caiu, de 31,6% (2010) para 28,4% (2011). Em 2011 as compras de calçados chineses pela Argentina subiram 98,6%. Vale lembrar que o setor de calçados foi objeto de um acordo firmado em 2010 entre Brasil e Argentina, em que os exportadores brasileiros se comprometeram a restringir os embarques anuais para a Argentina a 12 milhões de pares, para ajudar as empresas argentinas. Dados do Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex) mostram que, de janeiro a maio de 2012, houve uma redução de 59% em volume e 55% no faturamento dos exportadores calçadistas brasileiros.

Mas não é apenas nesse setor que o Brasil está perdendo mercado para os chineses em seu país vizinho. Para diversos setores, as importações originárias da China têm preferência para acessar o mercado argentino quando comparadas às brasileiras. Em 2011, as importações de roupas da China subiram 82,8%; móveis, 53,6%; automóveis, 91,7%; siderúrgicos, 87,7%; equipamentos e aparelhos eletroeletrônicos, 62%. As compras de tecidos de malha brasileiros pelos argentinos caíram 15,5%, e as de roupas, 1,7% (OLIVEIRA, 2012).

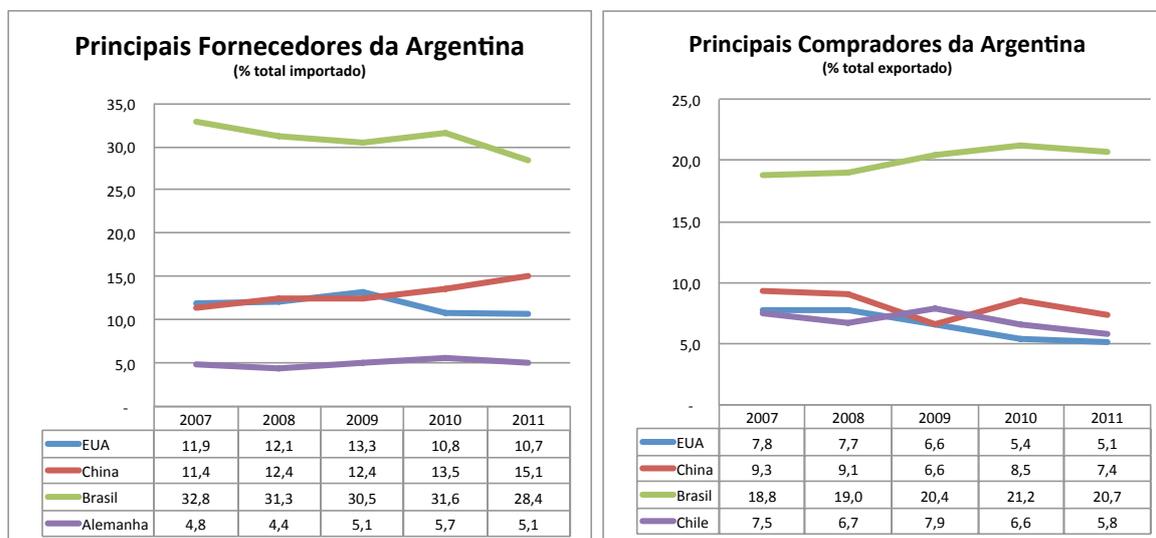
As empresas chinesas também têm feito avanços significativos no que tange à prestação de serviços e como fornecedores de componentes no setor de telecomunicações argentino, como no caso das empresas chinesas Huawei e ZTE que vêm se estabelecendo no setor de telefonia fixa e móvel (ELLIS, 2009, pp. 68-70).

Gráfico 22: Fluxo comercial da Argentina com China (em milhões de dólares)



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Gráficos 23 e 24: Principais fornecedores e compradores da Argentina



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

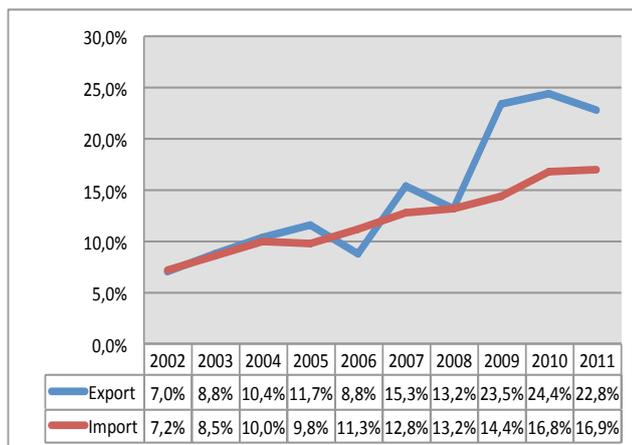
## Chile

Para Ellis, se há uma nação que se beneficia de seu relacionamento com a China, essa nação é o Chile. Sua posição geográfica ao longo do Pacífico faz com que seus portos sejam

estratégicos tanto para a entrada dos produtos chineses a serem distribuídos para a Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai, como para a saída de produtos da região para a Ásia do Sul. O Chile é um dos três países na América Latina a ser membro da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) e foi a primeira nação tanto na região como no mundo a assinar um tratado de livre comércio com a China. Em 2006, primeiro ano que o tratado estava em vigência, as exportações chilenas para a China subiram 140% (ELLIS, 2009, pp. 34).

Do Chile a China se interessa pelos seus minérios. Estima-se que as reservas de cobre do Chile equivalham a 17% de todas as reservas provadas do mundo, sendo o país um dos maiores exportadores do metal. Em 2011, Chile exportou um pouco mais de US\$18,6 bilhões para o país asiático, sendo o cobre responsável por 62% de todas as exportações chilenas para a China. Se adicionarmos seus subprodutos, teremos então uma participação de 88,8% (COMTRADE, 2012). O caso do cobre chileno demonstra não apenas o interesse chinês por recursos naturais na América Latina como também a forma como os investimentos chineses têm sido direcionados para ganhar ou melhorar o acesso a esses produtos. Em 2006, China Minmetals injetou US\$550 milhões na Codelco, companhia nacional de cobre chilena. Como pagamento, ficou acertado o fornecimento de mais de 55 mil toneladas de cobre a preços fixos, por 15 anos. Dessa forma, Codelco poderia usar o dinheiro para expandir sua produção e atender a crescente demanda chinesa. China Minmetals ainda tentou comprar uma participação de 49% em outra mina chilena, Gabriela Mistral, mas sem sucesso.

Gráfico 25: Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Chile para o período de 2002 a 2011

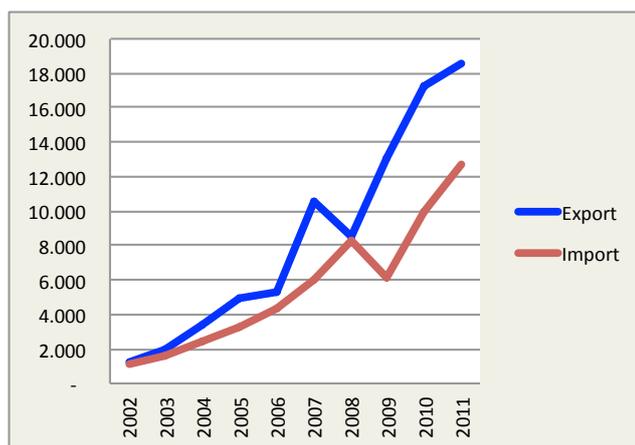


Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

Além do cobre, o Chile é o principal fornecedor de nitrato de potássio para a China, produto usado como fertilizante pelos fazendeiros que cultivam tabaco. A indústria de pesca chilena também é importante. Em conjunto com o Peru, o Chile supre 80% da demanda chinesa por farinha de peixe. Podemos ainda citar outros alimentos que são exportados para o país asiático, como uvas, maçãs, ameixas, queijo e cerejas, além do vinho, cujas vendas vêm crescendo muito desde 2005 (ELLIS, 2009, pp. 36-39).

O país é um mercado relativamente atraente para os manufaturados chineses. Em 2006, companhias no Chile começaram a expandir suas vendas de carros chineses, aproveitando-se do fato que o preço dos carros chineses, em média, é 30% mais barato do que o dos concorrentes. Santiago, por exemplo, foi um dos primeiros pontos de venda na América Latina para o fabricante de carros chinês Great Wall Motors, que introduziu a marca chinesa ao mercado chileno. Em Junho de 2008, seis marcas diferentes de carros chineses estavam sendo negociadas no Chile representando 4,7% do mercado. A marca Chery mostrou-se tão popular que em 2007 todo o fornecimento destinado ao Chile foi vendido. Assim como os carros, as motocicletas chinesas fazem sucesso. Em 2007, foram vendidas 70 mil motocicletas chinesas de diferentes marcas como Takasaki, Jainshe, etc, representando mais de 70% do mercado chileno. Produtos básicos, para consumo final, também são exportados para o Chile. Estima-se que 80% das roupas no Chile, por exemplo, sejam feitas na China<sup>32</sup>.

Gráfico 26: Fluxo comercial do Chile com China (em milhões de dólares)



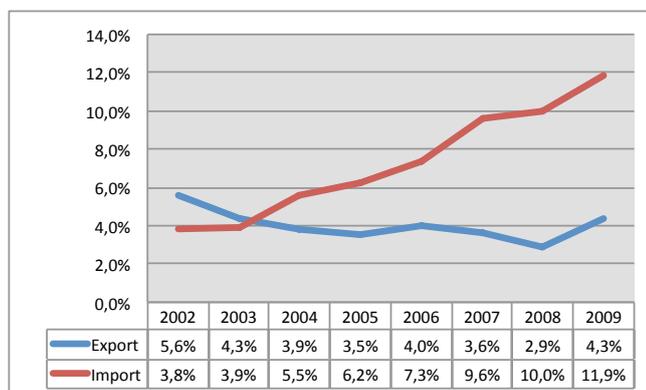
Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

<sup>32</sup> Para acessar dados e estatísticas de comércio chinês com o Chile, consultar Artaza (2007), Sales (2008), Ellis (2009).

## Uruguai

País pequeno, suas exportações para a China, se concentram basicamente em lã, couro, soja, peixe e mariscos congelados. Há tempos que a China tem sido um importante destino das exportações uruguaias, chegando a ocupar o quinto destino mais importante na primeira metade da década de 90. Mais recentemente, se considerarmos as exportações de soja feitas pela Zona Franca de Nueva Palmira, em 2009 China foi o segundo maior destino das exportações uruguaias, superando até mesmo a histórica parceira Argentina (CARRACELAS, 2012)<sup>33</sup>.

Gráfico 27: Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Uruguai para o período de 2002 a 2009<sup>34</sup>



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

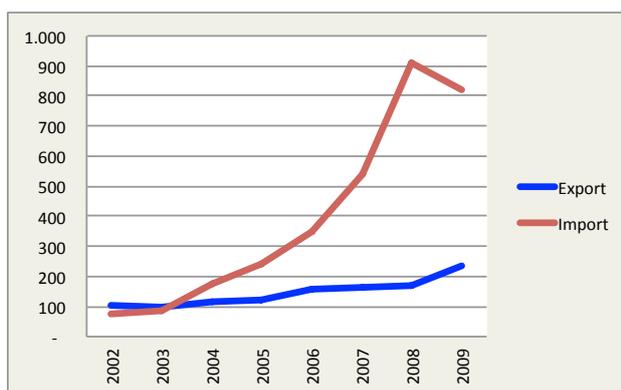
Porém, na opinião de Ellis, o maior interesse da China por esse país é o fato de sua mão de obra e outros fatores de produção serem baratos quando comparados a outros países da América Latina. À China interessa trazer indústrias chinesas para produzirem no Uruguai e se beneficiar do fato do país fazer parte do Mercosul, podendo, assim, vender seus produtos aos outros membros do Mercosul sem ter de pagar tarifas (ELLIS, 2009, p.77).

<sup>33</sup> Na década de 80, o Uruguai exportava para a China exclusivamente lã e couro. A partir da década de 90, principalmente nos últimos anos, Uruguai passou a exportar grãos, em especial a soja, e em menor medida outros alimentos (carne, pescado e mariscos), madeira e alguns minerais, principalmente pedras semipreciosas (CARRACELAS, 2012).

<sup>34</sup> Não estão disponíveis dados para os anos de 2010 e 2011, como é o caso de todos os demais países analisados. Esse valores não consideram a exportação de soja pela zona franca de Nueva Palmira. A estimativa para 2010 (dados não oficiais ainda), considerando Nueva Palmira aponta para China como segundo maior destino das exportações do Uruguai, com 14,2%.

Uruguai também compra produtos têxteis, calçados, carros e partes automotivas, motocicletas, químicos e serviços da China. Embora suas compras tenham aumentado nos últimos anos, a nação e a população são pequenas, limitando o potencial uruguaio como um mercado para os produtos chineses (ELLIS, 2009, pp. 78-79).

Gráfico 28: Fluxo comercial do Uruguai com China (em milhões de dólares)



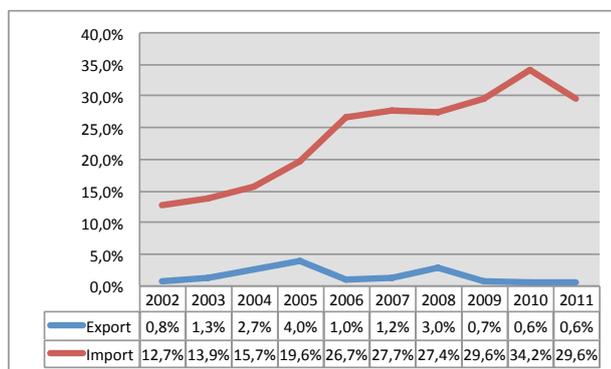
Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

### ***Paraguai***

Único país da América do Sul a ainda reconhecer Taiwan como o governo legítimo da China, o Paraguai exporta soja para a China, embora em poucas quantidades e por meio de intermediários. Em 2011 exportou um pouco menos de US\$30 milhões para os chineses, sendo US\$19,6 milhões em couro, US\$5,7 milhões em madeira, US\$1,4 milhão em carne, US\$908 mil em soja, dentre outros.

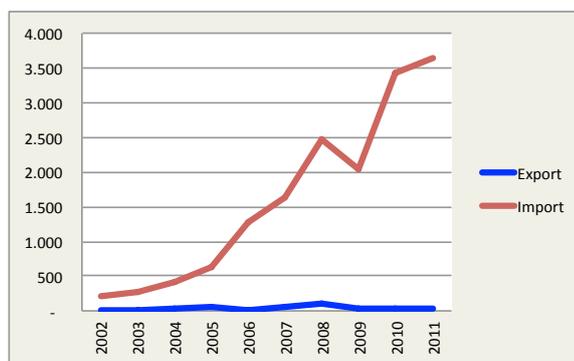
Compra uma variedade de produtos chineses. Podemos destacar a entrada dos carros chineses no país em 2006 com a chegada da montadora Chery. Por participar da iniciativa de “um *laptop* por criança” o Paraguai também importou milhares de computadores chineses (ELLIS, 2009). Em 2011, importou da China pouco mais de US\$3,6 bilhões, sendo aparelhos elétricos, de imagem, reprodução e som (40,7% do total importado da China), máquinas e aparelhos mecânicos (20,2%), brinquedos (13,7%), automóveis (4,9%), dentre outros produtos.

Gráfico 29: Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Paraguai para o período de 2002 a 2011



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

Gráfico 30: Fluxo comercial do Paraguai com China (em milhões de dólares)



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Quadro 2: Principais parceiros e suas participações nas exportações e importações do Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai

Procedência das Importações do Chile (2011)		Destino das Exportações do Chile (2011)	
EUA	20,9 %	China	22,4 %
China	17,9 %	EUA	11,3 %
Brasil	8,8 %	Japão	11,0 %
Argentina	6,7 %	Brasil	5,5 %
Japão	4,2 %	Coreia do Sul	5,4 %

*Principais produtos importados (geral):*

Petróleo e seus subprod., químicos, equip. elétricos e de telecomunicação, máq. industriais, veículos e gás natural

*Principais produtos exportados (geral):*

Cobre, frutas, prod. de pesca, papel e polpa, químicos, vinho

Procedência das Importações da Argentina (2011)		Destino das Exportações da Argentina (2011)	
Brasil	28,4 %	Brasil	20,7 %
China	15,1 %	China	7,4 %
EUA	10,7 %	Chile	5,8 %
Alemanha	5,1 %	EUA	5,1 %

*Principais produtos importados (geral):*

Máquinas, motores veiculares, petróleo e gás natural, químicos orgânicos, plásticos

*Principais produtos exportados (geral):*

Soja e derivados, petróleo e gás, veículos, milho, trigo

Procedência das Importações do Paraguai (2011)		Destino das Exportações do Paraguai (2011)	
China	29,6 %	Uruguai	19,2 %
Brasil	26,3 %	Argentina	17,6 %
Argentina	14,1 %	Brasil	14,2 %
EUA	5,3 %	Chile	8,9 %
Japão	3,2 %	Suíça	5,3 %

*Principais produtos importados (geral):*

Veículos e suas partes, produtos de petróleo, máquinas elétricas, tratores, fertilizantes

*Principais produtos exportados (geral):*

Cereais, algodão, carne, óleos comestíveis, eletricidade madeira, couro, ração animal

Procedência das Importações do Uruguai (2010 est.)		Destino das Exportações do Uruguai (2010 est.)	
Brasil	16,0 %	Brasil	19,4 %
China	14,7 %	China	14,2 %
Argentina	13,2 %	Argentina	6,8 %
EUA	9,2 %	Alemanha	6,0 %
Paraguai	7,0 %	Venezuela	4,3 %
Venezuela	6,6 %		

*Principais produtos importados (geral):*

Óleo refinado e cru, veículos e suas partes, celulares

*Principais produtos exportados (geral):*

Carne, soja, celulose, arroz, trigo, madeira, lã, laticínios

Fonte: CIA/Comtrade. Elaboração própria.

### 3.3 Fluxo comercial com Venezuela, Equador, Bolívia, Peru e Colômbia

#### *Venezuela*

Venezuela e China estabeleceram relações diplomáticas em 28 de junho de 1974. Mas foi a partir de 1999 que os níveis de diálogos, consultas, acordos políticos e visitas oficiais de alto escalão passaram a crescer. Desde que tomou posse, o presidente Hugo Chávez já visitou a China 6 vezes. Em 2001 o presidente chinês Jiang Zemin visitou a Venezuela, visita essa seguida por outras: em 2005 pelo vice presidente Zeng Qinghong, em 2007 pelo membro do Politburo Li Changchun, em maio de 2008 pelo vice premiê Hui Liangyu, em 2009 pelo vice presidente Xi Jinping.

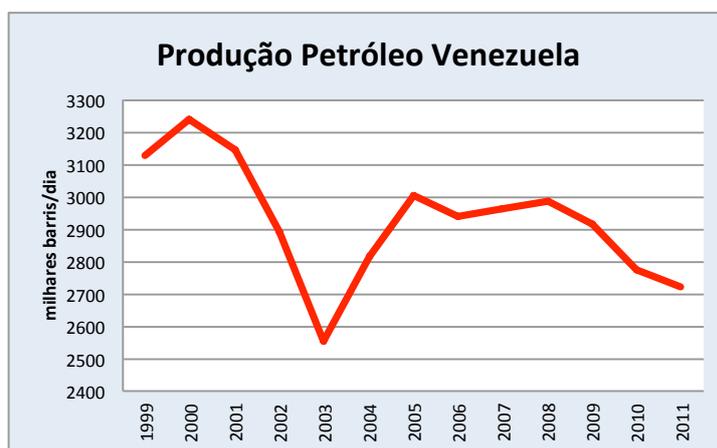
A economia venezuelana é dominada pelo petróleo, principal produto exportado para a China. Para Ellis (2009), existe uma complementaridade natural entre as crescentes necessidades chinesas por energia e a posição da Venezuela como um fornecedor de petróleo importante que tem buscado novos clientes para seu petróleo a fim de evitar sua dependência do mercado norte-americano. De acordo com dados fornecidos pela empresa de petróleo estatal venezuelana, PDVSA, a Venezuela exportou para a China 12.300 barris/dia em 2004 e uma média de 68.800 barris/dia na primeira metade de 2005. Acredita-se que ela tenha enviado para a China 200 mil barris/dia em 2007. Em 2006 a *China National Petroleum Corporation* (CNPC) – empresa nacional chinesa - assinou um acordo com a subsidiária da PDVSA, *Corporación Venezolana de Petróleo*, para desenvolver e explorar Junín 4, um bloco de óleo pesado no cinturão Orinoco. CNPC também obteve direitos de produção nos campos de Caracoles e Intercampo, através de uma *joint-venture* com PDVSA. China Petroleum & Chemical Corporation (Sinopec), também assinou seu primeiro acordo em agosto de 2006 para a produção de óleo no campo de Posa no Golfo Paria (ELLIS, 2009, pp. 110-115).

O governo chinês, em maio de 2007, afirmou que Venezuela era a sétima maior exportadora de petróleo para a China. Em novembro de 2007, a PDVSA publicou em seu site oficial a informação de que ambos os países, Venezuela e China, haviam feito um acordo comercial onde o país sul-americano enviaria para a China o total de 500 mil barris/dia em 2010, chegando a um milhão barris/dia em 2012. Porém, em agosto de 2012, o Ministro de Energia Rafael Ramirez disse que a exportação estava em 640 mil barris/dia (isso equivale a 2/3 da exportação de petróleo venezuelano para os EUA), sendo a marca de 1 milhão de

barris/dia prorrogada até 2015. Ainda de acordo com o ministro, esse aumento nas exportações virá do aumento da produção na região da Faixa do Orinoco. De acordo com dados da Comtrade, em 2011 Venezuela exportou um pouco mais de US\$11,7 bilhões para a China, sendo 98% desse total composto por exportação de petróleo e seus subprodutos. Os 2% restantes foram de ferro, cobre e couro.

Devido à falta de investimentos nas indústrias de exploração, a produção na Venezuela vem decaindo, sendo que para ela aumentar sua exportação para a China, teria que desviar parte de sua exportação para os Estados Unidos, criando enormes desafios políticos e diplomáticos para os chineses, o que vai totalmente contra a estratégia de poder brando (*soft power*) que a China vem praticando na sua política externa.

Gráfico 31: Produção de Petróleo da Venezuela (em milhares de barris/dia)



Fonte: BP Statistical Review of World Energy. Elaboração própria.

Nenhum outro país causa maior tensão no que tange ao acesso da China na América Latina do que a Venezuela. E a razão pode ser explicada pelo fato da Venezuela possuir 17,9% das reservas provadas de petróleo do mundo. As relações triangulares Sino-Latino-Americana-EUA para energia ficam bem evidentes no caso da Venezuela. Para Palacios (2008, p. 181), o papel dos Estados Unidos é relevante por causa das implicações diplomáticas para a China caso a Venezuela persiga seu desejo de aumentar seus laços energéticos com o país asiático. Quanto mais intenso for a campanha do governo venezuelano contra os Estados Unidos, mais difícil será para o governo chinês aprofundar seus laços com a Venezuela, pois não é do interesse da China causar qualquer tipo de estranhamento com os Estados Unidos, principalmente na América Latina.

Tabela 13: Reservas Provadas de Petróleo no Mundo (em bilhões de barris)

País	1970	1980	1990	2000	2011	Part. % Total Mundial
Argentina	2,9	2,8	2,7	2,5	2,5	0,2%
Brasil	8,5	9,8	10,6	11,2	15,1	0,9%
Colômbia	1,8	1,6	1,5	1,5	2,0	0,1%
Equador	4,6	5,1	5,1	5,1	6,2	0,4%
Peru	1,0	1,0	0,9	1,1	1,2	0,1%
Trinidad & Tobago	1,0	1,1	0,9	0,8	0,8	0,1%
Venezuela	77,7	77,3	77,2	79,7	296,5	17,9%
Outros	1,4	1,4	1,3	1,3	1,1	0,1%
<b>Total Am. do Sul e Central</b>	<b>98,8</b>	<b>100,1</b>	<b>100,2</b>	<b>103,2</b>	<b>325,4</b>	<b>19,7%</b>

Fonte: BP Statistical Review of World Energy. Elaboração própria.

A Venezuela é um mercado crescente para as exportações chinesas. Como a economia venezuelana está praticamente toda concentrada na produção de petróleo, o país tem que importar muitos produtos, sem concorrentes domésticos. Embora Venezuela seja rica em petróleo, 27,4% de sua população de 28,5 milhões de pessoas (estimativa da CIA para julho de 2012) encontram-se abaixo da linha da pobreza. Isso contribui para a importação dos produtos baratos chineses como calçados e têxteis. Em dezembro de 2006, a China vendeu 12 locomotivas a diesel para a Venezuela e hoje carros e eletrônicos chineses também podem ser encontrados no país. Em 03 de julho de 2012, em uma cerimônia militar no Forte Tiuna, o presidente venezuelano anunciou a compra de tanques anfíbios da China, a serem entregues em 2013, a um custo de US\$500 milhões. Tais recursos serão financiados por bancos chineses que receberão, como pagamento, carregamentos de petróleo.

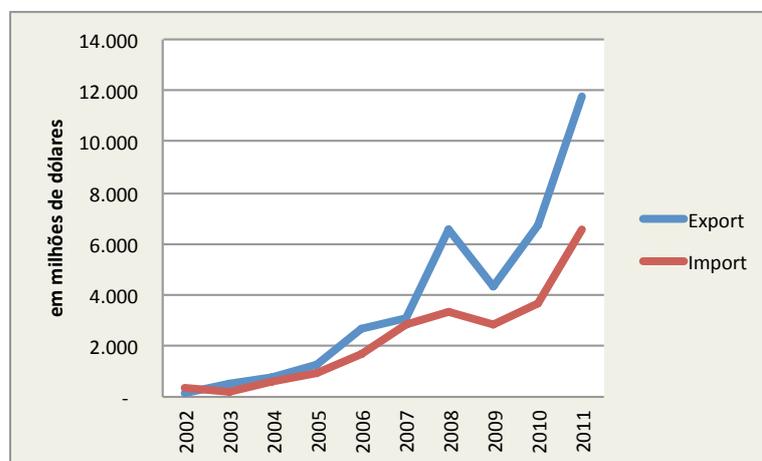
Nos últimos 6 anos, o Banco de Desenvolvimento da China emprestou para a Venezuela 42,5 bilhões de dólares, cujo pagamento deverá ser feito com remessa de petróleo<sup>35</sup>. Além de proteger as grandes entregas de petróleo para a China, parte do

<sup>35</sup> Documentos obtidos no primeiro semestre de 2012 pelo *El Nuevo Herald* revelam a profundidade do relacionamento comercial dos chineses com a Venezuela. Se antes o presidente venezuelano Hugo Chávez apossou-se de bilhões de dólares em ativos de empresas de petróleo em nome da soberania nacional, parece agora estar, gradualmente, repassando o controle de sua indústria para a China, um país com papel cada vez mais dominante nas decisões sobre o desenvolvimento do país sul americano. Tal documento, de acordo com Delgado (2012), relata a crescente dependência da Venezuela pelos recursos financeiros da China e como a fome por recursos da administração chavista tem levado a concessões à Beijing, concessões essas desfavoráveis para a Venezuela, importante produtora de petróleo. Para Evan Ellis, “na aparência a PDVSA é a proprietária de tudo mas, em verdade, não possui nada. As decisões sobre como e quando os projetos são feitos, se é conveniente investir em uma ponte no Puerto Cabello ou não, são feitas sob a autorização dos bancos chineses que estão

pagamento da dívida é feita sob a forma de contratos para estatais chinesas e importações de produtos chineses. Entre as empresas beneficiadas podemos citar a Corporação Petroquímica da China e a Corporação Nacional de Petróleo da China. Ambas ganharam participações na indústria de petróleo da Venezuela depois que a Exxon Mobil Corp (XOM) e ConocoPhillips (COP) abandonaram o país sob a ameaça de nacionalização.

Quanto a serviços, a empresa de telecomunicações Huawei atua no país desde 1999, sendo que a ZTE entrou no mercado mais tarde, em 2006, mas tem obtido excelentes negócios (ELLIS, 2009, pp. 116-118).

Gráfico 32: Fluxo comercial entre Venezuela e China de 2002 a 2011

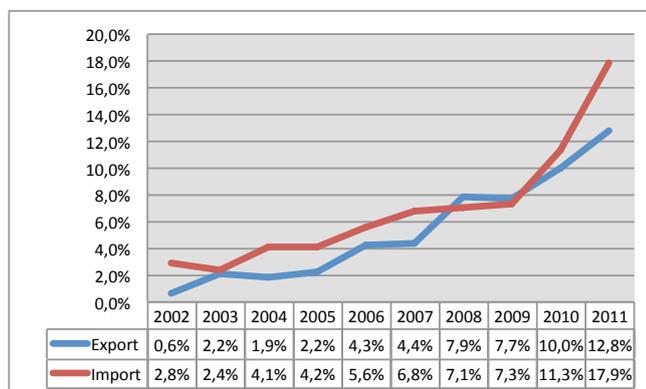


Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

---

dando instruções à PDVSA, questionando se faz sentido investir aqui ou ali”. Algumas das áreas agora controladas por empresas chinesas antes pertenciam a companhias estrangeiras que foram expulsas por Chávez do país. Para artigo completo, acesse [www.miamiherald.com/2012/07/12/2893416\\_p2/china-plays-increasing-role-in.html](http://www.miamiherald.com/2012/07/12/2893416_p2/china-plays-increasing-role-in.html).

Gráfico 33: Participação (%) da China nas exportações e importações globais da Venezuela de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

### ***Equador***

O Equador reconheceu a República Popular da China apenas em 1980 e desde então diferentes presidentes equatorianos estiveram no país asiático em visitas oficiais. Embora nenhum chefe de estado chinês tenha visitado o país andino até a presente data, isso não impediu que os chineses buscassem novas oportunidades de negócios no país andino onde havia, de acordo com a embaixada chinesa, em 2010, mais de 20 firmas controladas pelos asiáticos.

Um dos interesses da China pelo Equador é seu petróleo. Mesmo com as reservas de petróleo do Equador não sendo tão grandes quanto as da Venezuela, em 2005, CNPC e Sinopec investiram US\$1,42 bilhão na compra de 55% dos ativos da EnCana, empresa canadense que detém o direito de exploração de petróleo na região (o baixo consumo equatoriano do produto possibilita a existência de um *surplus* da produção que pode ser exportado para a China por meio dos portos do Pacífico que o país tem, tornando o Equador um importante país para a China na sua busca por energia) (ELLIS, 2009, pp. 126-131).

Mas a relevância da China para o Equador aumentou depois do default do último, em 2008-2009. Desde então a China se tornou a maior fonte de financiamento dessa nação andina, tendo emprestado ao Equador mais de US\$6 bilhões para projetos que vão da construção da hidrelétrica Coca-Codo Sinclair (a ser construída pelo empresa chinesa China's Sinohydro Corp) a adiantamentos em dinheiro em troca de futuros embarques de petróleo

para a China<sup>36</sup>, tendo a estatal Petroecuador concordado em vender 130 milhões de barris de petróleo para a empresa estatal chinesa Petrochina por um período de 6 anos. Devido a esse acordo, os EUA, que até pouco tempo atrás importavam 75% da produção de petróleo equatoriano, perderam espaço para os chineses. De acordo com Petroecuador, a empresa está produzindo 510 mil barris/dia atualmente e, em setembro de 2012, 54% dessa produção foram para a China (considerando o PIB do Equador para 2011 de US\$ 67 bi [WORLDBANK, 2012], a dívida do país com a China equivaleria a quase 10% de seu PIB).

Além do petróleo, os chineses também se interessam pelos minérios equatorianos. Em 2010, China Railway Construction Corp e Tongling Nonferrous Metals Group compraram dos canadenses a Corriente Resources, dona da subsidiária Ecuacorriente (ECSA) do Equador que, em junho de 2012, assinou um acordo com o governo local para explorar cobre, ouro e prata por 25 anos.

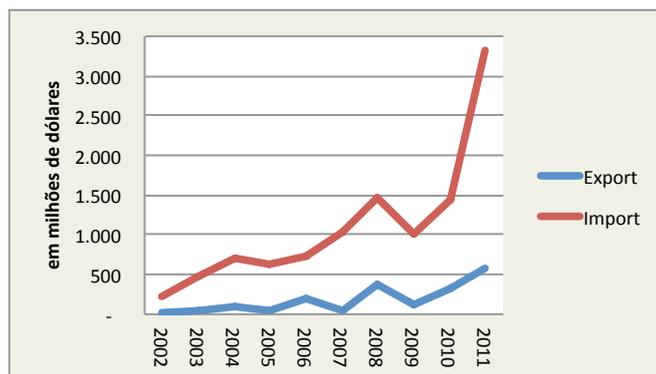
Em 2010, apenas a exportação de petróleo do Equador para a China foi responsável por 70,27% do total exportado para os chineses. Outros produtos exportados relevantes foram a madeira (8,44%), resíduos de cobre (7,39%), pescado (3,40%), outras manufaturas em madeira (3,36%), camarão (2,46%), resíduos de alumínio (0,79%) dentre outros.

De acordo com o Banco Central do Equador, em 2010 foram vendidos mais de 3.300 produtos chineses no Equador. Dentre os principais produtos importados da China estão os pneus radiais para ônibus e caminhões (2,90% de participação do total importado), motocicletas (2,32%), monitores e projetores (1,95%), chapas de aço (1,60%), lâmpadas elétricas, integrados e não integrados (1,33%), aparelhos de ar-condicionado (1,04%), além de produtos mais baratos como calçados, brinquedos e têxteis. Para Ellis, a entrada de muitos produtos no Equador envolve um enorme mercado de contrabando. Embora a China tenha reportado vendas para o país no total de US\$3 bilhões em 2007, a alfândega equatoriana reportou a entrada de apenas US\$1,023 bilhão de dólares em produtos.

---

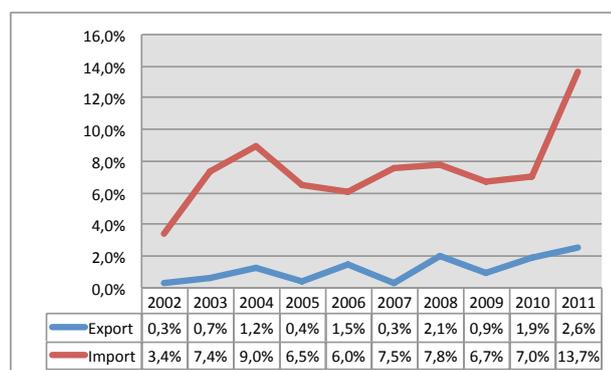
<sup>36</sup> Em 2009 Equador obteve um empréstimo de US\$1 bi do governo chinês, com a promessa de pagar sua dívida com petróleo; em 2010 China Development Bank liberou outro empréstimo de US\$1 bi, a ser pago em quatro anos, a uma taxa a.a. de 6%; também em 2010 o Export-Import Bank of China concordou em financiar US\$1,68 bi para a construção da hidrelétrica Coca-Codo Sinclair; em fevereiro de 2011 PetroChina Co. adiantou US\$1 bi também em troca de futuros embarques de petróleo; em julho de 2011 o China Development Corp. liberou um empréstimo de US\$ 2 bi para o governo do Equador.

Gráfico 34: Fluxo Comercial entre Equador e China de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade e Banco Central del Ecuador. Elaboração própria.

Gráfico 35: Participação (%) da China nas exportações e importações globais do Equador de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

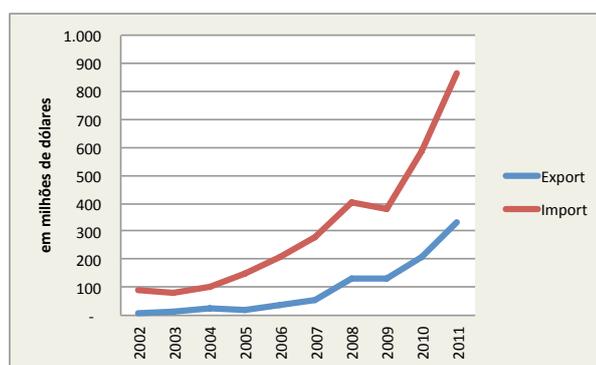
## ***Bolívia***

A Bolívia viveu sob profunda ditadura nas décadas de 1970 e 1980, recusando-se a reconhecer o regime comunista revolucionário da China. Foi apenas com as eleições de 1985, que reelegeram Victor Paz Estenssoro, que o país estabeleceu relações diplomáticas com a República Popular da China. Em 1992 e 1997, os então presidentes da Bolívia, Jaime Paz Zama e Gonzalo Sanchez de Lozada, respectivamente, visitaram a China, mas foi apenas a partir do século XXI que as companhias petroquímicas chinesas, como a Shengli Oil e Juanji, mostraram-se interessadas em investir no país. Porém, com a ascensão de Evo Morales à presidência em 2006 e a nacionalização do setor de hidrocarbonetos, as companhias de petróleo estrangeiras suspenderam seus investimentos.

A curto prazo, o interesse da China por esse país concentra-se mais nos minérios do que no seu gás ou petróleo. Acredita-se que os depósitos de ferro em El Mutún, localizados na região de Santa Cruz, sejam os maiores da América do Sul. A empresa chinesa Shandong Luneng tentou fazer parte da concessão para explorar 50% da Empresa Siderúrgica del Mútun em 2007, porém o governo boliviano optou pela empresa indiana Jindal Steel & Power para ser sua sócia. Diante de dificuldades da Jindal investir no depósito, em 2010, o Banco de Desenvolvimento Chinês ofereceu um empréstimo ao governo boliviano de US\$15 bilhões para desenvolver a metade de El Mutún, o que incluiria a construção de uma ferrovia e de infraestrutura necessárias para exportar o minério. Quanto ao pagamento do empréstimo, Bolívia pagaria 40% em dinheiro e os 60% restantes em aço a ser produzido por El Mutún. Porém, em julho de 2012, Jindal abandonou o projeto. Carlos Romero, ministro de Evo Morales, afirmou recentemente que há 15 empresas interessadas em assumir o projeto, principalmente chinesas e russas.

De acordo com dados do *Instituto Nacional de Estadística* (INE) da Bolívia, em 2011 os principais produtos exportados para China foram minerais metálicos comuns e concentrados (38% do total exportado), minerais metálicos preciosos e concentrados, exceto ouro (30,7%), estanho (20,3%), dentre outros.

Gráfico 36: Fluxo Comercial entre Bolívia e China de 2002 a 2011

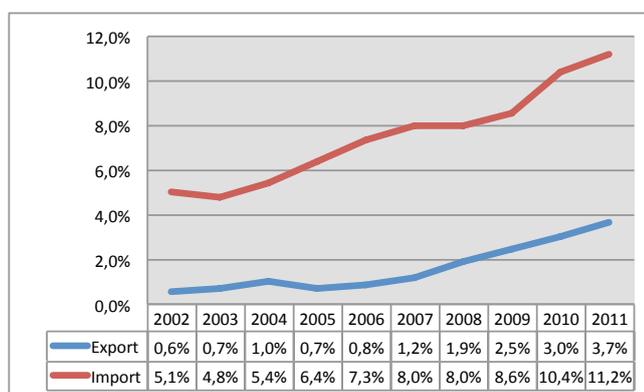


Fonte: Comtrade/INE. Elaboração própria.

País extremamente pobre, tem importado, principalmente, produtos baratos da China. Em 2011, a Bolívia importou US\$862,3 milhões da China, o menor valor entre todos os países da América do Sul analisados. Os principais produtos importados foram: inseticidas,

pneus, têxteis, veículos, brinquedos, equipamentos de telecomunicações, maquinários, calçados, dentre outros (INE, 2012).

Gráfico 37: Participação (%) da China nas exportações e importações globais da Bolívia de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade/INE. Elaboração própria.

## Peru

O Peru foi o segundo país a reconhecer a China, em 1971 (Chile reconheceu em 1970). Na década de 1990, o então presidente Alberto Fujimori (1990-2000) deu grande importância às relações diplomáticas com o país asiático, tendo visitado o país 4 vezes entre 1991 e 95. Como nos outros países do continente, os laços comerciais entre os dois países se intensificaram a partir do século XXI e em 28 de abril de 2009, os dois governos assinaram o Acordo de Livre Comércio China-Peru. Com isso, mais de 90% do comércio de mercadorias entre China e Peru passam a ter tarifa zero<sup>37</sup>.

Embora possamos ver no Gráfico 38 um comércio mais vigoroso entre China e Peru a partir de 2008, o interesse chinês pelo Peru, principalmente por seu petróleo e minérios é mais antigo. Em 2004, a CNPC comprou 45% da companhia de petróleo peruana PlusPetrol Norte, tendo desembolsado US\$200 milhões por ela. Embora a produção seja pequena, novas descobertas foram feitas em 2006/07 em áreas operadas pelos chineses, tendo a produção saltado de 111 mil barris/dia em 2005 para 153 mil barris/dia em 2011 (BP, 2012). Em abril de 2007, o grupo de mineração chinês Zijin comprou parte da companhia de mineração

<sup>37</sup> Para texto completo do Acordo de Livre Comércio China-Peru, acessar <<http://fta.mofcom.gov.cn/topic/enperu.shtml>>.

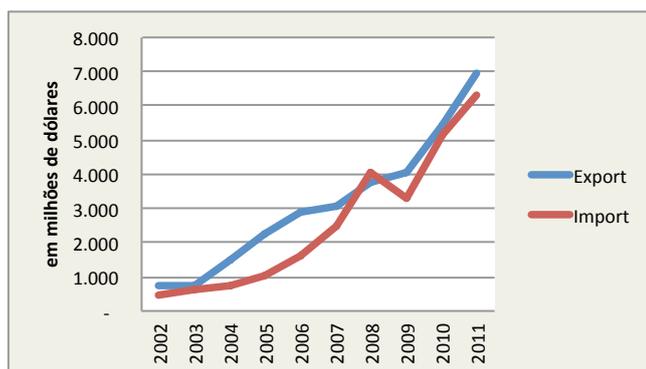
inglesa Monterrico Metals, que opera na mina de cobre Rio Blanco, em Piura. Em julho de 2007, a Corporação de Alumínio da China (Chinalco) comprou participação na companhia de mineração canadense Peru Copper por US\$792 milhões. Em dezembro do mesmo ano, China Minmetals e Corporação de Cobre Jiangxi compraram a firma canadense Northern Peru Copper por US\$ 446 milhões. Em maio de 2008 Chinalco ganhou um contrato de concessão de US\$2,15 bilhões para operar a mina de cobre Toromocho, a maior mina de cobre do país. Para Ellis, “a riqueza mineral abundante do Peru e a disponibilidade de portos na costa do Pacífico para exportar esses minerais são complementos naturais para a China que necessita de metais e minerais para a manufatura de bens, a construção de novas usinas e produção de novos equipamentos na China” (ELLIS, 2009, pp. 150).

A indústria pesqueira peruana também é de interesse chinês. Peru e Chile, juntos, fornecem 80% de toda farinha de peixe importada pela China. Em 2006 a China Fishery Group comprou a empresa peruana Alexandria Fishing Company por US\$100 milhões, além da Pesquería Isla Blanca e seus 18 barcos pesqueiros. Em 2007, comprou dos produtores peruanos de farinha de peixe as empresas Pesquería Maru e Pesquería El Pilar, além de uma fábrica de processamento em Chimbote.

Dos principais produtos exportados para a China em 2011, podemos destacar cobre (responsável por 36,5% do total exportado), farinha de peixe (15,7%), minério de ferro e concentrados (15,1%), chumbo e concentrados (10,9%), dentre outros (SUNAT, 2012).

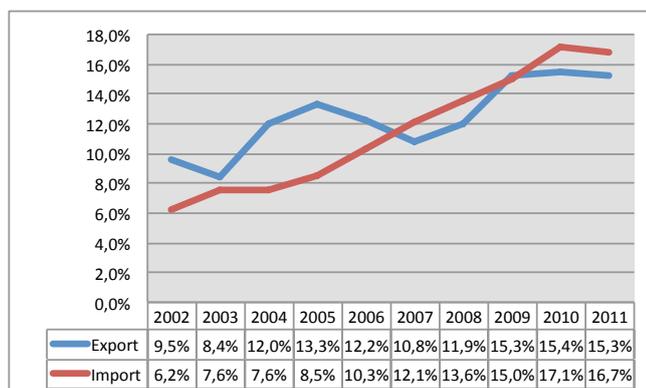
Embora um pouco mais rico que Bolívia, Peru segue a mesma tendência de compras de produtos chineses, tendo importado US\$6,321 bilhões em 2011 (COMTRADE, 2012). Os chineses tentaram introduzir seus carros no mercado peruano. Porém, em 2007, o Ministério de Interior cancelou a compra de 698 carros chineses que seriam usados para fazer patrulhas argumentando que, embora o preço fosse o mais barato, a qualidade dos carros era questionável (ELLIS, 2009, pp. 152-153). Entre os principais produtos chineses importados pelos peruanos em 2011 podemos destacar computadores (6,3% do total importado), celulares (5,9%), motocicletas (2,2%), aparelhos de televisão (1,5%), equipamentos de telecomunicação (1,4%), dentre outros (SUNAT, 2012).

Gráfico 38: Fluxo Comercial entre Peru e China de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Gráfico 39: Participação % da China nas exportações e importações globais do Peru de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

### **Colômbia**

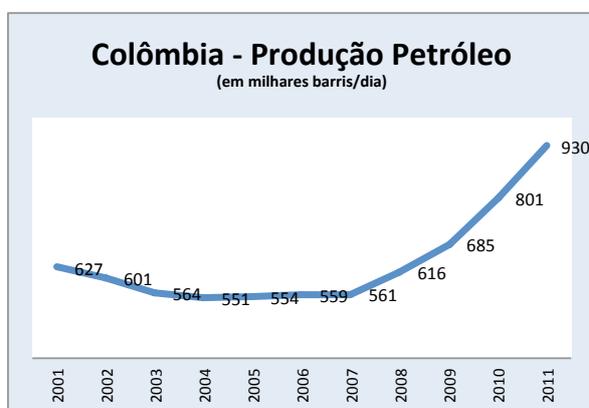
Colômbia foi um dos últimos países a reconhecer RPC, apenas em 1980. Cinco anos depois ocorreu a primeira visita oficial entre líderes dos dois países, mas foi apenas a partir de 2005 que as relações se aprofundaram, quando o então presidente Álvaro Uribe visitou a China e convidou o país asiático e suas companhias a expandir seus investimentos no setor petrolífero colombiano ainda um tanto inexplorado. Para Ellis, um relacionamento mais próximo entre China e Colômbia é prejudicado por causa do relacionamento estratégico que o segundo tem com os EUA (ELLIS, 2009, p. 157).

Em 2005, a agência de hidrocarbonetos colombiana assinou um memorando de entendimentos com a China National Oil Development Corporation (CNODC) para exploração e produção de petróleo. Embora as reservas provadas de petróleo colombiano

sejam modestas, em 2006 a empresa chinesa Sinopec, em parceria com uma empresa indiana, a ONGC Videsh Ltd, comprou 50% de participação da Omimex (indústria local de exploração e produção) por US\$850 milhões. Em outubro de 2009, a chinesa Sinochem Group comprou a Emerald Energy PLC (presente no Peru, Síria e Colômbia) que na Colômbia possui o direito de exploração e produção em 8 blocos. Desde então a produção diária aumentou de 3 para 8 mil barris/dia, com expectativa de chegar a 60 mil no final de 2013. Mais recentemente, em fevereiro de 2012, Sinochem comprou da francesa Total SA a Tepma BV, adquirindo direitos de exploração no campo Cusiana, assim como participação em oleodutos.

Em uma visita do atual presidente colombiano Juan Manuel Santos à China em maio de 2012, Colômbia e China assinaram 9 acordos com o propósito de impulsionar a cooperação em várias indústrias, inclusive a de petróleo. Para o ministro colombiano de Minas e Energia Mauricio Cárdenas, com o crescimento de demanda chinesa e com a queda na demanda norte-americana por petróleo (amadurecimento de sua economia e maior uso de gás natural em sua matriz energética), a Colômbia tem que começar a direcionar seu mercado para a Ásia.

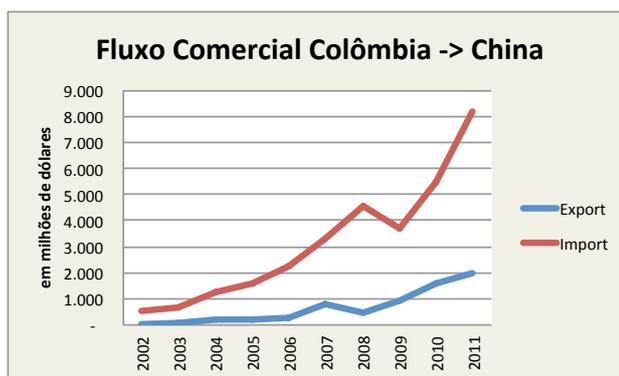
Gráfico 40: Produção de Petróleo Colombiano, em milhares de barris/dia



Fonte: BP Statistical. Elaboração própria.

Conforme dados do Ministerio de Comercio, Industria Y Turismo da Colômbia, dos principais produtos exportados para a China em 2011, 84% foram produtos primários, dentre os principais temos petróleo (58,9%), níquel (16,2%), carvão (7,3%) e café (0,1%).

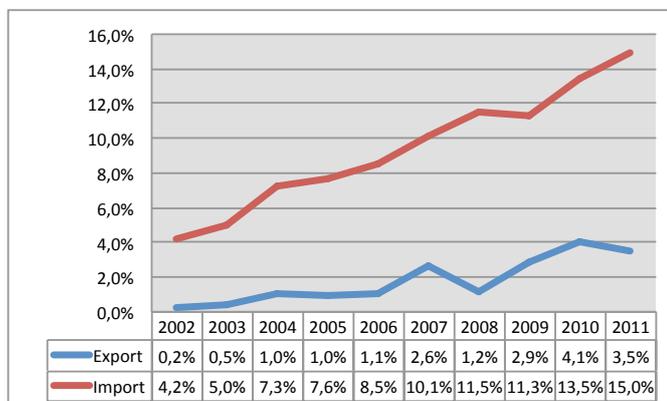
Gráfico 41: Fluxo Comercial entre Colômbia e China de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

O mercado colombiano interessa à China para suas vendas tanto de produtos mais sofisticados, como carros, motocicletas e aparelhos eletrônicos, como os típicos produtos baratos chineses. Em 2007 já era possível encontrar carros de várias marcas chinesas na Colômbia como Great Wall Motors, Hafei, Chery, Geely, etc. Em 2011, 45,3% do total importado da China referia-se a máquinas e equipamentos, como telefones (10,9%) e computadores (9,5%). Além disso, foram importados têxteis (5,2%), confecções (3,8%), calçados (2,8%), pneus (2,7%), dentre vários outros itens. As empresas de telecomunicações chinesas também estão presentes na Colômbia, como a Huawei e a ZTE, sendo que a última ganhou em 2005, um contrato de US\$11 milhões para construir uma rede de serviços em Cali (ELLIS, 2009, pp. 163-165). Atualmente detém 12,5% de participação no mercado de venda de telefones móveis no país.

Gráfico 42: Participação (%) da China nas exportações e importações globais da Colômbia de 2002 a 2011



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

Quadro 3: Principais parceiros e suas participações nas exportações e importações da Venezuela, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia

Procedência das Importações da Venezuela (2011)		Destino das Exportações da Venezuela (2011)	
EUA	27,9 %	América Latina	31,1 %
<b>China</b>	<b>12,0 %</b>	Areas, nes	29,8 %
Brasil	8,6 %	Am. do Norte e Central	18,0 %
Colômbia	4,2 %	<b>China</b>	<b>13,9 %</b>

*Principais produtos importados (geral):*

Produtos agrícolas, máquinas e equipamentos, equip. transporte, mat. construção, farmacêuticos, químicos, farmacêuticos

*Principais produtos exportados (geral):*

Petróleo, bauxita e alumínio, minerais, químicos

Procedência das Importações da Bolívia (2011)		Destino das Exportações da Bolívia (2011)	
Brasil	41,8 %	Chile	23,6 %
EUA	12,2 %	Brasil	23,0 %
Coreia do Sul	6,4 %	Argentina	10,4 %
Peru	5,7 %	EUA	10,1 %
Argentina	5,2 %	Peru	6,9 %
Japão	4,6 %	<b>China</b>	<b>5,9 %</b>

*Principais produtos importados (geral):*

Produtos de petróleo, plásticos, papel, aeronaves e suas partes, alimento pronto, automóveis, inseticidas

*Principais produtos exportados (geral):*

Gás natural, soja e produtos de soja, petróleo cru, minério de zinco

Procedência das Importações do Peru (2011)		Destino das Exportações do Peru (2011)	
EUA	19,7 %	<b>China</b>	<b>15,3 %</b>
<b>China</b>	<b>16,7 %</b>	EUA	13,3 %
Brasil	6,4 %	Suíça	12,9 %
Equador	5,0 %	Canadá	9,2 %
Argentina	4,9 %	Japão	4,8 %

*Principais produtos importados (geral):*

Petróleo e subprodutos, químicos, plásticos, maquinário, veículos, aparelhos de TV, equipamento telefônico

*Principais produtos exportados (geral):*

Cobre, ouro, chumbo, zinco, minério de ferro, prata, estanho, petróleo cru e subprodutos, café, frutas

Procedência das Importações do Equador (2011)		Destino das Exportações do Equador (2011)	
EUA	21,2 %	EUA	44,9 %
<b>China</b>	<b>13,7 %</b>	Peru	7,7 %
Colômbia	8,7 %	Venezuela	6,6 %
Panamá	6,1 %	Panamá	4,6 %
México	4,4 %	Colômbia	4,6 %

*Principais produtos importados (geral):*

Materiais industriais, lubrificantes e combustíveis, bens de consumo não-duráveis

*Principais produtos exportados (geral):*

Petróleo, bananas, flores, camarão, cacau, café, madeira, peixe

Procedência das Importações da Colômbia (2011)		Destino das Exportações da Colômbia (2011)	
EUA	25,0 %	EUA	38,5 %
<b>China</b>	<b>15,0 %</b>	Holanda	4,4 %
México	11,1 %	Chile	3,9 %
Brasil	5,0 %	<b>China</b>	<b>3,5 %</b>
Alemanha	4,1 %	Panamá	3,4 %

*Principais produtos importados (geral):*

Equipamento industrial, equipamentos de transporte, bens de consumo, químicos, papel

*Principais produtos exportados (geral):*

Petróleo, carvão, esmeraldas, café, níquel, flores, bananas

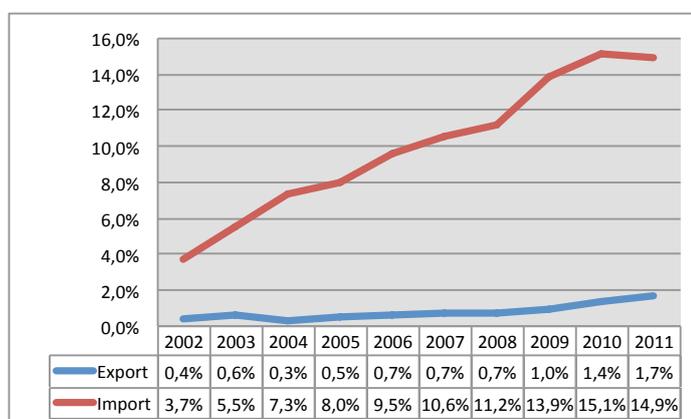
Fonte: CIA/Comtrade

### 3.4 Fluxo comercial com México, Costa Rica, Panamá e outros países da América Central

#### *México*

O México foi um dos primeiros países a reconhecer a China diplomaticamente, em 1972. Se por um lado o país mexicano sempre apoiou, politicamente, a participação do país asiático em vários organismos internacionais, como nas Nações Unidas, na Organização dos Estados Americanos (OEA) e no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no campo comercial as relações entre os dois países têm sido tensa para dizer o mínimo, pois a balança comercial tem favorecido enormemente a China (Gráfico 44). Se em 1972 o comércio bilateral foi de apenas US\$13 milhões, em 2011 o valor foi superior a US\$ 58 bilhões, passando a China a ser o segundo maior parceiro comercial do México, atrás apenas dos EUA (comércio bilateral entre México e EUA foi de US\$ 450 bilhões em 2011).

Gráfico 43: Participação (%) da China no total exportado e importado pelo México para o período de 2002 a 2011



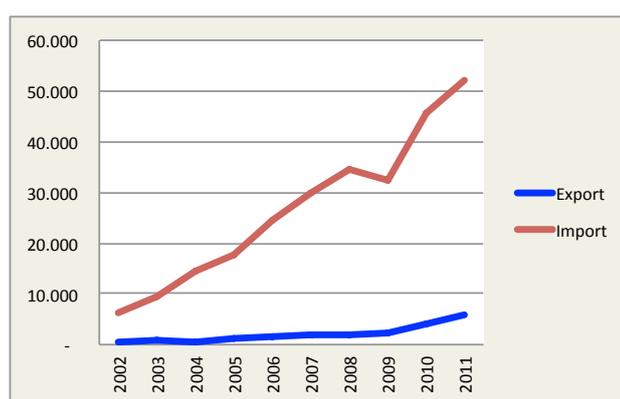
Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

Em 2011, os principais produtos mexicanos exportados para a China foram minérios e sucatas (26,1% do total exportado), petróleo e seus subprodutos (22,4%), veículos e partes automotivas (14,9%), cobre (12,3%) e equipamentos elétricos, suas partes e acessórios (5,9%).

Quanto às importações chinesas, os principais produtos foram: máquinas e equipamentos elétricos (44,5%), máquinas e aparelhos mecânicos (23,8%), instrumentos de precisão – óticos, fotográficos, cirúrgicos (4,4%), brinquedos (2,5%) e alumínio (2,5%). O volume de importações provenientes da China está diretamente associado a produtos de informática e telecomunicações, além de produtos relacionados ao setor de máquinas e equipamentos. Esses dois segmentos juntos respondem por quase 70% das importações com origem na China e por um déficit comercial de US\$ 22 bilhões (DUSSEL-PETERS, 2012) . A importação de têxteis e calçados chineses tem chamado a atenção da mídia local. Em 2007, de acordo com uma pesquisa em Zapotlanejo em 2007, 7 em cada 10 artigos de vestuário vendidos na cidade eram asiáticos. Até mesmo as imagens da Virgem de Guadalupe que são vendidas aos turistas na cidade do México são feitas na China (ELLIS, 2009, p. 204).

Ao contrário dos países já analisados, onde o comércio exterior com a China se caracteriza pela exportação de produtos primários e importação de produtos manufaturados destinados a atender seus mercados internos, com o México é diferente. Além do peso dos produtos primários na sua pauta de exportação ser menor, o México importa produtos manufaturados dos chineses para a montagem final de produtos em seu território nacional para, posteriormente, serem reexportados para os EUA. Conforme veremos no Capítulo IV, o México é um dos países mais afetados pelo “efeito China” na AL. O país tem perdido não apenas seu próprio mercado como também terceiros mercados para concorrentes chineses.

Gráfico 44: Fluxo comercial do México com China (em milhões de dólares)



Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

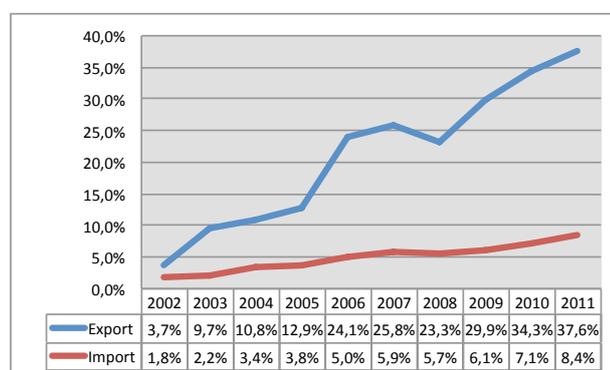
## ***Costa Rica***

Foi apenas em Junho de 2007 que Costa Rica reconheceu a República Popular da China diplomaticamente mas, mesmo antes do reconhecimento, Costa Rica já gozava de um superávit comercial com o país asiático. Com a ida da Intel - fabricante de chips de computadores, para Costa Rica em 1999, o país passou a exportar para Lenovo, HP e Dell, empresas que mantêm suas linhas de montagem na China.

De 2007 em diante, o comércio bilateral intensificou-se e, em agosto de 2011, entrou em vigor o Tratado de Livre Comércio (FTA) entre Costa Rica e China, tratado que eliminou tarifas de vários produtos. Mesmo que em quantidades pequenas - o governo costa-riquenho reconhece que o país não tem condições de fornecer produtos na escala que a China demanda - Costa Rica tem conseguido diversificar suas exportações para a China. De acordo com a *Embajada de Costa Rica*, em 2010, mais de 75 empresas exportaram por volta de 160 produtos para a China. Seu café, internacionalmente reconhecido como de excelente qualidade, é bem representado na China onde a empresa Café Britt está desde 2004 vendendo não apenas café como chocolates finos (ELLIS, 2009). No primeiro trimestre de 2012, com o FTA em vigor, houve um acréscimo de produtos agrícolas costa-riquenhos entrando na China, produtos como banana, sucos, concentrados e outros subprodutos de frutas, madeira, etc. Porém, componentes de computadores, principalmente chips, continuam a ser o principal produto exportado, ou seja, 94,5% do total exportado para o país asiático em 2011 (COMTRADE, 2012). Em 2011, China foi o quarto mercado exportador costa-riquenho, (5,1% do volume total exportado), atrás apenas dos EUA, Países Baixos e Panamá. As exportações saltaram de US\$184,5 milhões em 2002 para US\$3,8 bilhões em 2011, ou seja, um de 1.984%.

Já as importações de produtos chineses tiveram um acréscimo de 1.162% para o mesmo período, de US\$121,1 milhões em 2002 para US\$1.528,5 bilhão em 2011 (COMTRADE, 2012). Eletrônicos e aparelhos elétricos somaram um pouco mais de 45% do total importado nesse ano e veículos, calçados e têxteis responderam por 12,7%.

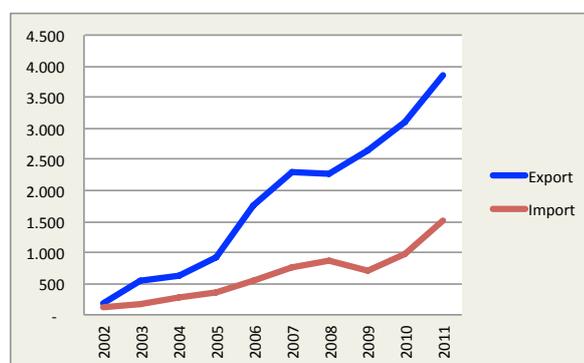
Gráfico 45: Participação (%) da China no total exportado e importado pela Costa Rica para o período de 2002 a 2011



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

A posição geográfica da Costa Rica, sua proximidade com as costas leste e oeste, seus tratados de livre comércio com diversos países do continente e sua mão de obra qualificada têm contribuído para aumentar o interesse da China pelo país. Para a presidente Laura Chinchilla, Costa Rica e China poderiam se beneficiar do relacionamento bilateral caso o primeiro se tornasse um centro de montagem e logística para o país asiático.

Gráfico 46: Fluxo comercial da Costa Rica com China (em milhões de dólares)



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

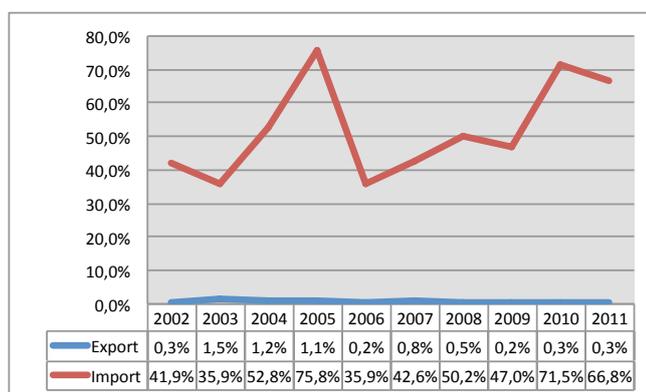
## *Panamá*

O país não possui commodities de interesse chinês, portanto o interesse da China nesse país se resume, basicamente, em dois tópicos: o Canal do Panamá e o fato do país ainda reconhecer diplomaticamente Taiwan como o governo legítimo da China (ELLIS, 2009, pp. 226). O canal é uma das rotas principais de escoamento do petróleo venezuelano para a

China, assim como parte das exportações de soja do Brasil e Argentina, é de grande importância para o comércio chinês com a costa leste dos EUA, além de ser uma fonte de renda para as empresas chinesas que atuam no local, como a empresa de logística Hutchison e a China Ocean Shipping Company (COSCO).

Em 2011, China exportou US\$14,5 bilhões para o Panamá, o terceiro maior destino de produtos chineses na AL, ficando atrás apenas do México e do Brasil. Para Ellis (2009), esse número se justifica pela renda *per capita* alta do país panamenho, em relação a seus vizinhos, pela importação de bens com maior valor agregado, como carros e ônibus mas, principalmente, pela natureza do comércio na zona do Canal. Como a região é um centro internacional de logística, as companhias que lá operam consomem quantidades significativas de mercadorias e serviços necessários para o bom funcionamento do tráfego no canal do Panamá, sendo que muitos de seus principais operadores têm laços comerciais com a China<sup>38</sup>.

Gráfico 47: Participação (%) da China no total exportado e importado pelo Panamá para o período de 2002 a 2011

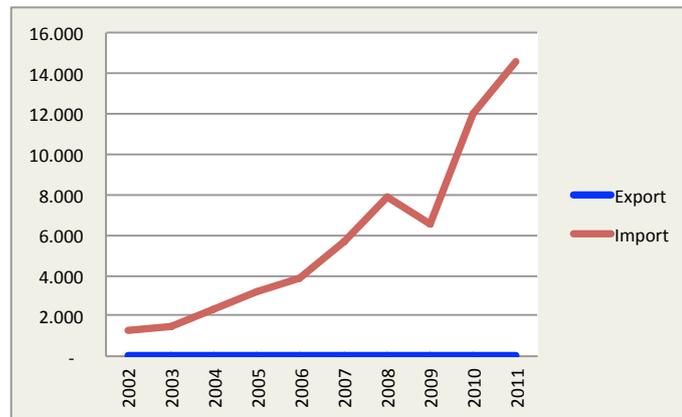


Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

As exportações são insignificantes. Em 2011, a China representou apenas 0,34% do destino de todas as suas exportações, sendo que quase 60% do total exportado para o país asiático – um pouco mais de US\$40 milhões - foram de cobre e alumínio (COMTRADE, 2012).

<sup>38</sup> Dos itens importados da China em 2011, de acordo com dados fornecidos pelo governo panamenho, destacamos têxteis (21,1%), calçados (12,5%) e aparelhos elétricos e eletrônicos para consumo (11,4%) (COMTRADE, 2012).

Gráfico 48: Fluxo comercial do Panamá com China (em milhões de dólares)



Fonte: COMTRADE. Elaboração própria.

### ***Outros países da América Central***

Indiferentemente de reconhecerem Taiwan ou China, os países da América Central são fontes de recursos minerais e agrícolas, assim como mercados para os chineses. Porém, com suas economias pouco desenvolvidas e orientadas para os EUA – economias primário-produtoras, o interesse chinês pela região é mais político (ELLIS, 2009, pp. 230-231). A região, em geral, não possui infraestrutura bem desenvolvida ou mecanismos comerciais de coleta, inspeção e empacotamento da produção de seus pequenos fazendeiros, não conseguindo exportar para a China em grandes quantidades e em uma base regular.

Na opinião de Navejas (2011), os países da América Central e do Caribe são importantes para a China a partir do momento que fazem parte da estratégia global chinesa de conter Taiwan. Com a intenção não apenas de aumentar o fluxo de comércio com a região, mas também de projetar seu poder legal e político na região, a China tem aumentado sua presença na região por meio de empréstimos preferenciais a empresas chinesas para investirem na região (em infraestrutura, produção industrial, turismo, agricultura, etc) e com “presentes” para agradar a população local, como campos de futebol. Recentemente, a Nicarágua talvez seja o país que mais tenha atraído a atenção dos chineses na região, depois de Costa Rica e Panamá. O desejo de construir na Nicarágua um canal que ligue o Caribe ao

Pacífico, para concorrer com o canal do Panamá, é antigo, e os chineses parecem estar interessados em investir em tal projeto<sup>39</sup>.

Quadro 4: Principais parceiros e suas participações nas exportações e importações do México, Costa Rica e Panamá

Procedência das Importações do México (2011)		Destino das Exportações do México (2011)	
EUA	49,8 %	EUA	78,7 %
China	14,9 %	Canadá	3,1 %
Japão	4,7 %	China	1,7 %

*Principais produtos importados (geral):*

Óleos e combustíveis minerais, equipamentos elétricos e mecânicos, eletrônicos, veículos e suas partes, têxteis, brinquedos, aparelhos de precisão

*Principais produtos exportados (geral):*

Bens manufaturados, prata, veículos, petróleo e seus subprodutos, equipamentos elétricos, pedras e metais semi-preciosos

Procedência das Importações da Costa Rica (2011)		Destino das Exportações da Costa Rica (2011)	
EUA	45,6 %	EUA	38,3 %
China	8,4 %	Holanda	6,7 %
México	6,7 %	Panamá	5,5 %
Japão	3,8 %	China	5,1 %
Colômbia	3,6 %	Nicarágua	4,5 %

*Principais produtos importados (geral):*

Equipamento elétrico, bens de consumo, petróleo, bens de capital, material de construção, plásticos

*Principais produtos exportados (geral):*

Banana, abacaxi, café, melão, plantas ornamentais açúcar, carne, aparelhos ópticos/cirúrgicos

Procedência das Importações do Panamá (2011)		Destino das Exportações do Panamá (2011)	
China	26,2 %	EUA	26,3 %
EUA	18,6 %	Venezuela	17,7 %
Singapura	15,7 %	Colômbia	12,8 %
México	3,9 %	Costa Rica	4,4 %

*Principais produtos importados (geral):*

Combustíveis, medicamentos, veículos, barras de ferro e aço, telefones celulares

*Principais produtos exportados (geral):*

Ouro, banana, camarão, açúcar, sucata de ferro e aço, abacaxi, melancia

Fonte: Comtrade. Elaboração própria.

<sup>39</sup> O governo da Nicarágua e a companhia chinesa, HK Nicaragua Canal Development Investment Co. Ltd., dirigida por Wang Jing, presidente da Xinwei Enterprise Group, em setembro de 2012 assinaram um *memorandum* onde a empresa chinesa se compromete a financiar e construir o Grande Canal da Nicarágua, orçado em US\$30 bilhões. Esse canal ligará os portos de águas profundas do Caribe e do Pacífico e contará também com uma ferrovia para fazer o frete de mercadorias. Além do Canal, faz parte do *memorandum* a construção pelos chineses de um porto ao sul da costa caribenha, em Monkey Point, e a reforma do Porto Corinto na costa do Pacífico. A Nicarágua ficará com 51% do projeto. Para Wang Jing, a “Xinwei está criando história e se tornará uma lenda após a conclusão desse projeto” ([www.xinwei.com.cn](http://www.xinwei.com.cn)).

Conforme pudermos ver, o interesse chinês pela região quanto a investimentos e importações, está concentrado, principalmente, nos setores de energia e matérias-primas. Minério de ferro, cobre e soja da região têm uma participação grande no total importado pela China. No tocante à participação do petróleo, embora ela não seja tão grande, têm aumentado nos últimos anos.

Para aumentar o fluxo de petróleo da região para seu país, a China tem buscado parcerias com empresas locais, feito importantes aquisições, emprestando grandes somas de dinheiro, como é o caso da Venezuela, com pagamento em petróleo. Mas na opinião de Palacios, dado o fluxo atual de petróleo da América Latina para a China, é difícil afirmar que o continente latino-americano se tornará uma região estratégica para a China em referência a suas necessidades energéticas. A China tem diversificado suas fontes de petróleo na Rússia e no Oeste Africano, regiões com maior proximidade geográfica e, conseqüentemente, com custos de transportes mais baixos. Economicamente, sempre fará mais sentido que o petróleo produzido no continente latino-americano seja consumido no hemisfério ocidental, restando à China apenas um pequeno fluxo de óleo. Além disso, o crescimento econômico que se tem observado em alguns países na região - como México, Brasil e Equador - tem contribuído para um aumento no consumo de tal recurso energético internamente, dentro de cada país. As necessidades da própria América Latina e dos Estados Unidos continuarão a absorver grande parte da produção de petróleo da região sendo que a maioria do aumento de importação de petróleo pela China deve continuar sendo do Golfo Pérsico (PALACIOS, 2008).

Tabela 14: Produção e Consumo de Petróleo na América do Sul e Central (em bilhões de barris/dia)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Produção	6.813	6.722	6.619	6.314	6.590	6.963	6.997	6.982	7.104	7.229	7.293	7.381
Consumo	4.882	4.945	4.930	4.778	4.966	5.111	5.233	5.582	5.786	5.763	6.079	6.241
<i>Surplus</i>	1.931	1.777	1.689	1.536	1.624	1.852	1.763	1.400	1.318	1.466	1.215	1.140

Fonte: BP Statistical Review of World Energy. Elaboração própria.

Não há dúvida, os números comprovam, que os fluxos comerciais entre China e América Latina têm aumentado nas últimas duas décadas. Além do minério de ferro, cobre, soja e petróleo, outros produtos também têm assistido um aumento de suas exportações para a

China, como madeira, papel e celulose, carne, café, etc. As vantagens comparativas da América Latina na produção agrícola e na riqueza de recursos naturais, matérias-primas, óleo e alimentos levam à percepção de que a região seja um “mar de oportunidades” para alimentar a demanda crescente chinesa por matérias-primas necessárias para manter suas altas taxas de crescimento.

## CAPÍTULO IV – RIVALIDADES E COMPLEMENTARIDADES

Não podemos classificar um país como perdedor ou ganhador no que tange à sua relação comercial com a China, pois mesmo dentro de um único país há setores que ganham e outros que perdem. Mas, via de regra, podemos separar os países em 3 grupos: (1) países que mais ganham com a China, i.e., os que são importantes exportadores de commodities (por exemplo, Chile, Peru, Equador e Venezuela); (2) países que ganham com suas exportações de commodities e perdem em seus setores manufatureiros como é o caso do Brasil e Argentina e (3) países que mais perdem com a presença da China no continente: países cujas exportações se concentram em bens industriais (países da América Central e, principalmente, o México).

O comércio entre China e AL ainda é pequeno, mas tem crescido rapidamente. Conforme vimos nos capítulos anteriores, enquanto as exportações da AL para a China tendem a se concentrar em algumas commodities, as exportações chinesas para a AL são bem diversificadas e concentradas em produtos manufaturados.

Tal fato tem trazido de volta o debate centro-periferia de Raúl Prebisch. Em 1949, em busca de soluções para os problemas de desenvolvimento da AL, Prebisch lançou a tese centro-periferia. Para ele, a AL fazia parte de um sistema dividido em centro e periferia, onde os países industrializados ocupariam o centro (produtores de manufaturas e responsáveis pelo desenvolvimento tecnológico) e a AL ocuparia a periferia (fornecedora de matérias-primas). Apoiados em evidências empíricas, os argumentos de Prebisch revelavam uma grande desigualdade entre os produtores e exportadores de bens manufaturados e os de commodities primárias, devido às diferenças de elasticidade de demanda desses dois tipos de bens e à tendência à deterioração dos termos de troca das commodities primárias. As desvantagens para os países periféricos não eram pequenas: seus produtos tinham baixa elasticidade de demanda (podendo restringir um aumento de suas exportações), havia uma tendência à deterioração dos termos de troca dos mesmos (volumes cada vez maiores de exportações seriam necessários para manter a mesma receita) e, caso não fossem adotadas políticas ativas no sentido de mudar tal *status quo*, tais países estariam fadados a não atingir o grau de desenvolvimento desejado.

A “maldição das matérias-primas”, ou seja, a ideia de que a abundância de recursos naturais prejudica o crescimento econômico de um país ou região no longo prazo tem sido constantemente citada como uma forma de explicar ou chamar a atenção para o que está

ocorrendo na AL com suas exportações de commodities para a China. A curto prazo, como vimos no Capítulo I, a região tem ganhado com o aumento da demanda chinesa por recursos naturais e com sua alta de preços.

Na opinião de Devlin, os recursos naturais não são uma “maldição” na AL; pelo contrário, eles podem vir a ser um importante ativo se os países da região usarem os recursos financeiros obtidos com sua comercialização para desenvolver suas economias e adicionar valor aos seus recursos nacionais. (DEVLIN, 2008, p. 6). Embora nos mercados latino-americanos haja vários setores sensíveis às importações chinesas, para o autor é importante ressaltar que o crescimento econômico chinês pode ser muito importante para a região. Com o crescimento econômico da China, espera-se que a renda do trabalhador chinês também cresça, aumentando não apenas o consumo de vários itens que a região pode fornecer como carne, vinhos e outros itens mais sofisticados (DEVLIN, 2008, p. 5).

Tabela 15: Perfil das Exportações e Importações da AL para China (em %)

<b>Exportações para a China</b>	<b>2000 (%)</b>	<b>2008 (%)</b>
Produtos Primários	58,1	71,9
Bens Industrializados	41,8	28,1
Baseados em recursos naturais	23,2	15,8
De baixa tecnologia	5,8	2,4
De média tecnologia	6,2	5,6
De alta tecnologia	6,5	4,3
<b>Importações da China</b>	<b>2000 (%)</b>	<b>2008 (%)</b>
Produtos Primários	3,1	0,9
Bens Industrializados	95,1	97,8
Baseados em recursos naturais	10,5	9,4
De baixa tecnologia	35,4	20,5
De média tecnologia	25,1	26,3
De alta tecnologia	24,2	41,6

Fonte: Cepal

Não é o que o Uruguai tem experimentado de sua relação com a China. Embora pequeno, o comércio entre os dois países era favorável ao Uruguai em 2002, quando o país ainda era superavitário (US\$28 milhões). Mas sua pauta de exportações para o país asiático, que historicamente se concentrava em poucos produtos, tem experimentado, nos últimos anos, um processo de maior diversificação, mas *sempre* na direção de produtos intensivos em recursos naturais como carne, peixe, feijão, pedras semipreciosas e madeira. O agravante,

porém, é a constatação de que a adição de valor tanto para as exportações de lã como para a de couro tem sido *menor* do que da década de 80. Em 2009, o Uruguai importou US\$819 milhões dos chineses e exportou apenas US\$234 milhões, com um déficit de quase 600 milhões de dólares americanos. De suas importações destacamos aparelhos mecânicos, químicos, veículos e parte automotivas, em detrimento de alguns itens tradicionais como têxteis, vestuário e calçado. Para Carracelas (2012), os fluxos de comércio entre Uruguai e China têm evoluído para uma estrutura “inter-indústria” (alimentos por máquinas). O comércio com a China cada vez mais se assemelharia ao comércio histórico entre o Uruguai e os países desenvolvidos (comércio norte-sul).

No caso da Argentina, o país se tornou dependente da demanda chinesa para sua soja e óleo de soja, que em 2011 representaram 71% de tudo o que foi exportado para a China. Tal dependência, em 2009, trouxe-lhe complicações. Naquele ano o governo argentino deu início a 18 investigações de *antidumping* contra produtos chineses. China retaliou a seu modo. Em março de 2010, a Câmara de Comércio da China fez saber aos principais importadores chineses da soja argentina que resíduos de solventes estavam sendo usados para processar o óleo de soja. Outros foram instruídos a não adquirir soja argentina como retaliação ao fato da Argentina estar restringindo produtos chineses em seu país. E assim foi feito. Vários produtores de soja da Argentina receberam notificações de seus importadores chineses suspendendo/cancelando as compras. Tais acontecimentos tiveram resultados econômicos desastrosos para os argentinos (MALENA, 2011).

Os grandes volumes de minério de ferro que o Brasil envia para a China também têm impacto significativo na balança comercial. De acordo com dados da Secex, em 2012, o Brasil exportou para o mundo todo 5,26% a menos do que em 2011 (de US\$ 256 bilhões em 2011 para US\$ 242,6 bilhões em 2012). Porém, para a China, esse percentual foi de 6,97% para menos. Já em relação às importações, em 2012 Brasil importou 1,37% a menos que em 2011, porém as importações chinesas cresceram 4,45%. A queda das exportações brasileiras em 2012 está fortemente relacionada à queda de exportação (em dólares) do minério de ferro (dos US\$13,4 bilhões exportados a menos, US\$10,8 bilhões foram de minério, ou seja, 80%). Para todos os principais países importadores do Brasil os valores caíram – Alemanha, Países Baixos, Argentina e Japão - mas como os volumes exportados para a China são grandes, o impacto da queda do total exportado para os chineses na balança comercial brasileira em 2012 foi significativo: US\$ 4,8 bilhões, ou 36,2% do total exportado a menos em 2012.

A Argentina não foi e nem é o único país a colocar medidas *antidumping* contra a China. Brasil, Venezuela, Colômbia, dentre outros, também o fazem. De 1995 a 2010, tivemos um total de 140 medidas colocadas pelos principais países da América do Sul, respondendo por 25% de todos os processos, do mundo todo, contra a China (SHUANGRONG, 2011).

Tabela 16: Investigações e Medidas *Antidumping* da AL contra China (1995 a 2010)

	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	México	Peru	Venezuela	Total
<b>Investigações anti-dumping</b>	82	41	1	24	28	19	9	204
<b>Medidas anti-dumping</b>	53	30	1	14	16	15	11	140

Fonte: SHUANGRONG, 2011.

Para Stallings (2008), o que realmente interessa à América Latina é o aumento do volume das transações. Trata-se não apenas de uma questão de mudança de direção do comércio (desviando um pouco dos parceiros tradicionais, como EUA e Europa), mas também de uma mudança no valor do comércio. De fato, de 2002 para 2011 as exportações dos países selecionados nesse estudo para a China cresceram de US\$6,7 para US\$100,1 bilhões. Não podemos deixar de mencionar, porém, que o déficit comercial também cresceu. Se em 2002 era de US\$5,8 bilhões, em 2011 atingiu a marca histórica de US\$54,4 bilhões.

Dos países que ganham com sua relação bilateral com os chineses, podemos citar os países importantes para o agronegócio. As perspectivas para os setores de agronegócio são boas, para médio e longo prazo. Embora a taxa de crescimento da população chinesa venha caindo nas últimas décadas (com projeção de uma redução para 1,29 bilhão de pessoas em 2050 do atual número 1,34 bilhão, conforme dados do *Princeton University Office of Population Research*), o processo de urbanização pelo qual a China está passando influencia significativamente o tipo de alimentos que os chineses consomem. Em 2012, China se tornou um país mais urbano do que rural, sendo que nos últimos dez anos, mais de 200 milhões de chineses passaram a viver em zonas urbanas. Como consequência direta dessa nova realidade da população chinesa, podemos citar uma mudança da renda *per capita*, possibilitando que a população consuma mais alimentos que seu estilo de vida rural podia propiciar. Além disso, o processo de urbanização também influencia o tipo de alimentos que os chineses consomem.

Com base na pesquisa realizada pela *Chinese Academy of Agricultural Sciences*, a China não será autossuficiente na produção de soja e açúcares, onde 80% e 25%, respectivamente, terão que ser importados<sup>40</sup>. Com isso, países produtores principalmente de soja e óleos comestíveis, como é o caso da Argentina e do Brasil, além de açúcar, café e outros alimentos voltados para a população com renda média tendem a se beneficiar com o “efeito China” na região. Para Wilson Mello, vice-presidente da BRF Brasil Foods,

a China não conta com terra, nem água e nem sol de maneira eficiente. Em contrapartida, há uma enorme população para ser alimentada. Por isso, a China não é uma ameaça à indústria de alimentos, diferentemente do que ocorre com outras indústrias, como têxtil, sapatos e automóvel. Todo mundo deve se preocupar com a China e pensar: como eu vou competir com esse gigante? No caso da BRF é: como eu vou atender a esse gigante?<sup>41</sup>

O Peru é outro exemplo de país que ganha com sua relação bilateral com a China, uma vez que o segundo, além dos interesses que tem pelos recursos naturais peruanos, contribui com o desenvolvimento do país por meio do programa de Assistência Oficial ao Desenvolvimento (AOD). US\$18,5 milhões foram investidos, entre 2006 e 2010, em saúde, educação, cultura e meio ambiente. Em maio de 2008, Chinalco ganhou um contrato de concessão de US\$2,15 bilhões para operar a mina de cobre Toromocho. É esperado que tal projeto gere 2.500 e 7.500 empregos diretos e indiretos respectivamente, por um período de 34 anos, além dos 5 mil durante a fase de construção da mina (GAMAZO, 2010)<sup>42</sup>. Além disso, durante a concessão, o governo do Peru vai receber da Chinalco bilhões de dólares americanos em impostos, taxas, royalties, etc. Para o Brasil, porém, essa aproximação entre China e Peru, principalmente com a assinatura do tratado de livre comércio entre os dois últimos, conforme mencionado anteriormente, pode ser prejudicial, pois alguns produtos brasileiros exportados para o Peru deverão ficar em desvantagem em relação aos chineses. Eletrodomésticos, carros e máquinas feitos no Brasil são alguns exemplos de produtos que podem vir a perder para os similares chineses que entrarão no mercado peruano com tarifa zero.

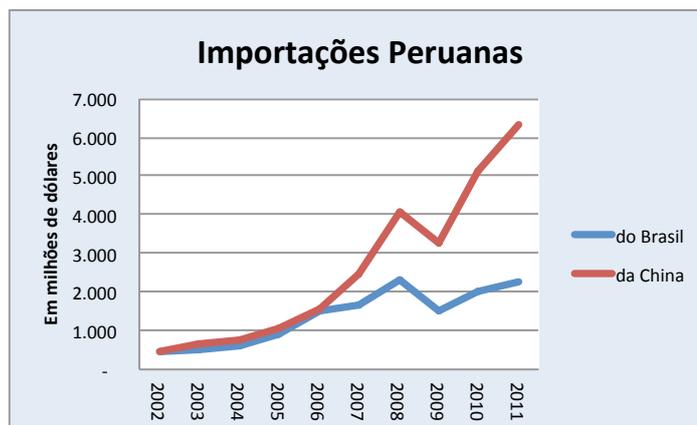
---

<sup>40</sup> Citado em Carta Brasil-China. *Especial Agronegócio Brasil-China* (CEBC), ed. 6, nov 2012, p. 9.

<sup>41</sup> *ibid*, p. 13.

<sup>42</sup> Em alguns países, principalmente nos menos desenvolvidos, a China é bem vista pelos locais com essa geração de empregos. Em Nassau, Bahamas, os chineses estão construindo um resort estimado em US\$6 bilhões, sendo os 6.000 funcionários da construtora todos chineses. Moram em contêineres, ao lado da obra, cercados, de onde quase não saem. Ao entrevistar os locais (jan. 2013) sobre a sua opinião do não uso de mão de obra local na construção do resort, a autora ouviu sempre a mesma resposta: não se importam, afinal de contas “a China é que tem dinheiro agora. E quando eles forem embora, o resort vai trazer não apenas muitos turistas para a ilha como gerará mais de 8.000 empregos diretos e indiretos”.

Gráfico 49: Importações peruanas do Brasil e da China, entre 2002 e 2011



Fonte: Secex/Comtrade. Elaboração própria.

A potencial ameaça chinesa às exportações da AL para terceiros mercados tem prejudicado alguns países. Um dos raros estudos otimistas em relação a esse assunto é o de Lederman, Olarreaga e Perry<sup>43</sup> que afirma que há evidências que haja substituição entre as exportações da América Latina e as chinesas dentro das indústrias, mas esses efeitos estão limitados a poucos países (principalmente México e, em grau menor, à América Central) e a poucos setores manufatureiros, assim como o padrão de especialização comercial da AL está cada vez mais complementar ao padrão de especialização da China. Jenkins não concorda. Para o autor, há razões para acreditar que há mais ameaças às exportações latino-americanas do que esta visão otimista acima sugere. A AL tem perdido terceiros mercados para a China e os volumes não são insignificantes. Em relação ao mercado norte-americano, enquanto entre 1996 e 2001 o efeito agregado sobre a região foi de US\$1,3 bilhão (1% das exportações de 1996), nos cinco anos seguintes o impacto chegou a ser de mais de US\$18 bilhões (9,3% das exportações em 2001) (JENKINS, 2009, pp. 45-47).

<sup>43</sup> Citado em Jenkins, 2009.

TABELA 17: Perdas da AL para a China nas exportações para os EUA  
(em % do total exportado por cada país para os EUA)

País	1996-2001	2001-2006	2004-2006
Argentina	-1,8	-5,1	-1,6
Bolívia	-10,4	1,6	-1,3
Brasil	-4,1	-7,7	-3,3
Chile	-1,3	-3	-3,3
Colômbia	-0,5	-2,3	-1,7
Costa Rica	-1,3	-7,8	-1,6
Rep. Dominicana	-24	-13	-6,1
Equador	-1	-1,1	-
El Salvador	6,5	-12,3	-10,5
Guatemala	6,2	-10,5	-8,7
Honduras	3,8	-7,7	-6
México	-1,1	-11,4	-4,5
Nicarágua	6,4	2,3	-0,8
Panamá	-2,4	-2,4	-1,1
Paraguai	-6,9	-5,7	-5,5
Peru	2	0,5	-1,4
Uruguai	-5,8	-9,4	-1,6
Venezuela	-	-0,7	-0,1
<b>América Latina</b>	<b>-1</b>	<b>-9,3</b>	<b>-3,8</b>

Fonte: JENKINS, 2009, p. 48

No caso brasileiro, a distância entre China e Brasil em termos de participação nas importações norte-americanas voltou a crescer em 2009, tendo a *market-share* brasileiro no mercado dos EUA voltado para o nível de 2002 no primeiro trimestre de 2010. Enquanto isso, os fornecedores chineses continuam a ganhar espaço nas importações norte-americanas, aproximando-se dos 19% do total das compras daquele país. O mercado mexicano é outro que preocupa os empresários brasileiros. De acordo com dados da Comtrade, em 2000, o Brasil respondia por 1,1% das compras do México e a China por 1,6%. Em 2011, a fatia brasileira ficou em 1,3%, enquanto que a chinesa saltou para 14,9%.

Além dos problemas que o Brasil tem tido com a Argentina como visto anteriormente (Capítulo III, 3.2), envolvendo, indiretamente, produtos chineses, o país também tem perdido mercado na África do Sul, conforme concluiu estudo de Silva&Hidalgo (2012). As exportações do Brasil para a África do Sul, que consistem principalmente de bens do setor automotivo, vêm perdendo espaço para as exportações chinesas. Na maior parte dos setores, a China é responsável por mais da metade das perdas brasileiras, em especial, no setor de

artigos fabricados diversos, setor que concentra os maiores ganhos de competitividade para a China. O estudo conclui que:

a concorrência entre o Brasil e a China é real, e se mostra expressiva no mercado africano. Tendo em vista que os ganhos chineses foram acompanhados na maioria das vezes por perdas de competitividade por parte do Brasil, principalmente no setor de maquinaria e equipamentos de transporte, pode-se concluir que grande parte das perdas do Brasil é devida aos ganhos de participação da China.

Tabela 18: Perdas do Brasil atribuídas à China na África do Sul (em %)

Setor	2003/2005	2005/2007	2007/2009
Substâncias Químicas e Produtos Relacionados	32,0	40,2	49,2
Fabricação de Bens Classificados por Material	70,4	71,3	37,2
Maquinaria e equipamentos de Transporte	-	75,3	72,6
Artigos Fabricados Diversos	-	97,1	81,7

Fonte: Silva&Hidalgo, 2012.

Para Roberto Dias, diretor de Relações Institucionais do Grupo Odebrecht, as construtoras brasileiras que empregam centenas de milhares de pessoas, estão perdendo muitas obras para os chineses, em mercados tradicionais como Venezuela, Equador e Peru na AL, Angola e Moçambique na África. No Equador, no dia que a Odebrecht saiu, o chinês entrou (DIAS, 2012)<sup>44</sup>. A Odebrecht realizou parte de seu processo de internacionalização em países africanos, como Angola e Moçambique. Sem concorrentes, esses países eram uma fonte de mercado e oportunidades de investimento. No entanto, esse cenário vem mudando ao longo dos anos, pois essas empresas vêm se deparando com fortes sinais de concorrência chinesa, com sua enorme demanda por petróleo e demais commodities, acompanhada de generosas ofertas de financiamento concedidas por Beijing (SILVA&HIDALGO, 2012). As empresas chinesas estão ampliando rapidamente seu acesso às reservas africanas, e começando a passar à frente do Brasil, fazendo acordos altamente vantajosos para países do continente africano. Hoje, a China em Angola é dez vezes maior que a Odebrecht, sendo que está no país há bem menos tempo. Para Dias, há, por parte do chinês, vontade política de

<sup>44</sup> Em 2008, o governo equatoriano expulsou a Odebrecht do país, com o argumento de que a usina hidrelétrica que ela havia construído continha problemas severos, como fissuras em dutos subterrâneos, desgastes nos rotores de turbinas e presença de materiais de baixa qualidade na estrutura da obra. Atualmente (2013), Odebrecht está de volta ao Equador, competindo com os chineses.

longo prazo, vontade essa que irradia no povo todo. A Odebrecht foi lá para buscar uma coisa apenas: fazer obra. Já o chinês foi para lá com uma estratégia de fazer um negócio e atender uma carência sua: o petróleo.

Já os mexicanos estão muito preocupados com sua própria economia e mercado, além da perda de terceiros mercados para os chineses. Embora parte dos empresários mexicanos tenha se aproveitado dos preços chineses mais baixos para produtos intermediários e de bens de consumo, comparados ao dos produtores domésticos, outros culpam a China pela competição desleal, pelos salários baixos e, os mais radicais, acusam o país asiático de ter prejudicado a economia mexicana como um todo.

Conforme visto no Capítulo III, 3.4, o comércio entre China e México tem sido extremamente prejudicial para o último (em 2011 os mexicanos exportaram para os chineses US\$5,9 bilhões e importaram US\$52,3 bilhões). Atualmente, o país asiático é o maior parceiro comercial dos EUA, tendo conquistado a posição do México, de longa data, de terceiro maior exportador para os EUA. Em 2009, mais de 85% de toda a exportação mexicana foram destinadas aos EUA e para Gallagher e Porzecanski (2010), depois que a China entrou para a OMC, em 2001, mais de 80% das exportações mexicanas estão sob algum tipo de ameaça da China. Como exemplo podemos citar o estudo de Jenkins que apurou que o México teve sua participação nas importações de PCs dos EUA reduzida pela metade, de 14% em 2001 para abaixo de 7% em 2006, enquanto a participação da China mais do que triplicou, de 14% para 45% no mesmo período. Como resultado, estima-se que mais de 45 mil empregos foram perdidos na indústria mexicana de eletrônicos entre 2001 e 2003 (JENKINGS, 2009, p. 49). Outro setor onde o México perdeu competitividade para a China é o da indústria de aparelhos de televisão. Se em 2000 ele respondia por 65% das importações norte-americanas, entre 2000 e 2006 ele viu sua participação cair em 12,4%, enquanto que a chinesa aumentava em 25% (GALLAGHER&PORZECANSKI, 2010).

De têxteis a *maquiladoras*, as indústrias mexicanas têm pedido ao seu governo que as proteja da enxurrada de produtos com preços baixos que chegam legal ou ilegalmente da China e da perda de empregos devido aos baixos salários das fábricas chinesas. Em 2003, por exemplo, o setor de *maquiladoras* reportou perdas de 25 mil empregos e mais de US\$10 bilhões em vendas com o contrabando chinês (HEARN *et all*, 2011, p. 141). Fato é que o México não consegue mais competir com a China em áreas que por muitos anos dominou, tais como máquinas industriais, equipamento de telecomunicações, televisores, geradores

elétricos, têxteis e produtos em algodão. Enquanto isso, áreas em que o México está tentando desenvolver, tais como bens elétricos, equipamentos de camping e eletrodomésticos também são dominadas pelos chineses<sup>45</sup>.

Analisando as exportações do México, Argentina, Brasil e Uruguai para a ALADI, Castilho apurou não apenas que os países latino-americanos sofrem competição chinesa como os setores em que tal competição parece impor maiores prejuízos são três setores com maior conteúdo tecnológico: químicos, informática e telecomunicações e máquinas e equipamentos. No caso de informática e telecomunicações, por exemplo, a China foi responsável pela quase totalidade das perdas do México no mercado da ALADI (95,8%) e mais de 85% para o Brasil e para a Argentina no período 2005-2009. A concorrência chinesa também é forte em produtos tradicionais como têxteis e calçados e móveis e suas partes. Entre 2005-2009, por exemplo, a China foi responsável por 93,5% das perdas do México, 89,9% das perdas do Brasil e 76,9% das perdas do Uruguai no setor de móveis e suas partes (CASTILHO, 2012, pp. 144-145).

No Brasil, com o avanço da China nos mercados globais de manufaturas, o debate sobre a perda de importância relativa da indústria nacional ganhou intensidade na última década, apontando para a existência de um possível processo de “desindustrialização” acompanhado pela “re-primarização” da pauta de exportação no país. O que os especialistas querem saber é se o vigor da China no comércio internacional de manufaturas não tem prejudicado a indústria brasileira, uma vez que os produtos manufaturados chineses estariam entrando em competição direta com os brasileiros, tanto na região quanto no mercado doméstico. Vimos que o Brasil tem perdido *market share* em várias regiões para os chineses. Porém, não podemos deixar de mencionar outros fatores que têm prejudicado a nossa indústria nacional. A Argentina, importante importadora de nossos produtos manufaturados, tem colocado restrições a nossas importações que são, no mínimo, duvidosas no que tange à sua vontade de fazer do MERCOSUL um bloco comercial de sucesso. A última política adotada pela Argentina, de condicionar a importação do Brasil à exportação em igual valor (“uno por uno”, em referência a “um dólar importado igual a um dólar exportado”) por mais um ano, enquanto continua a aumentar suas importações da China traz, no mínimo,

---

<sup>45</sup> No entanto, com a recuperação nos últimos 3 anos das taxas de crescimento mexicanas, desde a queda em 6,5% em 2009, há quem considere o México, a partir de 2012, a nova vedete da América Latina. Para analistas, o país só tem a ganhar com a demanda Chinesa por commodities caindo e sua mão de obra mais cara, o que acaba por devolver ao México alguns dos mercados que ele perdeu.

desconfianças sobre sua seriedade em relação ao futuro do bloco. Os outros países da AL, para onde o Brasil vende seus produtos manufaturados, já estão com seus mercados “satisfeitos”, sem muito mais espaço para grandes crescimentos (sem mencionar que eles também têm importado cada vez mais produtos chineses). A política cambial brasileira também não tem contribuído, sendo a última década marcada por um dólar “anti-exportação”.

Mas talvez, o mais agravante de todos, seja a falta de uma política industrial clara no país, que possa “dar um rumo” aos empresários, que contribua para que nossa indústria se torne competitiva. Em 2010, por exemplo, com a exigência de conteúdo nacional nas licitações na Agência Nacional de Petróleo, a Organização Nacional da Indústria do Petróleo – ONIP fez um estudo sobre a competitividade da cadeia produtiva de óleo e gás offshore no Brasil. O estudo apurou que o custo Brasil é maior em comparação a vários outros países (Tabela 19) e que, enquanto as empresas estrangeiras necessitam de até 60 mil horas para desenvolver um projeto de engenharia básica, no Brasil precisamos de até 350 mil horas. No geral, o Brasil, além de não ofertar a maioria dos equipamentos mais elaborados, apresenta um custo 55% superior dos que consegue ofertar.

Tabela 19: Comparação dos custos Brasil para setor Óleo e Gás

<b>Produto</b>	<b>Custo (%) mais caro no Brasil</b>	<b>País de referência</b>
Válvula Borboleta	258%	China
Bomba de Processo	31%	México
Caldeira Naval	48%	China
Bomba Sea Water Lift	18%	Noruega
Bomba Sea Water Lift	49%	EUA
Trocador de Calor	67%	Europa
Flange 18"	59%	Europa

Fonte: ONIP. Elaboração própria.

Fato é que a pauta exportadora dos países analisados, com exceção do México e, em parte, da Costa Rica, para a China está concentrada em recursos naturais. E é fato também que os países da região estão perdendo terceiros mercados e, em alguns casos, importantes fatias de seu mercado doméstico para seus produtos manufaturados, conforme exemplos acima. Sem dúvida a ascensão da China tem colocado grandes desafios para o desenvolvimento do continente latino-americano.

Em suma, como concluíram Gallagher & Porzecanski de seus estudos sobre o futuro da industrialização da AL: (1) as exportações da AL para a China estão muito concentradas em alguns produtos primários, em certos países e setores, deixando a maioria dos países latino-americanos sem a oportunidade de ganhar da China como mercado para suas exportações. (2) A China está superando competitivamente as exportações de manufaturados da AL no mundo e nos mercados regionais, sendo sua penetração nos mercados de manufaturados muito mais veloz do que a latino-americana. Para os autores, 94% de todas as exportações de manufaturados dos países da América Latina estão ameaçadas pela China. (3) A China está desenvolvendo rapidamente suas capacidades tecnológicas necessárias para o desenvolvimento industrial, enquanto a AL (e particularmente o México) não está prestando a devida atenção ao seu desenvolvimento industrial e inovação. Estas três tendências podem acentuar o padrão de especialização na AL e podem prejudicar os prospectos de longo prazo para seu desenvolvimento econômico se a região não aproveitar a oportunidade para se desenvolver (GALLAGHER & PORZECANSKI, 2010, pp. 136-139).

## CONCLUSÃO

Nesse estudo vimos que uma consequência direta do rápido crescimento econômico chinês e de seus processos de industrialização e urbanização foi o aumento da demanda por diversas commodities. Tal demanda fez com que os chineses adotassem no seu 10º. Plano Quinquenal a estratégia *going global* que passou a encorajar grandes empresas chinesas a procurar relacionamentos no exterior a fim de construir cadeias de suprimentos globais. Essa nova realidade chinesa teve grande impacto na América Latina – “efeito China” - com os fluxos de comércio crescendo de forma mais rápida entre as economias das duas regiões (quando comparados à média dos demais destinos de exportações e origens de importações) a partir do início do século XXI. Atualmente, a China é o principal exportador para o Brasil, Panamá e Paraguai, sendo o segundo maior para todos os demais países, com exceção da Bolívia. Quanto às exportações latino-americanas, três países da região já têm a China como principal destino de suas exportações: Brasil, Chile e Peru.

Em acordo com vários dos trabalhos tomados como referência para esse estudo e com dados próprios levantados, concluímos que existe uma série de complementaridades entre China e AL. A mais importante é, sem dúvida, a do comércio. Em geral, o “efeito China” é positivo na taxa de exportação para os países que são exportadores líquidos de commodities, particularmente minerais e petróleo, como o Chile, Peru, Venezuela e Equador. Brasil e Argentina também se beneficiam de suas exportações de commodities como o minério de ferro e soja brasileiros e óleo de soja argentino. São esses países os maiores beneficiados com os investimentos chineses na região, uma vez que 86% do IED chinês na AL durante o período de 1990-2010 (de um total de US\$25,9 bilhões) foram para os setores de energia e de recursos naturais. Apenas o Brasil recebeu US\$ 14,3 bilhões em investimentos. São esses países também os maiores receptores dos créditos chineses. Os bancos estatais chineses emprestaram mais de US\$ 75 bilhões à América Latina desde 2005 e, apenas em 2010, mais do que o Banco Mundial, o Interamericano de Desenvolvimento e o americano EximBank juntos. A Venezuela recebeu, nos últimos anos, créditos no total de US\$42,5 bilhões, seguida pelo Brasil, com US\$10 bilhões e Equador com US\$6 bilhões, dentre outros, com a grande maioria desses valores a serem pagos em petróleo. A China revelou-se uma fonte alternativa de crédito importante para países inadimplentes, com dificuldades para acessar os mercados de capitais internacionais, como a Argentina e o Equador. Dessa forma, a China vai se

organizando nos países da AL de forma a garantir não apenas o abastecimento de commodities que tanto necessita, como ajuda alguns países ao assumir, em parte, o papel que já foi exclusivo do FMI e do Banco Mundial.

Observamos que tem havido um crescimento da “primarização” da pauta das exportações da América Latina em geral, com alguns países altamente dependentes de suas exportações de commodities, como é o caso da Venezuela e Equador com o seu petróleo ou o Chile com o seu cobre<sup>46</sup>. Países que, além de dependerem das exportações de suas commodities, também dependem da importação de produtos manufaturados por não possuírem um parque industrial estabelecido para abastecer seu mercado doméstico e, nesse caso, se beneficiam dos produtos baratos chineses. Mas, para países intermediários como o Brasil e a Argentina, com commodities e um setor industrial desenvolvido, o “efeito China”, embora tenha gerado ganhos para suas exportações de commodities, ele tem colocado, no mínimo, grandes desafios para os setores industriais desses países. A expansão das exportações de produtos manufaturados chineses para a Europa, EUA e para a própria AL deslocou exportações de produtos de maior intensidade tecnológica dos países latino-americanos em todos os mercados, fazendo com que os países da AL perdessem não apenas terceiros mercados como seus próprios mercados domésticos para os produtos chineses. Dos países analisados, o México é o país mais prejudicado. Mais de 80% das exportações mexicanas para os EUA passaram a ser ameaçadas pelos concorrentes chineses, sendo que os mexicanos não estão conseguindo competir com os chineses em áreas que dominaram por muito tempo. Detectamos, dessa forma, uma clara tendência na região para se tornar mais especializada na produção de produtos primários e manufaturas baseadas em recursos naturais, enquanto a China se especializa em bens manufaturados que estão se tornando mais sofisticados tecnologicamente com o tempo. Como resultado, as partes de alto valor da cadeia de valores global estão se concentrando na China, e não na América Latina.

No quesito política, a China tem, cada vez mais, se aproximado diplomaticamente dos países da AL por meio de uma política externa baseada na não interferência em assuntos domésticos dos estados e na promoção da integridade da soberania do estado, pontos bem vistos por países em desenvolvimento. Embora tenha reconhecido o Brasil, Venezuela,

---

<sup>46</sup> Um estudo do FMI (2011) ressaltou a forte dependência dos países da região de suas exportações mundiais de commodities. Segundo o relatório, em 2010 havia países cuja dependência correspondia a 10% do seu PIB. O Chile é um exemplo: suas exportações, *apenas* para a China, em 2011, representaram 7,5% de seu PIB, sendo que do total exportado, mais de 80% foram de cobre e seus subprodutos. Uma possível quebra na demanda chinesa por tal commodity teria um impacto negativo muito grande para o país.

México, Brasil e Peru como “parceiros estratégicos”, são os líderes políticos de países como Venezuela, Equador e Bolívia que têm se aproximado da China em busca de laços políticos mais fortes. Tais líderes buscam enfatizar a importância dos valores socialistas que compartilham com a China, embora a própria China relativize os aspectos ideológicos desses relacionamentos. À China interessa-lhe, por ora, convencer os EUA e o resto do mundo que suas intenções para com a AL – historicamente uma região de grande influência dos norte-americanos - são pacíficas.

Isso posto, depois de analisar as relações entre China e América Latina nos últimos 10 anos, ficou claro para nós as mudanças que ocorreram na América Latina com a presença chinesa. Mas como a América Latina está mudando para lidar com a China ainda não ficou claro. Para decidir o que fazer e como fazer, os países latino-americanos precisam reconhecer que os chineses não são mais apenas produtores de “produtos baratos”. Os chineses têm o apoio do governo central, eles têm acesso a mercados financeiros, a créditos bilionários e estão se tornando cada vez mais capacitados tecnologicamente. “A China já sabe o que quer para 2020 e, o mais importante, já tem um plano para alcançar seus objetivos”<sup>47</sup>. Já com uma visão de curto-médio prazo, na AL, os países produtores de commodities, que têm obtido ganhos de exportações com os altos preços das commodities, usam tais recursos para melhorar o bem-estar da população, investindo em políticas sociais, e postergam o desenvolvimento de um setor industrial competitivo, inovador. Dessa forma, correm um grande risco de atrasar ainda mais seu desenvolvimento, pois apoiam-se apenas no atual valor das commodities como fonte de suas reservas. Tais países deveriam ver esse momento e relação como uma grande oportunidade, pois não há nada que garanta que os preços altos das commodities sejam *ad eternum* e ter recursos naturais não é um problema. O problema é saber o que fazer com eles. Em toda a indústria pode haver desenvolvimento tecnológico. Tomemos o caso do lítio como exemplo. Argentina, Chile e Bolívia exportam lítio como matéria-prima, enquanto Japão, Coreia do Sul e Estados Unidos o utilizam em todo seu valor agregado para a indústria das baterias. Mas já para países intermediários como Brasil e Argentina os desafios são outros, pois assistimos hoje uma grande perda de competitividade do setor industrial. No caso do Brasil, enfrentamos o problema de nossos produtos manufaturados não serem nem atraentes nem competitivos. Muitas empresas, ao analisarem futuros investimentos e expansão, acabam optando por não fazê-los, pois os custos Brasil, a taxa de câmbio, a falta

---

<sup>47</sup> Citado em García (2006), p. 288.

de uma política industrial clara e de longo prazo, fazem com que elas não consigam ser competitivas. A competição chinesa nas atividades industriais tem trazido graves problemas e dificuldades.

Os desafios não são pequenos. Como já citado anteriormente, *o que torna uma empresa ou um país competitivo de maneira sustentável não é o que ele sabe hoje, mas quão rapidamente ele aprende e inova como o caso do rápido crescimento econômico chinês vem demonstrando* (MASIERO, 2006). É *sine qua non* que os países latino-americanos busquem crescer em áreas diferentes, e não apenas no setor de recursos naturais. Formar capital humano mais especializado, inovar, buscar o avanço tecnológico, investir em infraestrutura, traçar uma política industrial com o objetivo de produzir produtos elaborados e competitivos, são passos que devem ser seguidos pelos países que buscam seu desenvolvimento. *It is the privilege of great countries to have grand strategies* (Lampton, 2008).

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACIOLY, Luciana; CINTRA, Marcos A M; PINTO, Eduardo C. *China na nova configuração global. Impactos políticos e econômicos*. Organizadores: Rodrigo P F Leão, Eduardo C Pinto, Luciana Acioly. IPEA, 2011, pp. 307-350.

\_\_\_\_\_. *As relações bilaterais Brasil-China: a ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil*. IPEA, 2011.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *A China e seus interesses nacionais: algumas reflexões histórico-sociológicas*. Colunas de RelNet, n.11, jan.-jun. 2005. Disponível em: <<http://http://meridiano47.files.wordpress.com/2010/05/v6n59.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

ARNDT, Michael; EINHORN, Bruce. *The 50 Most Innovative Companies*. Bloomberg BusinessWeek, 15 abr. 2010. Disponível em: <[http://www.businessweek.com/magazine/content/10\\_17/b4175034779697.htm](http://www.businessweek.com/magazine/content/10_17/b4175034779697.htm)>. Acesso em: 05 out. 2012.

ARTAZA, Mario Ignacio. *China: No estamos de brazos cruzados con China*. Biblioteca Del Congreso Nacional de Chile, 28 dez. 2007. Disponível em: <<http://asiapacifico.bcn.cl/columnas/no-estamos-de-brazos-cruzados-con-china>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

BLAZQUEZ-Lidoy, J.; RODRIGUEZ, J.; SANTISO, J. *Angel or Devil? China's Trade Impact on Latin American Emerging Markets*. Paris: OECD Development Centre, 2006.

BURTON, Dan. *China's Influence in the Western Hemisphere*. Subcommittee on the Western Hemisphere Committee on International Relations, 06 abr. 2005. Disponível em: <<http://internationalrelations.house.gov/archives/109/bur040605.pdf>>. Acesso em 20 set. 2012.

CAPECHI. Camara de Comercio Peruano-China. Disponível em: < [http://www.capechi.org.pe/\\_5\\_1.html](http://www.capechi.org.pe/_5_1.html) > Acesso em: 20 out. 2012.

CARRACELAS, Gastón. **Relaciones comerciales bilaterales entre Uruguay y China**. IN: *El impacto de China en América Latina: Comercio e Inversiones*, Gustavo Bittencourt (Org.). Uruguai, 2012, pp. 125-131.

CASTILHO, Marta. **Competição chinesa nos mercados da ALADI: avaliação a partir da metodologia Constant market share (CMS)**. IN: *El impacto de China en América Latina: Comercio e Inversiones*, Gustavo Bittencourt (Org.). Uruguai, 2012, pp. 137-144.

CEBC. Conselho Empresarial Brasil-China. *China Brazil Update*. Ed. 5, ago 2012.

CEPAL. *Exportações da América Latina para a China cresceram 45% no 1º semestre*. Economia e Negócios, 02 set. 2009. Disponível em: <<http://http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/09/exportacoes-da-america-latina-para-a-china-cresceram-45-no-1o-semester-diz-cepal.html>>. Acesso em: 19 out 2012.

CESARÍN, Sergio. *La Relación Sino-Latinoamericana, entre la Práctica Política y La Investigación Académica*. Nueva Sociedad, nr. 203. Buenos Aires: FES, 2006, mai-jun.

\_\_\_\_\_. **The Relationship Between China and Latin America: Realities and Trends**. IN: *Enter the Dragon: China's Presence In Latin America*. Cynthia Arnson, Mark Mohr, Riodan Roett. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2008, pp. 17-25.

CHAVES, Danielle; SOUZA, Marcílio. *Importação de petróleo e cobre na China sobe em dezembro*. Economia e Negócios, 21 jan. 2010. Disponível em: <<http://estadao.com.br/noticias/economia,importacao-de-petroleo-e-de-cobre-na-china-sobe-em-dezembro,499201,0.htm>>. Acesso em: 09 set 2012.

CHEN, Rosalie. *China perceives America: Perspectives of international relations experts*. Journal of Contemporary China, v.12, n. 35, p. 288, 2003.

CHENG Siwei. *Bright Prospects for China – Latin America and the Caribbean Cooperation*. Speech before the Organization of American States. Washington, DC, 6 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.oas.org/speeches/speech.asp?sCodigo=05--273>>. Acesso em: 23 set. 2012.

CHINA BUSINESS GUIDE. *Gateway to the land of Opportunities*. 3<sup>rd</sup> ed. Singapore: China Knowledge Press, 2005.

CIA. *The World Factbook*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

CIC. *China Investment Corporation*. Disponível em: <[www.china-inv.cn/cicen/about\\_cic/aboutcic\\_overview.html](http://www.china-inv.cn/cicen/about_cic/aboutcic_overview.html)>. Acesso em: 01 out. 2012.

CINTRA, Túlio. *Electricity and gas in the Southern cone of Latin America: can Market integration succeed?* Sheffield: University of Sheffield, 2002.

CNI. Confederação Nacional da Indústria. *Observatório Brasil-China*. Ano 3, Número 2, janeiro/março de 2010. Disponível em: <<http://www.cni.org.br>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

COATES, Brendan; LUU, Nghi. *China's emergence in global commodity markets*. Australian Treasury Publications, 2012.

COMTRADE. *United Nations Commodity Trade Statistics Database*. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/>>. Acesso em: dez 2012.

CRI. *Cúpula Empresarial China-América Latina defende desenvolvimento comum*, 21 out. 2010. Disponível em: <<http://portuguese.cri.cn/561/2010/10/21/1s127883.htm/>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

CUNHA, André Moreira. *A Economia Política do “Milagre Chinês”*. Escolas do Pensamento Econômico, Metodologia e Economia Política, UFRGS, 2008. Disponível em:

<<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807091508220-.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2012.

DECLOEDT, Cynthia. *Petrobras fecha financiamento de US\$ 10 bilhões na China*. Estado de São Paulo: 19 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2012.

DENG, Xiaoping. *Textos escogidos*, v.3. Beijing: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1994. \_\_\_\_\_ . *Deng Xiaoping Wenxuan*, Obra Seletas de Deng Xiaoping, 1975-1982, vol. 2, Pequim: Xinhua Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *Fundamental Issues in Present-Day China*. Beijing: Foreign Language Press, 1987.

DEVLIN, Robert. **What does China mean for Latin America?** IN: *Enter the Dragon: China's Presence in Latin America*. Cynthia Aranson, Mark Mohr, Riodan Roett. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2008, pp. 3-8.

\_\_\_\_\_, ESTEVADEORDAL, Antonil; RODRÍGUEZ, Andrés-Clare. *The Emergence of China: Opportunities and Challenges for Latin America And the Caribbean*. New York: Inter-American Development Bank and Harvard University, 2006.

DUSSEL-PETERS, E. *Economic opportunities and challenges posed by China for Mexico and Central America*. Bonn: DIE/GDI, 2005.

\_\_\_\_\_. *Chinese FDI in Latin America: Does Ownership Matter?* Working Group on Development and Environment in the Americas. Discussion Paper Number 33, nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Relações de comércio bilaterais entre México e China**. IN: *El impacto de China en América Latina: Comercio e Inversiones*. Gustavo Bittencourt (Org). Uruguai, 2012, pp. 110-115.

DIAS, Roberto. Diretor de Relações Institucionais do Grupo Norberto Odebrecht. Entrevista em dezembro de 2012.

ELLIS, R. E. *China in Latin America: The Whats and Wherefores*. EUA: Lynne Rienner Publishers, 2009.

\_\_\_\_\_. *The Expanding Chinese Footprint in Latin America*. Ifri Center for Asian Studies. Asie.Visions 49, fev 2012.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: Uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FMI. *Western Hemisphere. Shifting Winds, New Policy Challenges*. Washington, DC: IMF, out, 2011.

FOOT, Rosemary. **Estratégias chinesas em uma ordem global hegemônica: acomodação e hedging**. IN: *Os Brics e a Ordem Global*, p. 125-152. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FORNÉS, Gastón; PHILIP, Alan B. *The China-Latin America Axis. Emerging Markets and the Future of Globalisation*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

GALLAGHER, Devin P.; PORZECANSK, Roberto. *The Dragon in the room: China & the future of Latin American Industrialization*. California: Stanford University Press, 2010.

GAMAZO, Diego. *Chinese-Peruvian trade. Peru's role as China's strategic supplier*. CEIBS, Shanghai, 2010.

GARCÍA, Arturo Oropeza. *China: entre el Reto y La Oportunidad*. México City, Ed. UNAM, 2006.

GARCIA, Maru. *Ropa china aniquila el comercio em Zapotlanejo*. El Occidental, Guadalajara, México, 17 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.oem.com.mx/eloccidental/notas/n527940.htm>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

GARCIA-Herrero, A.; SANTABARBARA, D. *Does China have an impact on foreign investment to Latin America?* Disponível em: <<http://www.bis.org/repofficepubl/apresearchhgh070424.pdf>>. Acesso em: out. 2012.

GONZÁLES, Francisco E. **Latin America in the Economic Equation – Winners and Losers: What Can Losers Do?** IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere*. Riordan Roett and Guadalupe Paz, eds. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2008, pp. 148-169.

HEARN, Adrian H.; SMART, Alan; HERNÁNDEZ, Roberto H. **China and Mexico: Trade, Migration, and Guanxi**. IN: *China Engages Latin America. Tracing the Trajectory*. Adrian H. Hearn e José Luis León-Marnríquez. Colorado, EUA: Ed. Lynne Rienner Publishers, 2011, pp. 139-158.

HIRATUKA & SARTI. *Ameaça das exportações Chinesas nos Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil*. Boletim NEIT número 10. Campinas: dez. 2007.

HIRST, Monica. **A South-South Perspective**. IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere*. Riordan Roett and Guadalupe Paz, eds. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2008, pp. 91-108.

HU, Jintao. Discurso proferido no 17º. Congresso Nacional do Partido em outubro de 2007. Disponível em: <[http://www.chinadaily.com.cn/china/2007-10/24/content\\_6204564.htm](http://www.chinadaily.com.cn/china/2007-10/24/content_6204564.htm)>. Acesso em: 14 out. 2012.

JACQUES, Martin. *When China Rules the World: The End of the Western World and the Birth of a New Global Order*. New York: Penguin Press HC, 2009.

JAKOBSON, Linda. KNOX, Dean. *New Foreign Policy Actors in China*. SIPRI Policy Paper, 26 set. 2010. Disponível em: <<http://books.sipri.org/files/PP/SIPRIIPP26.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2012.

JENKINS, Rhys. **The Latin American Case.** IN: *China and Latin America: economic relations in the twenty-first century*. Rhys Jenkins, Enrique Dussel Peters. Mexico City, Bonn: DIE, 2009, p. 21- 64.

JIANG, Shixue. **The Chinese Foreign Policy Perspective.** IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere*. Riordan Roett and Guadalupe Paz, eds. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2008, pp. 27-43.

KHANNA, Parag. *O Segundo Mundo: Impérios e influência na nova Ordem Global. Estados Unidos, China e União Européia e a estratégia pela conquista das nações emergentes*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

KURLANTZICK, Joshua. **China's Growing Influence in Southeast Asia.** IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere: Implications for Latin America and the United States*. Washington: Brookings Institution Press, 2008, pp. 193-212.

LAMPTON, David M. *The Three Faces of Chinese Power: Might, Money, and Minds*. Londres: University of California Press Ltd, 2008.

LI Zhisui. Depoimento ao documentário *China: A Century of Revolution*. Ambrica Productions, 1997.

LU, Yiyi. *The collective study sessions of the Politburo: a multipurpose tool of China's central leadership*. University of Nottingham, China Policy Institute, Briefing Series no. 27, Oct. Disponível em: <<http://www.nottingham.ac.uk/CPI/china-analysis/2007/index.aspx>>. Acesso em: 01 out. 2012.

MACIEL, Rodrigo T; NEDAL, Dani K. **China and Brazil: Two Trajectories of a "Strategic Partnership"**. IN: *China Engages Latin America. Tracing the Trajectory*. Adrian H. Hearn e José Luis León-Manríquez, eds. Londres: Lynne Rienner Publishers, 2012, pp. 235-256.

MALENA, José E. **China and Argentina: Beyond the Quest for Natural Resources.** IN: *China Engages Latin America. Tracing the Trajectory*. Adrian H. Hearn e José Luis León-Manríquez, eds. Londres: Lynne Rienner Publishers, 2012, pp. 257-280.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *Doutrina Monroe*. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/doutrina-monroe-1823.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

MARTI, M.E. *A China de Deng Xiaoping: o homem que pôs a China na cena do século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MARTINS, Maria. *A Ásia Maior: O Planeta*. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2008.

MASIERO, Gilmar. *Negócios com Japão, Coréia do Sul e China: Economia, gestão e relações com o Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Origens e desenvolvimento das Township and Village Enterprises (TVEs) chinesas*. Revista de Economia Política. São Paulo: Jul-Set. 2006, vol. 26, nr. 3. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000300006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000300006&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 27 set. 2012.

MEDEIROS, Carlos A. **China: entre os Séculos XX e XXI**. IN: *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. José Luís Fiori (organizador). Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1999, pp. 379-411.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento econômico e ascensão nacional: rupturas e transições na Rússia e na China**. IN: *O Mito do Colapso Americano*. José Luís Fiori, Carlos Medeiros e Franklin Serrano. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008, pp. 173-277.

\_\_\_\_\_. *China: Desenvolvimento econômico e ascensão nacional*. Funag, 2008a. Disponível em: <[http://www.cebri.com.br/cebri/brasil\\_china\\_paginador/artigos/pagina/4](http://www.cebri.com.br/cebri/brasil_china_paginador/artigos/pagina/4)>. Acesso em: 06 out. 2012.

\_\_\_\_\_. *O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios*. Observatório da Economia Global, nr. 3, junho 2010. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/43779489/O-ciclo-recente-de-crescimento-chines-e-seus-desafios-Carlos-Aguiar-de-Medeiros>>. Acesso em: 18 set. 2012.

\_\_\_\_\_. *Padrões de Investimento, Mudança Institucional e Transformação Estrutural na Economia Chinesa*. Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE), 2011.

McGREGOR, Richard. *A China vai comprar tudo que puder*. O Estado de S. Paulo. 27 set. 2010, Economia, B11.

McINTYRE, Robert J. *Diverse property forms within planned or partly planned economies: NEP, NEM and TVE*. Working Paper nr. 213. UNU/WIDER, 2000.

MITCHELL, Donald. *A Note on Rising Food Prices*. The World Bank Development Prospects Group. Working Paper 4682, jul. 2008.

MORAES, Antônio Luiz Machado de. *A Liberalização Econômica da China e sua Importância para as Exportações do Agronegócio Brasileiro*. Embrapa Informação Tecnológica, Texto para Discussão 22. Brasília: 2004.

MOREIRA, M. M. *Fear of China: is there a future for manufacturing in Latin America?* World Development, v. 35(3), p. 355-376, 2007.

NASSIF, André. *Há evidências de desindustrialização no Brasil?* Revista de Economia Política. São Paulo, vol. 28, nr. 1, jan-mar 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572008000100004&script=sci\\_arttext#nt18](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572008000100004&script=sci_arttext#nt18)>. Acesso em: 06 nov. 2012.

NAVEJAS, Francisco R. **China's Relations with Central America and the Caribbean States: Reshaping the Region.** IN: *China Engages Latin America. Tracing the Trajectory.* Adrian H. Hearn e José Luis León-Manríquez, eds. Londres: Lynne Rienner Publishers, 2012, pp. 203-220.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. *China: Estabilidade e Crescimento Econômico.* Revista de Economia Política. São Paulo: Abri-Jun. 2010, vol. 30, nr. 2. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 09 set. 2012.

O'GRADY, Mary Anastasia. *The Middle Kingdom in Latin America.* Wall Street Journal, 3 set. 2004, p. A11. Disponível em: <<http://archives.econ.utah.edu/archives/marxism/2004w35/msg00219.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2012.

OLIVEIRA, Amaury Porto de. *O salto qualitativo de uma economia continental.* Política Externa. vol. 11.nº 4, março, abril, maio, 2003, pp. 6-13.

OLIVEIRA, Carlos Tavares. *O despertar da China: 1980-2002.* 2. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2002.

OLIVEIRA, Eliane. *Argentina se protege de produtos brasileiros, mas alivia os chineses.* **O Globo**, Economia, 13 jul. 2012. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/economia/argentina-se-protege-de-produtos-brasileiros-mas-alivia-os-chineses-5474599> >. Acesso em: dez 2012.

PADULA, R., BARROS, P., SEVERO, L. *A integração Brasil-Venezuela e o Eixo Amazônia-Orinoco.* Boletim de Economia e Política Internacional, nr. 7, jul/set 2011.

PALACIOS, Luisa. **Latin America as China's Energy Supplier.** IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere: Implications for Latin America and the United States.* Washington: Brookings Institution Press, 2008, pp. 170-192.

PAZ, Gonzalo S. **China and Venezuela: Oil, Technology, and Socialism.** IN: *China Engages Latin America. Tracing the Trajectory.* Adrian H. Hearn e José Luis León-Manríquez,. Colorado, EUA: Ed. Lynne Rienner Publishers, 2011, pp. 221-234.

PRATES, Daniela M. *A alta recente dos preços das commodities.* Revista de Economia Política, vol. 27, nr. 3. São Paulo, jul/set 2007.

PRYBYLA, Jan. *China's Economic Dynamos.* Current History, set 1992, p. 265.

PYE, Lucian W. *The Spirit of Chinese Politics.* Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1992.

ROACHE, Shaun K. *China's Impact on World Commodity Market.* FMI Working Paper, mai 2012. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2012/wp12115.pdf>> . Acesso em dez. 2012.

ROETT, Riordan; PAZ, Guadalupe. **Assessing the Implications of China's Growing Presence in the Western Hemisphere.** IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere: Implications for Latin America and the United States.* Washington: Brookings Institution Press, 2008, pp. 1-23.

SALES of motorcycles booming in China. Xinhua, 17 jun. 2008. Disponível em: <[http://chinadaily.com.cn/bizchina/2008-06/17/content\\_6769866.htm](http://chinadaily.com.cn/bizchina/2008-06/17/content_6769866.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2012.

SECEX. Secretaria de Comércio Exterior, 2009. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

SERRANO, Franklin. *Continuity and Change in the International Economic Order: Towards a Sraffian interpretation of the change in the trend of "commodity" prices in the 2000s.* Disponível em: < <https://dl.dropbox.com/u/22235879/Descolamento%20BRICS/Commodity%20Prices%20Serrano%202012.doc> >. Acesso em: 02 mar 2013.

SHIN, Wong K. *A China explicada para Brasileiros.* São Paulo: Atlas, 2008.

SHUANGRONG, He. *China – Latin America Relations: Review and Analysis.* China, Social Sciences Academic Press, 2011.

SILVA, Ariane D. B.; HIDALGO, Álvaro B. *A concorrência entre o Brasil e a China no mercado Sul-africano: uma aplicação do modelo constant-market-share.* Rev. Econ. Contemp. vol.16, no.1. Rio de Janeiro: jan./abr. 2012.

SIWEI, Cheng. *Bright Prospects for China – Latin America and the Caribbean Cooperation.* Discurso feito em reunião da Organização dos Estados Americanos. Washington, DC. Disponível em: <<http://www.oas.org/speeches/speech.asp?sCodigo=05--273>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

SPENCE, D. Jonathan. *Em busca da China moderna: quatro séculos de história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

STALLINGS, Barbara. **The US-China-Latin America Triangle.** IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere: Implications for Latin America and the United States.* Washington: Brookings Institution Press, 2008, pp. 239-260-249.

STANDARD and Poor's. *The potential risk of China's large and growing presence in commodities markets,* jun 2011.

STORY, Jonathan. *China: a corrida para o mercado. O que a transformação da China significa para os negócios, os mercados e a nova ordem mundial.* São Paulo: Futura, 2004.

SWAINE, Michael D. TELLIS, Asheley J. *Interpreting China's Grand Strategy: Past, Present, and Future.* Washington: Rand, 2000.

TAKAHASHI, Susumu; WU, Junhua. **Chinese economic reform: a novel approach based on separation of economic reform and politics** IN: *Japan Research Quarterly*, vol. 1, nº 1, Summer 1992, pp. 54-55.

TOKATLIAN, Juan Gabriel. **A View from Latin America**. IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere: Implications for Latin America and the United States*. Washington: Brookings Institution Press, 2008, pp. 59-89.

TREVISAN, Claudia. *Os Chineses*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Investimentos da China no Brasil são questionados*. O Estado de São Paulo, 30 out. 2010. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101030/not\\_imp631891,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101030/not_imp631891,0.php)>. Acesso em: 06 nov. 2012a.

\_\_\_\_\_. *China concentrou exportação brasileira*. Economia & Negócios, O Estado de São Paulo, 11 abr. 2010. Disponível em: <[www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100411/not\\_imp536735,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100411/not_imp536735,0.php)>. Acesso em: 07 nov. 2012b.

\_\_\_\_\_. *A China vai comprar tudo o que puder*. Economia & Negócios, O Estado de São Paulo, 26 set. 2010. Disponível em: <[www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100927/not\\_imp615697,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100927/not_imp615697,0.php)>. Acesso em: 20 set. 2012c.

TRINH, Tamara; VOSS, Silja; DYCK, Steffen. *China's commodity hunger*. Deutsche Bank Research. Report. Frankfurt, Germany, 13 jun. 2006. Disponível em: <[www.gao.gov/new.items/d06668.pdf](http://www.gao.gov/new.items/d06668.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2012.

UNCTAD Handbook of Statistics 2012. Disponível em: [www.unctad.org](http://www.unctad.org).

UNITED States Government Accountability Office. *Energy Security: Issues related to potential reductions in Venezuelan oil production*. Jun. 2006. Disponível em: <[www.gao.gov/new.items/d06668.pdf](http://www.gao.gov/new.items/d06668.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2012.

WATSON, Cynthia. **US Responses to China's Growing Interests in Latin America? Dawning Recognition of a Changing Hemisphere**. IN: *Enter the Dragon: China's Presence In Latin America*. Cynthia Arnson, Mark Mohr, Riordan Roett eds. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2008, pp. 65-70.

WONG, Shin K. *A China Explicada para Brasileiros*. São Paulo, SP: Editora Atlas AS, 2008.

YONG, Deng; MOORE, Thomas G. *China views globalization: toward a new great-power politics?* Washington Quarterly, v. 27, n. 3, p. 120, Summer 2004.

XIANG, Lanxin. **An Alternative Chinese View**. IN: *China's Expansion into the Western Hemisphere*. Riordan Roett and Guadalupe Paz, eds. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2008, pp. 44-58.

XINHUA. *Venezuela Crudo Oil Exports to China Increase in Q1 2007*, 28 mai. 2007.

WORLD Bank, The. *China Quaterly Update*, Junho 2010. Disponível em: <<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/EASTASIAPACIFICEXT/>>

CHINAEXTN/0,,contentMDK:22502137~pagePK:1497618~piPK:217854~theSitePK:318950,00.html#Top>. Acesso em: 20 set. 2012.

WORLD Factbook, The. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

ZAKARIA, Fareed. *O Mundo pós-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZHENG, Bijian. *China's 'peaceful rise' to great power status*. Foreign Affairs, v. 84, n. 5, set/out 2005.

\_\_\_\_\_. *Peacefully rising China is a firm defender of world peace*. Discurso feito na Conferência Internacional da East Asia Cooperation and Sino-US Relations. Beijing, 3 nov. 2005.

ZHENG, Yongnian. *Will China Become Democratic?* Singapore: EAI, 2004.

ZHOU, Eve Y., STEMBRIDGE, Bob. *Patented in China: The Present and Future State of Innovation in China*. Thompson Reuters, 2010. Disponível em <[http://thomsonreuters.com/content/press\\_room/tlr/tlr\\_legal/626670](http://thomsonreuters.com/content/press_room/tlr/tlr_legal/626670)>. Acesso em: 13 out. 2012.